



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE FLORESTAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
PRÁTICAS EM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**

**SUSTENTABILIDADE: CULTURA E SIGNIFICADO. UM ESTUDO DE
CASO NO MOVIMENTO ODS (OBJETIVOS DO DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL) DO RIO DE JANEIRO.**

NATHALI VIEIRA DA SILVA

**RIO DE JANEIRO - RJ
2021**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE FLORESTAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
PRÁTICAS EM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**

**SUSTENTABILIDADE: CULTURA E SIGNIFICADO. UM ESTUDO DE
CASO NO MOVIMENTO ODS (OBJETIVOS DO DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL) DO RIO DE JANEIRO.**

NATHALI VIEIRA DA SILVA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre**, no Programa de Pós-Graduação em Práticas em Desenvolvimento Sustentável, área de concentração Práticas em Desenvolvimento Sustentável sob orientação do Prof. Euler David de Siqueira, Ph.D.

RIO DE JANEIRO - RJ
2021

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586s SILVA, NATHALI VIEIRA, 1991-
SUSTENTABILIDADE: CULTURA E SIGNIFICADO. UM ESTUDO
DE CASO NO MOVIMENTO ODS (OBJETIVOS DO
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL) DO RIO DE JANEIRO /
NATHALI VIEIRA SILVA. - RIO DE JANEIRO, 2021.
133 f.: il.

Orientador: EULER DAVID SIQUEIRA.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
PRÁTICAS EM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, 2021.

1. SUBJETIVIDADES, PRODUÇÃO DE SIGNIFICADO E
SUSTENTABILIDADE. 2. Representações Coletivas e a
Subjetividade da Sustentabilidade. 3. MOVIMENTOS
SOCIAIS. 4. O Movimento Nacional ODS. 5. Uma
etnografia no Movimento ODS do Rio de Janeiro. I.
SIQUEIRA, EULER DAVID, 1969-, orient. II Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro. PROGRAMA DE PÓS
GRADUAÇÃO EM PRÁTICAS EM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
III. Título.

NATHALI VIEIRA DA SILVA

SUSTENTABILIDADE: CULTURA E SIGNIFICADO. UM ESTUDO DE CASO NO MOVIMENTO ODS (OBJETIVOS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL) DO RIO DE JANEIRO.

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre**, no Programa de Pós-Graduação em Práticas em Desenvolvimento Sustentável, área de concentração Práticas em Desenvolvimento Sustentável sob orientação do Prof. Euler David de Siqueira, Ph.D.

Aprovada em 16 de abril, 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Euler David de Siqueira, Ph.D.

PPGPDS/IF/UFRRJ

IM/UFRRJ

Prof^a. - Isabela de Fatima Fogaça, Dr^a.

IM/UFRRJ

Prof^a. Luciana Thais Villa Gonzalez, Dr^a.

IM/UFRRJ

Prof^a. Vera Maria Guimaraes, Dr^a.

UNIPAMPA

SEROPÉDICA - RJ

2021



Emitido em 08/06/2022

ATA N° Ata/2022 - DeptAdT/IM (12.28.01.00.00.82)
(N° do Documento: 2267)

(N° do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 08/06/2022 13:34)

EULER DAVID DE SIQUEIRA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptAdT/IM (12.28.01.00.00.82)
Matrícula: 1243562

(Assinado digitalmente em 08/06/2022 14:19)

ISABELA DE FATIMA FOGACA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptAdT/IM (12.28.01.00.00.82)
Matrícula: 1771910

(Assinado digitalmente em 09/06/2022 17:25)

LUCIANA THAIS VILLA GONZALEZ
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptAdT/IM (12.28.01.00.00.82)
Matrícula: 1719301

(Assinado digitalmente em 08/06/2022 15:32)

NATHALI VIEIRA DA SILVA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 129.062.137-30

(Assinado digitalmente em 08/06/2022 20:28)

VERA MARIA GUIMARÃES
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 472.142.520-15

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufrj.br/documentos/> informando seu número:
2267, ano: **2022**, tipo: **ATA**, data de emissão: **08/06/2022** e o código de verificação: **0b627686f3**

“A medida que o mundo torna-se cada vez mais interdependente e frágil, o futuro reserva, ao mesmo tempo, grande perigo e grande esperança. Para seguir adiante, devemos reconhecer que, no meio de uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum.”

Carta da Terra

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, pelo dom da vida, por todas as bênçãos que me concede e por me permitir mais esta conquista.

Aos meus pais pela presença, por todo apoio, amor e paciência neste e nos demais momentos da minha vida.

Ao meu esposo, Ramiro Guedes do Carmo por me contagiar com sua alegria de todo dia, por me estimular a prosseguir independentemente dos obstáculos que se erguem no trajeto e por todo apoio e compreensão sobre minha dedicação para a produção desta dissertação.

Ao Prof. Euler pela orientação e apoio na produção deste trabalho, por me apresentar o universo das Ciências Sociais, pela paciência durante meu processo de aprendizagem, pela mediação para manutenção do foco na pesquisa, e principalmente por contribuir diretamente para meu crescimento pessoal, acadêmico e profissional, compartilhando seu conhecimento e acervo literário.

A minha amiga, Bárbara Oliveira, pelo companheirismo e orientações sobre as oportunidades da jornada acadêmica, pelo apoio nas anotações e gravações das atividades de campo.

Ao Programa de Pós-Graduação em Práticas em Desenvolvimento Sustentável da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, pelos conhecimentos transmitidos por meio do corpo docente e de toda a equipe da Instituição.

Aos meus colegas da T8, pelos momentos agradáveis e pelos conflituosos, que cooperaram para grandes aprendizados compartilhados e contribuíram para meu aprimoramento individual e coletivo.

A todos os membros do Movimento ODS do Rio de Janeiro que contribuíram de forma grandiosa para a construção desta dissertação, de modo especial aos entrevistados que se disponibilizaram e dedicaram seu tempo, para participar da pesquisa.

A todos que, direta ou indiretamente, colaboraram para a realização deste trabalho.

A CAPES, visto que o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Aos membros da banca de Qualificação e Defesa, que contribuíram com suas considerações para o aprimoramento desta pesquisa.

RESUMO

O desenvolvimento sustentável possui amplos contextos que são tradicionalmente categorizados em ambiental, econômico e social. Este tem recebido crescente atenção como um dos potenciais meios de mudança para conduzir a um mundo mais seguro e mais humano. Nesse sentido, este trabalho se propõe a compreender a complexidade do contexto social do Movimento ODS do Rio de Janeiro, que trabalha com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 e as significações atribuídas por seus participantes para a categoria da Sustentabilidade, visando ainda a interpretar sobre a complexidade da vida cultural do grupo em seus diversos níveis, dimensões e combinações, possibilitando a identificação de fatores que motivam os indivíduos a se engajarem e se manterem participantes em movimentos sociais que abordam a temática da sustentabilidade. A metodologia aplicada desenvolve uma pesquisa etnográfica e qualitativa com os participantes do “Movimento ODS do estado do Rio de Janeiro”, acerca de seus estímulos e motivações para a participação neste movimento, possibilitando com seus resultados, contribuir para o entendimento e o desenvolvimento de futuras pesquisas e meios que despertem o interesse dos atores sociais em ações cooperativas para o alcance do desenvolvimento equilibrado e sustentável. Foram realizadas observações em atividades de campo e entrevistas semiestruturadas com participantes para coleta de dados como parte da metodologia para desenvolvimento desta pesquisa, referenciada em autores da sociologia e antropologia que solidificam o método de análises constituídas pelas categorias de pensamento. A partir da análise dos dados foram identificadas 14 categorias de pensamento, apresentadas nos discursos dos participantes da pesquisa, que representam a categoria da sustentabilidade.

Palavras-chaves: Sustentabilidade; Representações coletivas; Mobilização.

ABSTRACT

Sustainable development has a broad contexts and is traditionally categorized as environmental, economic and social. This form of development has received growing attention, as it is being perceived as a potential means of transitioning to a safer and more humane world. In this sense, this study proposes to understand the complexity of the social context of the ODS Movement in Rio de Janeiro, working with the Sustainable Development Goals (SDGs) of the 2030 Agenda and the meanings attributed by its participants to the Sustainability category, aiming also to interpret the complexity of the group's cultural life at its different levels, dimensions and combinations, enabling the identification of factors that motivate individuals to engage and remain as participants in social movements related to sustainability. The applied methodology develops an ethnographic and qualitative research with participants of the "SDG Nucleus of the state of Rio de Janeiro", about their stimuli and motivations for participation in this movement. The results seek to contribute to the understanding and development of future research and means that awaken the interest of social actors in cooperative actions to achieve balanced and sustainable development. Observations were carried out in field activities and semi-structured interviews with participants for data collection as part of the methodology for developing this research, referenced by authors from sociology and anthropology that solidify the method of analysis constituted by the categories of thought. From the data analysis, 14 categories of thought were identified, presented in the speeches of the research participants, which represent the category of sustainability.

Key-words: Sustainability; Collective representations; Mobilization.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

ODM – Objetivos de Desenvolvimento do Milênio

UIBAAM – Unidade Básica Amiga da Amamentação

ONG – Organização Não Governamental

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

SIJO – Associação Integrada do Jardim Ocidental

SEASDH – Secretaria Estadual de Assistência Social e Direitos Humanos

CET–RIO – Companhia de Engenharia de Tráfego do Rio de Janeiro

CONSEA - Conselho Estadual de Segurança Alimentar e Nutricional

SISAN - Sistema Integrado de Segurança Alimentar

AMAERJ - Associação de Magistrados do Estado do Rio de Janeiro

LARES - Laboratório de Responsabilidade Social e Sustentabilidade

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Folder do 1º Seminário de Diálogo Sobre Agenda 2030.	70
Figura 2 – Folder do 2º Seminário de Diálogo Sobre Agenda 2030.	74
Quadro 1 – Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM).....	37
Quadro 2 – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).	38
Quadro 3 – Quadro de entrevistados.	95
Quadro 4 – Categorias de pensamento da pesquisa.	110

LISTA DE APÊNDICE E ANEXOS

APÊNDICE A – Transcrição de roteiro da entrevista.....	129
ANEXO A – Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).	131
ANEXO B – Aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa	133

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 SUBJETIVIDADES, PRODUÇÃO DE SIGNIFICADO E SUSTENTABILIDADE ...	20
1.1 Representações Coletivas e a Subjetividade da Sustentabilidade	29
2 MOVIMENTOS SOCIAIS	41
2.1 O Movimento Nacional ODS	46
3 MOVIMENTO ODS DO RIO DE JANEIRO	52
3.1 A construção de uma narrativa coletiva	57
3.2 Uma etnografia no Movimento ODS do Rio de Janeiro	63
CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS.....	119
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	123
REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS	127
APÊNDICE	129
ANEXOS.....	131

INTRODUÇÃO

Historicamente, quando se iniciaram os pensamentos e reflexões sobre o meio ambiente, prontamente vinham à mente a fauna e a flora. Assim, não era usual incluir o ser humano nessa relação. Na busca do crescimento intitulado de “desenvolvimento” e da autossuficiência econômica, essa inclusão se tornou menos relevante. Devido ao atuante modelo econômico, ao fortalecimento da sistematização de trocas com viés da lucratividade e a competição de mercado, sem a análise da relação de causa e efeito resultante das ações humanas no meio ambiente, tais como a utilização desmedida dos recursos naturais, degradação ambiental, entre outros, tornou-se mais evidente a escassez dos recursos disponíveis na natureza, da poluição do ar, dos corpos hídricos, do solo e alterações nos ecossistemas naturais, sociais e culturais (NASCIMENTO, 2012).

Frente à complexidade da compreensão sobre as mudanças causadas pela relação entre homem-meio ambiente e a não probabilidade de mudanças em uma realidade até então “desconhecida”, iniciaram-se numerosas atuações dedicadas ao estímulo dos cidadãos acerca da reflexão sobre as ações danosas ao meio em que vivem e a implantação de ações remediáveis e fomentadoras para o alcance de uma realidade “equilibrada” e igualitária para todos (GIDDENS, 1991).

Os avanços conceituais, obtidos nos anos 1970 e em decorrência dos desdobramentos das principais conferências sobre a temática, resultam numa variação complexa e abrangente da denominação de desenvolvimento sustentável que, após muitos esclarecimentos, não se limita aos fatores naturais. Mas, incorpora os aspectos sociais, culturais, econômicos e a importância de suas relações para um equilíbrio “ambiental” que promova o alcance de qualidade de vida (VEIGA, 2015).

Dentro dos amplos contextos, o desenvolvimento sustentável e a dimensão social têm recebido crescente atenção, visto que a maioria das ações movidas em prol da temática sustentável aborda o conceito de fauna e flora, herança deixada pela ecologia, minorando a presença do homem como fator determinante nesse cenário e a atenção na importância da relação consigo mesmo, que, por sua vez, reflete em sua interconexão com o meio (NASCIMENTO, 2012).

A vigente transição conflituosa da sustentabilidade pode ser considerada uma resultante do desgaste entre a relação da sociedade com a biosfera, uma crise de valores em que o “ter” e o “ser” tornam o ser humano mais atuante no papel de consumidor coisificado do que no papel de ser humano relacional (DOMINGUES, 2001).

Os discursos do desenvolvimento sustentável abordam os estilos de vida concentrados na interação do indivíduo com o meio, porém não fazem menção à relação consigo mesmo, com o próximo e de ambos com meio. Essa questão transcende aos conflitos inter-relacionais, estando centrada no contexto “intrarrelacional”, composto de um universo individual e de seus contextos racionais, emocionais e afetivos, constituídos por relações sociais (DOMINGUES, 2001).

Como afirma Le Breton em seu livro “As Paixões Ordinárias”, “o homem está afetivamente presente no mundo. A existência é um fio contínuo de sentimentos mais ou menos vivos e difusos” (2009, p. 9). David Le Breton, sociólogo e antropólogo francês, possui produções acadêmicas de relevância referentes a expressões corporais no contexto social, incluindo a dimensão das emoções. O livro “Antropologia das Emoções”, também abordado nesta dissertação, auxiliou na compreensão da simbologia corporal durante a pesquisa etnográfica com o Movimento ODS do Rio de Janeiro.

Le Breton (2019, p. 45-46) alega que os gestos compõem a comunicação em peso semelhante ao atribuído às palavras e suas significações:

Os inumeráveis movimentos corporais empregados nas interações (gestos, mímicas, posturas, deslocamento etc.) enraízam-se na afetividade individual. Da mesma forma que a pronúncia de uma palavra ou o silêncio numa conversa, eles nunca são neutros ou indiferentes, manifestando uma atitude moral em relação ao mundo e oferecendo ao discurso ou ao encontro uma corporeidade que lhes acrescenta ulteriores significações.

O indivíduo está em constante interação com o mundo que o envolve, suas emoções são modos de comunicação que refletem o regimento coletivo subjetivo negociado com apropriação cultural e pessoal, construído por toda a sua história, valores e estilo de vida. Assim, “Sua expressão está ligada a própria interpretação que o indivíduo faz do acontecimento que o afeta moralmente, modificando sua relação com o mundo de maneira provisória ou durável” (LE BRETON, 2019, p. 145).

Com base nas considerações feitas até o momento, ressalta-se a importância do fomento da dimensão social para a potencialização das ações voltadas à sustentabilidade e às atenções nas interações dos indivíduos entre si, com o outro e com o meio em que vivem. Sendo o indivíduo o ator principal na construção ou desconstrução desse “cenário” ambiental.

A partir dessa descoberta, apresento minha trajetória e motivação para desenvolver esta pesquisa. Antes de ingressar no curso de graduação em Engenharia Sanitária e Ambiental, o desejo de atuar na mitigação de impactos ambientais em ecossistemas marinhos já me era desperto. Contudo, ainda durante o período da graduação a educação ambiental, tema ao qual tive uma certa resistência em trabalhar devido ao desinteresse pessoal, se apresentou impositiva

para o avanço de minha jornada acadêmica e profissional. Iniciei minha primeira experiência profissional em uma empresa de consultoria especializada em projetos socioambientais, o que proporcionou o encerramento da graduação com o trabalho de conclusão de curso sobre a percepção ambiental de alunos das escolas rurais e urbanas do município de Teresópolis (Rio de Janeiro).

A intensa atuação em tais projetos e a constante interação social a qual estive sujeita contribuíram para uma grande transformação pessoal e profissional, bem como a geração do sentimento de gratidão e satisfação pelos trabalhos desempenhados. O desejo de continuar impactando positivamente a vida das pessoas em escalas individuais e coletivas me manteve neste ramo até o atual momento.

Contudo, tais atividades também possibilitaram a observação de que em muitos casos a mobilização do indivíduo para o desempenho de ações sustentáveis era temporária, e muitas práticas se findavam ao passo em que os projetos se encerravam ou a medida em que a pessoa considerada como a responsável pela modificação proposta pelo projeto fosse reduzindo sua participação. Nesse sentido, o interesse em desenvolver tal pesquisa surge a partir da intenção de compreender quais fatores sociais, estruturais, espaciais e/ou temporais realizam influência no ator social afim de que o mesmo permaneça empenhado a executar práticas sustentáveis. Por esse motivo, optei por abordar uma organização da sociedade civil voluntária que já contempla em sua essência a temática da sustentabilidade.

Este trabalho propõe compreender a complexidade do contexto social do Movimento ODS do Rio de Janeiro e as significações atribuídas por seus participantes para a categoria da Sustentabilidade.

Os objetivos específicos desta pesquisa visam: i) identificar quais fatores contribuem para o engajamento dos atores sociais em causas sustentáveis que busquem auxiliar com ações o alcance de melhorias no âmbito econômico, social e ambiental, exemplificando as motivações para o ingresso e permanência dos participantes no Movimento ODS do Rio de Janeiro; ii) interpretar a complexidade da vida cultural do grupo em seus diversos níveis, dimensões e combinações como a diversidade regional, étnica, ocupacional, religiosa entre outras, e suas significações para a temática da sustentabilidade e; iii) contribuir para o entendimento e o desenvolvimento de futuras pesquisas apresentando meios que despertem o interesse dos atores sociais em ações cooperativas para o alcance do necessário e idealizado desenvolvimento sustentável.

Tendo em vista a relevância do tema, o presente trabalho desenvolve uma pesquisa etnográfica e qualitativa com os participantes do “Movimento ODS” do estado do Rio de Janeiro acerca de seus estímulos e motivações para participação neste movimento.

O Movimento ODS do estado do Rio de Janeiro deriva do Movimento Nacional pela Cidadania e Solidariedade/Nós Podemos (MNCS) que é um movimento apartidário, ecumênico e plural brasileiro, integrado por organizações e voluntários que representam os diversos segmentos da sociedade e possui como missão promover e articular ações para o alcance dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 (MOVIMENTO ODS, 2019).¹

Para atender aos objetivos propostos, será realizado um trabalho investigativo e reflexivo sobre a complexa relação entre os atores sociais, seus entendimentos e desdobramentos em ações individuais e coletivas. Serão realizadas entrevistas com alguns participantes para levantamento qualitativo de dados mais aprofundados complementares ao contexto social do participante entrevistado.

Velho (1978) afirma que a antropologia utiliza métodos qualitativos por meio da observação, da entrevista aberta, do contato direto e pessoal com o universo investigado, para tomar conhecimento sobre áreas ou dimensões da sociedade em que se faz necessária uma vivência durante um período de tempo, pois existem aspectos de uma cultura e de uma sociedade que não são facilmente identificados, uma vez que exigem um esforço maior, mais detalhado e aprofundado de observação e empatia.

Em consonância com o pensamento de Velho (1978), a dissertação apresentada refere-se à tentativa de explicar a "familiaridade" da dimensão da sustentabilidade mediante as reflexões dos atores sociais contemplados nesta pesquisa. A familiaridade difere do conhecimento científico, porque apresenta percepções de pessoas independentemente de possuírem ou não formação acadêmica ou terem pretensões científicas. Contudo, fornece percepções e vivências valiosas que contribuem para o conhecimento da vida social de um grupo e de uma época.

Na concepção de Da Mata (1978), a transformação de questões tidas como “familiar” em “exótico” também acontece no caminho contrário, quando o “exótico” se torna “familiar”. Ambas transformações são fenômenos recorrentes mediante o constante questionamento e estranhamento de regras sociais, comportamentos estilizados, práticas políticas e religiosas, entre outras condutas, que sob um novo olhar, busca a significação e a compreensão sobre os

¹ Refere-se ao histórico fornecido pela C1, em 2019 sob o formato de relatório impresso, que posteriormente serviu de subsídio para alimentar o site: <https://movimentoods.org.br/historico-e-resultados/>.

acordos sociais existentes, identificando que o exótico, considerado no primeiro momento, pode ser algo conhecido, e que o familiar reproduzido em uma prática automática e irrefletida pode encobertar o exótico.

Neste sentido, o presente estudo caracteriza-se por uma pesquisa investigativa e qualitativa baseada no modelo interativo de pesquisa das Ciências Sociais com a coleta, a organização e análise dos dados trabalhados de forma circular, possibilitando a reformulação de suas questões, mediante a maior compreensão das realidades conhecidas e dos contextos sociais apresentados (GOLDENBERG, 1997).

Nesta pesquisa qualitativa, o pesquisador é o organizador do saber sociológico através da descoberta e organização de informações como emoções, valores e subjetividades expostos por seu universo de pesquisa, constituindo a sociologia compreensiva (GOLDENBERG, 1997).

Baseada na impossibilidade de quantificação dos fatos sociais, esta pesquisa realiza uma abordagem de natureza antropológica por meio da observação em vivências pontuais, entrevistas, coleta e análise de dados secundários por materiais como relatórios descritivos e fotográficos, recortes de jornais, slides e listas de presença dos eventos relacionados ao Movimento ODS fornecidos pela coordenadora C1. Em especial no capítulo 3 “Uma Etnografia no Núcleo ODS do Rio de Janeiro”, em que são apresentadas as informações de relatórios descritivos do movimento, sem indicação de autoria.

Segundo Bernstein (1987 apud LE BRETON, 2019), a expressão corporal é mais forte e reveladora do que a fala, podendo ser percebido o real sentimento do autor, ainda que sua fala não seja entendida ou esteja expressando o contrário. Nesse sentido, a observação foi concretizada em todos os encontros presenciais, realizados pelo Movimento ODS do Rio de Janeiro no ano de 2019, devido a dinâmica do grupo ocorrer com encontros presenciais espaçados em função dos eventos produzidos pelo grupo e também pela interação ocorrer na maior parte do tempo de maneira eletrônica através das redes sociais como *WhatsApp*.

Foram produzidas entrevistas em profundidade com os participantes do movimento em seu contexto particular. A entrevista em profundidade consiste em reunir o maior número de informações possíveis para subsidiar uma análise holística, que retrate da maneira mais próxima a realidade social e as percepções do participante entrevistado (GOLDENBERG, 1997).

Considerando que cada participante possui um entendimento próprio e diferenciado das significações atribuídas pelos demais, torna-se necessária uma abordagem em que cada caso seja compreendido em sua singularidade e peculiaridade, viabilizando a compreensão das particularidades ao invés da generalização de ideias coletivas. O roteiro da entrevista não é estruturado de maneira hermética, objetivando-se potencializar as descobertas e verificações de

proposições teóricas inicialmente não cogitadas. Com isso, realiza-se a compreensão interpretativa das experiências de cada indivíduo dentro do contexto no qual foram vivenciadas à luz das questões intentas nesta pesquisa.

Houve cinco vivências pontuais com a observação nos eventos ocorridos em 26 de fevereiro de 2019, quando da ocorrência da primeira reunião do ano para apresentação de equipe de coordenação do Movimento e o cronograma de ações e eventos do ano em curso e, em 20 de março e 22 de maio de 2019, nos eventos dos “Seminários de Diálogo sobre Agenda 2030 - Objetivos do Desenvolvimento Sustentável”, abordando temas variados. A reunião de encerramento do ano de 2019, realizada em 26 de novembro e a 4ª edição do Prêmio Parceiros do ODS ocorrida em 12 de dezembro de 2019. As entrevistas em profundidade aconteceram com 03 participantes do Movimento em maio de 2020.

A metodologia empregada neste trabalho, de natureza qualitativa, busca compreender os significados que os próprios indivíduos constroem com a sua visão de mundo, possibilitando a descrição de informações inviáveis de quantificação como os sentimentos, as motivações, as crenças e as atitudes individuais (GEERTZ, 1978; GOLDENBERG, 1997).

Esta pesquisa busca ainda entender os fatores que estimulam a participação dos membros do Movimento ODS do Rio de Janeiro com relação às culturas, bem como aos desdobramentos da diversidade regional, étnica, ocupacional, religiosa entre outras, trabalhando a complexidade e heterogeneidade da vida cultural do grupo com foco em seus diversos níveis, dimensões e combinações. Foram assimilados valores, emoções, e subjetividades dos atores que participam do Movimento ODS do estado do Rio de Janeiro, bem como seus estímulos para ingressar e permanecer atuantes neste Movimento, além de suas significações para a temática da sustentabilidade, com um olhar relacional das teorias sociológicas e antropológicas, conforme Geertz (2005) sinaliza como uma descrição densa das teias de significado que esses atores construíram em torno da categoria sustentabilidade na execução de seu papel social.

Assim, esta dissertação é composta em 3 capítulos. No capítulo 1, “Subjetividades, Produção de Significado e Sustentabilidade”, trabalha com autores que elucidam com suas obras a complexidade da sociedade e da relação entre o indivíduo consigo mesmo e com os demais atores sociais. Cito algumas obras relevantes do referencial teórico e suas formas de apresentação por autor, respectivamente, a respeito dos significados e mapas conceituais baseados na visão de mundo de cada indivíduo, bem como a diversificada compreensão sobre a sustentabilidade e suas subjetividades. Na segunda parte deste capítulo são retratados fatores como a globalização e alteração de espaço e tempo como potentes modificadores das conexões

sociais com a “aparente” aproximação de realidades distintas e de certo modo desconhecidas em épocas anteriores. Avanço no debate das relações entre os seres humanos com o mundo da natureza, seus riscos ambientais e ameaças ecológicas, bem como o início da organização de movimentos sociais em respostas aos conhecimentos adquiridos.

No capítulo 2, “Movimentos Sociais”, insiro um debate sobre as questões históricas referentes ao meio ambiente e sobre os movimentos e ações sociais postos em prática, a fim de combater os riscos ambientais que ameaçam a existência ecológica e humana. Na linha histórica dos debates ambientais, trago os variados conceitos sobre a teoria da sustentabilidade e a categorização de suas dimensões que vão além dos tradicionais: Econômico, Social e Ambiental. Finalizo este capítulo introduzindo a organização da sociedade civil escolhida para o desenvolvimento desta pesquisa e apresentando sua estrutura em escala nacional.

No capítulo 3, “Uma Etnografia no Núcleo ODS do Rio de Janeiro”, realizo um recorte para o estado do Rio de Janeiro e apresento um relato das atividades desenvolvidas pelo movimento, baseado nos documentos disponibilizados pela Coordenadora Geral do Movimento ODS, referentes ao período de sua criação até o ano de 2018. Para o ano de 2019, os relatos apresentados foram coletados por meio da experiência etnográfica implementada durante todo ano, mediante o uso da observação em campo e entrevistas com estes componentes do movimento.

No capítulo final, “Considerações Provisórias” apresento as compreensões em torno desse trabalho, alguns apontamentos relacionados ao objetivo proposto nesta pesquisa, aos capítulos descritos e sugestões para futuras pesquisas.

1 SUBJETIVIDADES, PRODUÇÃO DE SIGNIFICADO E SUSTENTABILIDADE

Esta pesquisa toma como unidade de análise um grupo social que constitui o Movimento ODS do Rio de Janeiro, formado por voluntários, de caráter apartidário, ecumênico e plural que atuam sob a missão de promover e articular ações para o alcance dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS). Essa organização da sociedade civil é oriunda do Movimento Nacional ODS que se alinha aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030, aprovada pelos 193 países membros das Nações Unidas em setembro de 2015 (MOVIMENTO ODS, 2019).

Esta pesquisa utiliza-se de uma abordagem etnográfica e qualitativa efetuada por meio de observação nos eventos realizados pelo grupo durante o ano de 2019, também da análise documental fornecida pela Coordenadora do Movimento ODS do Rio de Janeiro e da execução de entrevistas com alguns participantes, a fim de identificar as motivações que contribuíram para a sua integração e comprometimento com este movimento.

O referencial teórico abordado nesta pesquisa prima por tentar elucidar as complexidades da sociedade e exemplificar juntamente com os dados da pesquisa as variadas combinações dos inúmeros fatores sociais que contribuem para diferentes resultados, embora seja uma mesma pesquisa. Apoiado no conteúdo sociológico e nos conceitos sobre sustentabilidade, os autores aqui abordados forneceram elementos que auxiliam a discernir melhor a formação de alguns movimentos sociais e também o que entendem a respeito destes os atores sociais que deles participam.

Bernstein (1987 apud LE BRETON, 2019), um dos grandes sociólogos do século 20, inspirou muitas gerações a continuar seu legado em modelar a forma de investigação e compreensão do mundo social. Bernstein apresenta ideias que contribuem para analisar comparativa e globalmente as complexas relações entre as ideias, sua disseminação e recontextualização, afirmando que “No dia a dia os movimentos do corpo se escrevem na evidência da relação com o mundo” (BERNSTEIN, 1987 apud LE BRETON, 2019, p. 318-319) e enraizada nesta afirmação, este trabalho de pesquisa utiliza-se da etnografia para reconhecimento da realidade cotidiana frente aos debates, referentes às temáticas em cenários globais, seu impactos e desafios ambientais para a geração de um futuro equilibrado e tangivelmente sustentado em um contexto regional no estado do Rio de Janeiro.

Gilberto Velho, importante antropólogo brasileiro, contribuiu profundamente para as discussões sobre as relações entre as emoções, a cultura e a sociedade. Dentre suas obras, são referidas nesta pesquisa a “Unidade e Fragmentação em Sociedades Complexas” (1994), a

“Cultura Popular e Sociedade de Massas e a Memória” (1994), identidade e projeto do livro “Projeto e Metamorfose: Antropologias das Sociedades Complexas”, publicado em 1994 pela editora Top Textos Edições Gráficas e o capítulo “Observando o familiar” do livro “Individualismo e Cultura: Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea”, publicado, em 1978, pela editora Zahar Editores.

Velho (1994, p. 97) afirma que uma das questões mais interessantes e polêmicas estudadas na Antropologia é “verificar até que ponto a participação em um estilo de vida e uma visão de mundo, com algum grau de especificidade, implicam uma adesão que seja significativa para a demarcação de fronteiras e elaboração de identidades sociais”.

Anthony Giddens, sociólogo britânico, reconhecido por sua Teoria da Estruturação e por sua visão holística sobre as sociedades modernas também é referenciado neste trabalho. Uma de suas grandes obras é o livro “As Consequências da Modernidade”, publicado pela editora UNESP, em 1990, muito abordado nesta pesquisa. No qual, já na introdução afirma que existem diversas formas de pensamento defendidas pela Sociologia, dentre elas a:

A concepção de que a Sociologia proporciona informação sobre a vida social que pode nos dar uma espécie de controle sobre situações sociais semelhantes àquela proporcionada pelas Ciências Físicas no domínio da natureza [...] por outro lado, noções cunhadas nas metalinguagens das Ciências Sociais retornam rotineiramente ao universo das ações onde foram inicialmente formuladas para descrevê-lo ou explicá-lo [...] a Sociologia não desenvolve conhecimento cumulativo da mesma maneira que, pode se dizer, o fazem as Ciências Naturais (GIDDENS, 1991, p. 23-24).

Giddens (1991, p. 24) apoia sua teoria sobre a afirmativa de que “O conhecimento sociológico espirala dentro e fora do universo da vida social, reconstituindo tanto este universo como a si mesmo como uma parte integral deste processo”. Nesse sentido, entende-se que na Sociologia quaisquer generalizações sobre a vida social ou afirmações sobre eventos sociais que caracterizem um modo de definição ou segregação por categorias homogêneas, como habitualmente aplicado nas ciências físicas, são questionáveis, pois as ciências sociais abarcam um amplo e diversificado campo de significações constituídas pelos diversos elementos trazidos pelos indivíduos que compõem a parcela estudada e que tais resultados podem não se manter considerando o fator de temporalidade e a dinâmica de construção e reconstrução do saber, por meio das interações sociais.

José Maurício Domingues, sociólogo brasileiro, trabalha diversas teorias sociológicas, como a Teoria Social, a Teoria Crítica, a Teoria da Subjetividade Coletiva, a Teoria da Modernidade Global, entre outras. Também realiza o debate sobre o desenvolvimento, os

movimentos sociais e a cidadania. Nesta pesquisa, foram utilizados os capítulos de seu livro “Teorias Sociológicas do século XX”, publicado pela Editora Civilização Brasileira, em 2001.

Domingues (2001) afirma que um dos desenvolvimentos fundamentais da Teoria Sociológica, nas últimas décadas, é a tentativa de diversos autores em sintetizar as variadas abordagens, mais ou menos unilaterais sobre a vida social. Contudo, este autor apresenta a ideia de que a vida social é composta por parâmetros comportamentais estimulados por memórias compartilhadas de ações de cada indivíduo.

Giddens (1991) e Domingues (2001) trabalham sobre teorias similares, considerando as complexidades da sociedade e o equívoco das generalizações a ela atribuídas.

Para Velho (1978), a contextualização do indivíduo é construída de forma complexa, fundamentada nas discontinuidades entre o “mundo” do observador e os outros “mundos” a respeito do conhecimento de suas vidas, hábitos, crenças, valores e sentimentos constituídos a partir de um sistema de interações culturais e históricas.

Essas interações constituem um mapa em que há uma familiarização com cenários e situações sociais do cotidiano humano, dando nome, lugar e posição aos indivíduos. No entanto, não significa que se conheçam as apreensões e visões de mundo desses diferentes indivíduos que constroem e reconstróem constantemente seus entendimentos baseados nas reflexões sobre valores e conceitos divergentes, mediante negociações entre os demais atores sociais que possuem entendimentos e interesses adversos (VELHO, 1978).

A compreensão de “mundo”, de cada indivíduo, varia em função das diversas possibilidades condicionadas a fatores como origem social, tipo de formação, nível de conhecimento, posição ideológica e inúmeros outros vetores importantes que atuam, para criar caminhos ou obstáculos na aquisição de conhecimento e posicionamento do ator social. A combinação desses elementos caracteriza a posição de poder nomeada por Giddens (1991) de “Poder diferencial”. E relata que:

Há um sentido fundamental no qual a reflexividade é uma característica definidora de ação humana. Todos seres humanos rotineiramente ‘se mantêm em contato’ com as bases do que fazem como parte integrante do fazer. A tradição é um modo de integrar a monitoração da ação com a organização têmporo-espacial da comunidade. Ela não é inteiramente estática, pois necessita de ser reinventada a cada nova geração, conforme esta assume sua herança cultural dos precedentes. Já a modernidade é construída por meio de conhecimentos reflexivamente aplicados (GIDDENS, 1991 p. 44).

A apropriação do conhecimento não ocorre de maneira igualitária entre os atores sociais, pois é disponibilizado de forma diferenciada para aqueles em posição de poder, que são capazes de colocá-lo a serviço de interesses segmentados e em oposição aos demais (GIDDENS, 1991).

A posição de poder, nomeada por Giddens (1991) de “Poder Diferencial” retrata o cenário desigual da sociedade, em que dependendo da posição social ou grupo em que o indivíduo esteja inserido, o mesmo terá condições diferenciadas dos demais para aquisição e comunicação de conhecimentos.

Assim, também, entende Alfred Schütz (1979), filósofo e sociólogo austríaco que apresentou o desenvolvimento da filosofia fenomenológica ao procurar realizar uma análise profunda do nosso “mundo da vida”, partindo da convicção de que este mundo de sentido não representa uma realidade objetiva, mas sim, uma realidade interpretada e válida intersubjetivamente. Por isso, também não se vive simplesmente em um uni-verso fixo, mas sim, em multi-versos, cada um marcado por um outro estilo epistemológico.

Velho (1978) afirma que uma das principais características da sociedade moderno-contemporânea é a complexidade e a heterogeneidade, proveniente da existência e da compreensão de diferentes visões de mundo e estilos de vida dos indivíduos.

Peter Berger, sociólogo e teólogo luterano austro-americano, e Thomas Luckmann, sociólogo alemão, apresentam o propósito de fazer uma leitura da chamada “Sociologia do Conhecimento” com uma análise do que eles nomeiam de “processos de legitimação pelos universos simbólicos” colocando como base do seu pensamento a intersubjetividade e a biografia individual, baseada na análise de como o homem constrói o seu próprio conhecimento da realidade.

Berger e Luckmann (2004) abordam as relações entre o pensamento humano e o contexto social dentro do qual ele vive. Para os autores, o entendimento sobre a realidade da qual se tem consciência e o conhecimento que se tem dela, é um produto da sociedade. Sendo esta construída pelo próprio homem e, por isso, ao mesmo tempo em que o homem constrói e molda a sociedade, ele é por ela influenciado. Desse modo, a constituição do conhecimento está relacionada a variáveis sociológicas de realidades apresentadas como objetiva e subjetiva e da realidade da vida cotidiana, contribuindo para existências de diversas realidades, entendidas como fenômenos que independem da nossa vontade, construída por uma conjunção de fatores sociais, decorrentes da ação humana.

Giddens (1991) acredita que os modos de vida oriundos da modernidade desprenderam de uma forma imensurável todos os tipos tradicionais de ordem social e que as transformações produzidas pela modernidade são mais profundas do que a maioria dos tipos de mudanças características ocorridas dos períodos anteriores.

Domingues (2001) expõe a intenção de entender como o indivíduo e sociedade se relacionam na teoria social e como a sociedade é definida em sua multiplicidade, distâncias e

coletividades. Ele afirma que a coerção das relações sociais, sobretudo no mercado econômico, exerce influência no modelo por meio do qual os indivíduos pensam a vida social e seu conjunto, tornando-a determinante para colocar limites em suas ações.

Durkheim (1996) afirma que o indivíduo é duplo, composto pela representação individual e pela representação coletiva. A primeira limitada ao contexto orgânico de cada ser e a segunda expandida pelas observações e interações com a sociedade. Para Durkheim (1996, p. 23),

As representações coletivas são o produto de uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço, mas no tempo; para criá-las, uma multidão de espíritos diversos associou, misturou, combinou suas ideias e seus sentimentos; longas séries de gerações nelas acumularam sua experiência e seu saber. Uma intelectualidade muito particular, é infinitamente mais rica e mais complexa que a do indivíduo.

Interligando o pensamento de Durkheim (1996, p. 24) “[...] Na medida em que participa da sociedade, o indivíduo naturalmente ultrapassa si mesmo, seja quando pensa, seja quando age. Esse mesmo caráter social permite compreender de onde vem a necessidade das categorias.” também representadas por Velho (1994) por meio das Unidade Mínimas Ideológicas, as categorias de pensamento apresentadas por sua metodologia e retratada nesta pesquisa, mapeiam e buscam revelar a lógica coletiva, além do pensamento e discurso dos indivíduos.

Para Velho (1994), as *Memórias* dão significado a ações prospectivas e constituem a trajetória vivida pelos indivíduos. Os *Projetos* são instrumentos básicos de negociação da realidade com outros atores, indivíduos ou coletivos. Tais fatores são fundamentais para expressar, articular interesses, objetivos, sentimentos e aspirações que constituem o meio de comunicação entre atores e coletividades sociais.

Devido à multiplicidade de motivações existentes na sociedade, nota-se que o *projeto* é dinâmico e permanece em constante reelaboração, reorganizando a memória do ator, dando novos sentidos e significados em sua identidade. Nesse sentido, a biografia do indivíduo está sujeita a periódicas revisões e reinterpretções, conforme retratado por Giddens (1991).

Sendo assim, as circunstâncias que envolvem o indivíduo com valores, preconceitos e emoções são contextualizadas pelo projeto e pela memória que conexos dão significados à vida e às ações dos indivíduos, constituindo a identidade social dos mesmos (GIDDENS, 1991). Também em consonância com o pensamento de Georg Simmel (1973), Giddens (1991) afirma que a sociedade é produto das interações entre os indivíduos e à medida que esses atores sociais se relacionam, constituem uma sociedade que se conceitua além da limitação de um determinado território ou localidade, pois suas fronteiras são constantemente remodeladas.

Clifford Geertz (1978, p. 15) acredita que o homem: “é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado”.

Geertz (1978) também defende que a cultura consiste no estabelecimento de uma estrutura de significados sociais em que os autores realizam suas ações como sinais favoráveis ou contrários a linguagem simbólica que interpretam. Dessa forma, a transmissão das mensagens caracteriza um fenômeno cognitivo de cada indivíduo sobre sua leitura e sobre sua maneira de expressar para os demais indivíduos componentes da sociedade em que atua.

Nesse sentido, esta pesquisa busca relatar as características da interação social constituída pelos participantes do Movimento ODS do Rio de Janeiro e suas relações e fronteiras estabelecidas tanto na dimensão individual, quanto na coletiva, que contextualizam a variedade de significados e entendimentos sobre a temática da sustentabilidade e a ação do grupo.

Isso reforça a concepção de Velho (1994), na qual todos os homens interagem socialmente, participando de um conjunto de crenças, valores ou visão de mundo que constituem uma rede de significados que definem sua própria natureza humana. Contudo, sob outra perspectiva, a cultura é um conceito que só existe a partir da constatação da diferença entre um “nós” e os outros. O que traz a confirmação de que a existência de modos distintos de construção social da realidade com produção de padrões e normas resultam nos contrastes sociais evidenciados no tempo e espaço.

Com essa mesma sequência pensante, um dos contextos principais de relações de confiança nas culturas pré-modernas apresentada por Giddens (1991) é a própria tradição, que diferentemente da religião não se refere a nenhum corpus particular de crenças e práticas, mas a maneira pelas quais essas crenças e práticas são organizadas, especialmente em relação ao tempo.

Assim sendo, a tradição é caracterizada pela forma em que se compreende a manutenção de determinada ação atrelada à organização de tempo e ao espaço de uma localidade. Contudo, essa manutenção é dinâmica mediante o avanço das gerações, visto que se reinventa a forma que a herança cultural dos antepassados é adquirida. Já a modernidade é construída por meio de conhecimentos reflexivamente aplicados (GIDDENS, 1991).

Daí, as instituições sociais modernas trazem diversos tipos de mecanismos de desencaixe, considerado por Giddens como o deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e a reestruturação através de extensões indefinidas de tempo e espaço.

Reforçando a oposição à ideia de uniformização da sociedade, visto que as diferenças são cruciais para perceber os significados e definições da realidade em cada situação, bem como as identidades particulares (GIDDENS, 1991).

Assim, em conformidade com o pensamento de Giddens, a combinação de fatores relacionais como a família, a igreja, os grupos sociais, a comunidade e a escola, bem como as informações e os valores adicionados a partir de significados e experiências vivenciados constroem culturalmente os indivíduos que se movem em uma rede de significados. Com base nos significados recebidos e interpretados de forma diferenciada, delinea-se um mapa dinâmico de múltiplos planos e em permanente mudança chamado por Velho (1994) de “potencial de metamorfose”.

Assim, com base nos estudos sociais realizados, as redes de relações entre os indivíduos atravessam o mundo social e ultrapassam as categorias tradicionais estudadas como a família, parentesco, vizinhança, etnia, grupos de status, classes sociais e demais fatores que contribuem para a multiplicidade de atores sociais com estilos de vida variados e interseções entre diferentes mundos, que ressaltam a fragilidade da tentativa de construção de categorias e mapas socioculturais (VELHO, 1994).

Com a interligação de pensamento com tais abstrações, Georg Simmel (1973), importante sociólogo alemão, apresenta a possibilidade em ordenar o pensamento sobre os eventos fenomenológicos imersos na realidade social mediante a adoção de categorias ou modelos analíticos dos fenômenos sociais que ocorrem.

Alfred Schütz (1979), consoante ao pensamento de Simmel (1973), afirma a coexistência de diferentes mundos que compõem sua própria dinâmica, com processos de demarcação entre esferas de atividade e províncias de significado. O relacionamento mais ou menos contraditório e conflituoso entre esses mundos e os códigos a eles associados são um dos principais fatores componentes da continuidade e das transformações da vida social.

Essas transformações e discontinuidades que concretizam o pensamento a respeito da forma que as relações sociais produzem é que se relacionam com o pensamento apresentado a seguir por Velho (1994, p. 29):

A tendência à fragmentação das sociedades complexas não anula totalmente certas âncoras fundamentais que podem ser fracionadas em momentos estratégicos. Por outro lado, a fragmentação não deve ser entendida como um estraçalhamento literal do indivíduo psicológico. O trânsito entre os diferentes mundos, planos e províncias é possível, justamente, graças à natureza simbólica da construção social da realidade.

Ressaltando o pensamento acima de Giddens, Simmel (1973) apresenta a terminologia de cultura subjetiva construída em múltiplos planos, baseada na reconstrução permanente dos indivíduos que são constituintes do processo de construção social.

Para Simmel (1978), tanto os processos mais amplos da própria sociedade, quanto os indivíduos se formam e reproduzem nos processos interativos que, por sua vez, sofrem influências das ações dos indivíduos e dos processos sociais. Simmel foi um grande observador de seu meio social, e é desse modo que surgem suas análises pertinentes em torno das formas e manifestações da modernidade social e histórica. Ainda para Simmel (1973), a sociedade existe a partir de interações, de consciência dessa interação, de uns para com e contra os outros. Desse modo, a consciência da sociedade é que faz dela sociedade, sendo um referencial de consciência produzido pelos atores/sujeitos; é um processo de associação que liga e produz interações espirituais entre os indivíduos, interações essas conscientes, que produzem “unidades” que sofrem e influenciam ordens sociais, ligações sociais como fios que se tecem, se enredam, se atraem e se repelem.

O contexto apresentado nesta pesquisa e abordado nos próximos capítulos retrata a experiência vivenciada em campo e as formas de atuação e relacionamento de cada indivíduo participante do Movimento ODS do Rio de Janeiro, bem como os discursos que negociam suas causas e intenções de se posicionarem no coletivo estudado, que também lhe conferem certa autoridade e destaque em momentos oportunos de exposição social e intelectual.

Visto que os atores são sempre reflexivos e podem alterar seu comportamento a qualquer momento, o que produz um fluxo constante de mudança social e configura um processo de estruturação contínuo. Giddens (1991) descarta a identificação da ação como racionalidade e a transparência do sujeito em relação a si mesmo, subdividindo a consciência em prática e discursiva, visto que os atores são continuamente hábeis nos processos interativos da vida social.

Em virtude das abordagens dos autores e da abrangência do campo da Sociologia, Domingues (2001) alerta que é preciso aceitar que as Ciências Sociais não podem escapar das injunções do que se poderia chamar de “teoria do cobertor curto” que, se cobre a cabeça, os pés sobram e vice-versa, pois, dificilmente se consegue abarcar todas as facetas da vida social.

Grande parte das alterações de padrões da sociabilidade, da interação, dos costumes e rotinas ocorridas na história da humanidade são devidas aos processos de transformação produzidos por avanços tecnológicos, como a criação de novos e de melhorias dos já existentes meios de transporte, comunicação e os diversificados processos de urbanização (VELHO, 1994).

Giddens (1991) alerta que o impacto do industrialismo não se limita à esfera de produção. Todavia, aos mais variados aspectos da vida cotidiana, influencia fortemente a interação humana com o meio ambiente material. Segundo Giddens (1991, p. 81):

A difusão do industrialismo criou um mundo no sentido mais negativo e ameaçador [...] um mundo no qual há mudanças ecológicas reais ou potenciais de um tipo daninho que afeta a todos no planeta. Entretanto o industrialismo também condicionou decisivamente nossa própria sensação de viver em 'um mundo'. Pois um dos mais importantes efeitos do industrialismo foi a transformação das tecnologias de comunicação.

Com base nas progressivas mudanças históricas, o ambiente natural foi cedendo espaço para o ambiente criado em escalas globais, em especial nos setores industrializados. O ambiente criado refere-se à “natureza socializada”, concernente ao caráter alterado da relação entre humanos e o ambiente físico (GIDDENS, 1991).

Em sua grande maioria, as culturas pré-modernas estabeleciam uma conexão dos seres humanos com a natureza, havia uma compreensão e apreensão sobre o relacionamento das ações humanas com as ações e reações da natureza, e seus impactos para subsidiar as necessidades humanas com os recursos naturais. Contudo, a ação da indústria moderna inicia um novo modelo em que a inserção da tecnologia propicia a transformação do ambiente natural, em ambiente criado, sujeito ao poder de manejo do ser humano (GIDDENS, 1991).

Conseqüentemente, o industrialismo por meio da transformação da natureza e o capitalismo por meio da acumulação de capital produzem o contexto de trabalho e mercado de produtos competitivos e conduzem o mundo moderno, substituindo a satisfação controlada das reais necessidades humanas pelos caprichos do mercado. Nesse sentido, é considerável que, enquanto durarem as instituições da modernidade que ditam o ritmo e direcionam campos como social e econômico, será inviável a tentativa de pequenos grupos ou atores sociais em posições e relações de poder diferenciados, em controlar o caminho a ser trilhado pela humanidade (GIDDENS, 1991).

Segundo Giddens (1991), os fatores econômicos podem determinar a forma e o tipo de conhecimento que uma pessoa irá adquirir ao longo de sua vida. E tais fatores são fortemente influenciados pelas experiências e pelos pontos de acesso de cada indivíduo, constituindo parte da complexidade da vida social moderna.

Tanto Giddens (1991) quanto Velho (1994), representam as variações estruturais do contexto social e as constantes oscilações e metamorfoses no universo particular de cada indivíduo que a partir de sua experiência, posicionamento no espaço e tempo, modificam suas decisões e ações. Desse modo, constituindo fatores singulares e importantes para compreensão de categorias sociais.

Com base no conteúdo abordado neste capítulo, compreende-se que a produção de significado está entrelaçada a memórias e projetos dos atores sociais, compostos pelas variadas combinações dos campos material, espiritual, cultural, habitual, entre outros, e por sua posição social e estrutural, na coletividade. Fundamentando-se nos autores abordados, esclarece-se que devida a constante transformação do ser humano e sua contextualização, é improvável a contemplação de todas as faces da vida social. Grande parte das modificações sociais estão atreladas aos avanços tecnológicos que trazem consigo o subjetivo conceito de desenvolvimento. Este, abordado no próximo capítulo elucida suas diversificadas formas de entendimento, atrelado à caracterização da sustentabilidade.

1.1 Representações Coletivas e a Subjetividade da Sustentabilidade

Este subcapítulo apresenta as variadas compreensões sobre a sustentabilidade, baseada em autores que discorrem acerca de suas formas de desenvolvimento e as modalidades de interação com as organizações coletivas. Dentre elas, os movimentos sociais, abordados superficialmente neste capítulo e aprofundado no capítulo subsequente.

Há novas formas de sociabilidade que estão se desenvolvendo e têm acompanhado os paradigmas emergentes da busca de inclusão dos seres como atores nas complexas teias de relações humanas, em conformidade com as diferenças e peculiaridades de cada ser no contexto social ao longo do tempo e espaço, tornando inviável que haja o estabelecimento de uma dominância absoluta de um conjunto de indivíduos (VELHO, 1994). Pois, os sistemas contextualizados na modernidade baseiam-se nas complexas relações entre envolvimentos locais e interações através de distância. O que caracteriza a transformação local, tanto como parte da globalização quanto como a extensão lateral das conexões sociais através do tempo e do espaço.

As conexões que atuam na cronologia e simetria da era moderna intensificam as relações sociais em escala mundial e fortalecem a globalização entre regiões de contexto social diferente e distante, demonstrando ainda o alto nível de distanciamento comparado a épocas anteriores (GIDDENS, 1991).

De acordo com Giddens (1991, p. 127), “A possibilidade de guerra nuclear, calamidade ecológica, explosão populacional incontrolável, colapso de câmbio econômico global, e outras catástrofes globais potenciais, fornecem horizonte inquietante de perigos para todos”.

De forma a complementar a visão de Giddens (1991), afirma Beck (1986, p. 7) que riscos globalizados desse tipo não respeitam divisões entre ricos e pobres ou limites territoriais. E em suas palavras “O fato de que Chernobyl está em toda parte” ilustra claramente o que ele chama de “o fim dos outros”, e a inexistência de fronteiras entre os favorecidos por sua posição de poder, e os demais atores que não são beneficiados por privilégios.

Giddens (1991) apresenta o termo “ambiente de risco” pré-moderno no qual os perigos enfrentados pela sociedade não derivam primariamente do mundo da natureza, mas das relações do mundo físico, em especial no cenário de industrialização global. Ele relata ainda que com o início da modernidade é apresentado um novo perfil de risco em que as ameaças ecológicas são resultados de conhecimento social organizado, mediado pelo impacto do industrialismo sobre o meio ambiente material.

Em 1864, o diplomata George Perkin Marsh alertava em seu livro “O homem e a natureza: ou geografia física modificada pela ação do homem”, para a relação entre o homem e a natureza, com seus frutos a partir de ações antrópicas na extração e utilização dos recursos disponibilizados pela natureza (DIAS, 2004).

Guimarães (2006), especialista em Ciências e Educação Ambiental, afirma que o modelo de desenvolvimento implantado e disseminado por todo o planeta, hoje denominado como globalização, apresenta a perspectiva evolucionista e etnocentrista que classifica como primitivo o povo que vive mais próximo da natureza e como civilizados os que “não dependem” da natureza; portanto, dominando-a e a explorando conforme seus interesses.

Segundo o pesquisador brasileiro Genebaldo Freire Dias (2004), com os efeitos da Revolução Industrial, despertam-se preocupações devido ao intenso crescimento econômico do pós-guerra, o que gerou em larga escala a rápida urbanização sem o acompanhamento da qualidade de vida, decorrente da perda da qualidade ambiental.

Dias (2004) afirma que um dos primeiros registros de catástrofes ambientais ocorreu em 1952, com o ar intensamente poluído de Londres, devido à grande quantidade de indústrias que emitiam gases, poeiras e substâncias poluidoras ao ambiente. A partir desse acontecimento, inicia-se um processo de sensibilização e ações sobre a qualidade ambiental não apenas naquela cidade, mas em todo o mundo, assim como o nascimento do ambientalismo nos Estados Unidos e a reforma no sistema de ensino, inserindo a temática ambiental. Sendo na década de 1960 que o mundo começa a tomar conhecimento sobre os efeitos causados pelo modelo de crescimento adotado, expondo a poluição do ar, o envenenamento dos rios por despejos de indústrias, a perda da cobertura vegetal da terra acarretando uma série de outros fatores como a erosão, perda

de fertilidade do solo, assoreamento dos rios, inundações e alterações na biodiversidade (DIAS, 2004).

Guimarães (2006) relata que, na década de 1990, 20% da população consomia 86% dos recursos naturais do planeta, enquanto 80% da população dispõem somente 14% dos recursos naturais para seu consumo, números que retratam a desigualdade social e econômica, assim como a má distribuição de riquezas. E alerta para as projeções futuras, pois os padrões de vida dessa pequena parte da população (20%) são vendidos como modelo ideal de qualidade de vida para o alcance dos outros 80%, tornando insustentável o modelo socioambiental apresentado.

A afirmação de Guimarães (2006) compõe um dos fatores promotores do cenário de desigualdade social, da escassez de determinados recursos naturais, bem como a ineficiência de sua distribuição às regiões necessitadas.

Diante do conhecimento sobre o ritmo de consumo acelerado dos recursos naturais, em 1968 foi o criado Clube de Roma, composto por um grupo de pessoas que se reuniram para debater assuntos relacionados à política, economia internacional, meio ambiente e desenvolvimento sustentável. Quatro anos após sua criação foi emitido o relatório *Os limites do crescimento*, completando com base nos estudos técnicos realizados uma previsão da situação mundial futura, caso não houvesse mudanças no modelo de desenvolvimento econômico, alertando a humanidade para um futuro colapso econômico e social, incitando a preocupação e reflexões sobre o meio ambiente e a nossa relação com ele (MEADOWS *et al.*, 1972).

A partir da desconexão sobre os conhecimentos ambientais abordados em todo o mundo de forma incipiente e desorientada, a Organização das Nações Unidas (ONU) promoveu na Suécia a “Conferência da ONU sobre o Ambiente Humano” ainda em 1972, com o objetivo de nivelar uma visão global e os princípios que orientem a preservação e melhoria do ambiente humano. Também conhecida como “Conferência de Estocolmo”, o evento se tornou um marco histórico e político, resultando em uma “Declaração sobre o Ambiente Humano” que apresentou 26 princípios comuns com intuito de inspiração e orientar os povos de todo o mundo a preservar e melhorar o meio ambiente humano (DIAS, 2004).

Em abril de 1987, foi realizada a divulgação do relatório “Nosso Futuro Comum”, também conhecido como Relatório Brundtland, que trouxe o conceito de desenvolvimento sustentável para o discurso público, apresentando a seguinte afirmação:

O desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento que encontra as necessidades atuais sem comprometer a habilidade das futuras gerações de atender suas próprias necessidades.

Um mundo onde a pobreza e a desigualdade são endêmicas estará sempre propenso a crises ecológicas, entre outras. O desenvolvimento sustentável requer que as sociedades atendam às necessidades humanas tanto pelo aumento do potencial produtivo como pela garantia de oportunidades iguais para todos.

Muitos de nós vivemos além dos recursos ecológicos, por exemplo, em nossos padrões de consumo de energia [...] no mínimo, o desenvolvimento sustentável não deve pôr em risco os sistemas naturais que sustentam a vida na Terra: a atmosfera, as águas, os solos e os seres vivos.

Na sua essência, o desenvolvimento sustentável é um processo de mudança no qual a exploração dos recursos, o direcionamento dos investimentos, a orientação do desenvolvimento tecnológico e a mudança institucional estão em harmonia e reforçam o atual e futuro potencial para satisfazer as aspirações e necessidades humanas. (BRUNDTLAND, 1987, p. 54-57)

Para Nascimento (2012), sociólogo e pesquisador dos conflitos sociais e ambientais, sustentabilidade, interdisciplinaridade e turismo. A sustentabilidade possui duas origens; a primeira é a Biologia, por meio da Ecologia, referindo-se à resiliência dos ecossistemas face às agressões antrópicas ou naturais e; a segunda origem baseia-se na Economia como adjetivo do desenvolvimento com atenção sobre o padrão de produção e consumo em expansão em todo mundo e a percepção gradativa da finitude dos recursos naturais.

Para Gomez (2002), pesquisador brasileiro, o conceito de desenvolvimento ao longo do tempo demonstra uma conexão intrínseca com o conceito de acumulação do capital. Os economistas clássicos consideram desenvolvimento em relação com crescimento de produção e riqueza como um processo espontâneo associado ao devir capitalista.

Após a 2ª Guerra Mundial, quando a Europa estava num estado de destruição, os territórios/colônias estavam sofrendo altas taxas de pobreza, quando nasceu o conceito de territórios “subdesenvolvidos” e a necessidade de intervenção proativa na economia. O Presidente do Estados Unidos da América (EUA), Harry S. Truman, declarou a liderança dos EUA na promoção de desenvolvimento industrial em outros países no mundo, usando o desenvolvimento como uma estratégia de manter a paz; mas, para também aumentar seu poder econômico e político (GOMEZ, 2002).

Apesar da disputa de poder dos países desenvolvidos e a crescente preocupação com a degradação do meio ambiente, que ameaçava a qualidade de vida, Nascimento (2012) afirma que os países não desenvolvidos, ditos de terceiro mundo, estavam preocupados em não sofrer restrições à exportação de seus produtos primários e não ter seu desenvolvimento “obstruído”. Esta preocupação se estabelecia devido aos países de terceiro mundo atribuírem seu pouco desenvolvimento e crescimento econômico como parte dos problemas ambientais, pois entendiam que a solução desses problemas passava pela extinção da pobreza, o que em um

cenário globalizado, envolvendo países e atores políticos-sociais, propicia um confronto entre ambientalistas e desenvolvimentistas.

Nascimento (2012) apresenta duas vertentes relevantes para a discussão sobre o Desenvolvimento Sustentável, sendo uma delas o processo de transformação baseado na segunda lei da termodinâmica, a Entropia, e a outra baseado na distinção da Ecologia Superficial com a Ecologia Profunda, onde a primeira se preocupa com a poluição dos países desenvolvidos e a segunda com os problemas ecológicos existentes nas estruturas das sociedades em todo mundo.

A expressão “desenvolvimento” possui inúmeros significados. No entanto, se atendo à temática desta pesquisa, adiciona-se o adjetivo “sustentável”, que multiplica as possibilidades de traduções e compreensões sobre o tão falado “desenvolvimento sustentável” que em sua maioria é abordado sobre o pilar ambiental, econômico e social. Contudo, o mero crescimento econômico e a preservação de recursos não significam o verdadeiro desenvolvimento sustentável ou a melhoria de condições de vida da sociedade, pois apesar da necessidade de melhorar o nível quantitativo das categorias analisadas, também se faz necessário o nível qualitativo para melhorar verdadeiramente as condições de vida da sociedade. Com isso, não existe uma só forma de entender e propor o desenvolvimento, sendo utópico acreditar que as formas propostas servirão aos interesses de todas as classes sociais por igual.

Santos *et al.* (2012, p. 59) defende o Desenvolvimento como:

[...] um meio para uma finalidade maior que é o homem. Desenvolver o homem é construir condições que possibilitam a evolução das suas potencialidades bio-psíquico-sociais. Para tanto, não podemos delegar a construção deste conceito apenas a um campo de saber ou a uma visão política, nem tampouco a uma dimensão da vida humana. A construção deste conceito requer uma compreensão mais ampla da vida econômica, política, social e cultural da sociedade, o que exige outro olhar, outro sentido, outros valores. Requer uma visão para além da dicotomia entre Ocidente/Oriente, moderno/atrasado, centro/periferia, global/local, humano/não-humano.

Embora a abordagem sobre o desenvolvimento sustentável atue principalmente nas dimensões ambiental, econômica e social, é questionável se estes são suficientes para contemplar o seu significado, sua complexidade e importância. A dimensão ambiental trabalhada no contexto do desenvolvimento sustentável supõe que o modelo de produção e consumo sejam compatíveis com a base material em que se assenta a economia em escalas regionais. Nesse sentido, a produção e o consumo deveriam estar alinhados à capacidade de resiliência dos ecossistemas regionais (NASCIMENTO, 2012).

Referente à dimensão econômica que supõe o aumento da eficiência da produção e do consumo, baseada na economia crescente dos recursos naturais com ecoeficiência, e com a

caracterização do desenvolvimento sustentável, delinea-se equivocadamente sobre o pensamento capitalista que centraliza sua atenção na contínua e crescente produção e consumo de recursos naturais, ainda que este não seja o meio essencial à manutenção da vida (NASCIMENTO, 2012).

Para a dimensão social que supõe que todos os cidadãos tenham o mínimo necessário para uma vida digna, viabilizando a erradicação da pobreza e a justiça social. Contempla-se subjetivamente a dimensão do poder, estruturado em atuações políticas, conflitos de interesse e também a despolitização do desenvolvimento sustentável com o deslocamento do foco político para a transformação social, trazendo assim a dimensão da cultura (NASCIMENTO, 2012; SANTOS *et al.*, 2012).

Com base no exposto por Nascimento (2012) e Santos *et al.* (2012), entende-se que a sustentabilidade deve ser abordada de forma transversal, aplicada em escalas regionais, alinhadas às características, significados e representações de cada sociedade. Viabilizando a compreensão dos valores e comportamentos construídos pela sociedade em questão e estimulando a mudanças no padrão de consumo e no estilo de vida da população.

De acordo com os professores e pesquisadores do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília, Bursztyn e Bursztyn (2006, p. 55) “o conceito de desenvolvimento sustentável é recente e padece de ambiguidades e incertezas. Mas é um vetor importante para entender e enfrentar os problemas atuais da humanidade”.

Devido à flexibilidade das qualificações atribuídas ao nomeado, desenvolvimento sustentável, revela-se uma apreensão na imprecisão dos aspectos a serem considerados. Apesar disso, há uma noção comum de que este se assenta no tripé do economicamente viável, socialmente justo e ambientalmente equilibrado (BURSZTYN; BURSZTYN, 2006).

Apesar das menções ao ambientalismo, é perceptível a sobreposição da dimensão econômica sobre as demais, visto que os discursos em sua maioria se fundam sobre condições econômicas, sejam elas locais ou globais, individuais ou coletivas, valorando a posição diferenciada dos atores sociais na “estruturada” sociedade, que disponibiliza os recursos “necessários” de consumo mediante o poder de aquisição.

Reflexo da sobreposição econômica sobre a dimensão do socialmente justo, na sequente de relevância nos debates sobre o desenvolvimento sustentável, Bursztyn e Bursztyn (2006) apresentam a dimensão social, expondo o crescimento da pobreza, sobretudo nos países considerados em desenvolvimento, em um contexto geopolítico.

Bursztyn e Bursztyn (2006, p. 65) afirmam que: “Em função de tal contexto, a tônica que marcou os debates na Conferência de Johannesburg, em 2002, quando seriam revisados os compromissos da Rio-92, foi muito mais de enfrentamento da pobreza [...]”.

Entre o debate econômico e social, autores como Latouche (2012), economista e filósofo francês, trazem uma proposta de mudança radical (mas progressiva), expressa no movimento do decrescimento. Esse confronta o padrão de produção e consumo vigente, e o qualifica como insustentável, predador dos recursos naturais finitos e desconstrutor dos reais valores de bem-estar e felicidade da sociedade.

Segundo Latouche (2012), o decrescimento é utilizado como um slogan para enfatizar a importância de abandonar a insistente visão de “economia de crescimento”, combatendo o paradigma que mensura o desenvolvimento por meio da crescente ascensão econômica.

A respeito do nascimento do movimento de decrescimento, o autor Joan Martínez Alier, economista ecológico espanhol, afirma que:

Movimento social a favor do decrescimento ambiental surgiu em alguns países ricos [...] é constituído de grupos da sociedade civil e tem o apoio de alguns universitários (mas ainda não dos governos), como foi o caso durante as conferências de Paris em abril de 2008 e de Barcelona em março de 2010. Trata-se do movimento chamado na Itália de ‘decrescita’ e na França de ‘décroissance’.

O decrescimento econômico socialmente sustentável é ao mesmo tempo um conceito e um pequeno movimento, com base social oriunda do campo da economia ecológica, da ecologia social e da antropologia econômica, bem como dos grupos de militantes sociais e ambientais. (ALIER, 2012, p. 65)

Alier (2012) ressalta que não é possível estabelecer um modelo padrão para o decrescimento. Entretanto, é possível desenhar alguns princípios básicos para uma sociedade com programas de transição não produtivista e sustentável, baseado em objetivos como: reavaliar, reconceituar, reestruturar, realocar, redistribuir, reduzir, reutilizar, reciclar os valores do indivíduo e da sociedade.

Veiga e Issberner, pesquisadores brasileiros, (2012, p. 130) defendem a ideia de “decrescimento seletivo” em que alguns setores como, “a alimentação industrializada, a produção de objetos descartáveis [...], a dominação dos intermediários [...] sobre a produção e o consumo, o uso de automóveis particulares e o transporte rodoviário de mercadorias” necessitam decrescer em detrimento a outros serviços que devem crescer, como “os serviços, as energias renováveis, os transportes públicos, a economia plural (que inclui a economia social e a solidária), [...] as agriculturas e pecuárias familiares e biológicas” (VEIGA; ISSBERNER, 2012).

O professor e pesquisador em estudos internacionais, Rist (2012) faz sua crítica ao desenvolvimento referindo-se a uma “palavra ameoba”, que não possui conteúdo definido e apresenta variações alinhadas aos interesses de quem as formula. Defende também que:

[...] segundo o método durkheimiano, a verdadeira definição deveria se basear em “fatos sociais” identificados a partir de suas características externas, de forma a perceber aquilo que os une e constitui, de certa forma, seu denominador comum, para além de suas manifestações individuais. Melhor dizendo, é preciso considerar as práticas tais como se manifestam concretamente na vida social (RIST, 2012, p. 139).

Alinhado ao pensamento de Rist (2012), o economista e pesquisador em desenvolvimento econômico, Oliveira (2002) afirma que há um esquecimento de que as pessoas são o cerne do desenvolvimento, e que a busca do crescimento econômico deveria ser para distribuição justa, progresso e melhoria de vida da população. Assim, para Oliveira (2002, p. 40), “O desenvolvimento deve ser encarado como um processo complexo de mudanças e transformações de ordem econômica, política e, principalmente, humana e social.”

Da mesma forma que as diferentes dimensões conceituais do desenvolvimento sustentável tiveram suas origens no pensamento ocidental, a operacionalização destes conceitos também foi empregada por mecanismos institucionais como o Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional, Organização das Nações Unidas, Organização Mundial do Comércio, entre outros criados pelo mundo ocidental, no pensamento da modernidade. (SANTOS *et al.*, 2012).

Em 1992, a Conferência da ONU sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, ocorrida no Rio de Janeiro originou a “Agenda 21”, assinada por 179 países que foi um instrumento de planejamento participativo que objetivava a proteção do planeta e fomentava a urgente necessidade em se “alcançar” o desenvolvimento sustentável. Termo este que foi reconhecido e adotado em todo o mundo (BRASIL, 2019).

A Agenda 21 também recomendou meios de avigorar o ofício desempenhado por importantes movimentos coletivos, como os das mulheres, organizações sindicais, agricultores, crianças e jovens, povos indígenas, comunidade científica, autoridades locais, empresas e indústrias para alcançar o desenvolvimento sustentável, e especialmente no Capítulo 27, recomenda o fortalecimento do papel das organizações não-governamentais: como parceiros para um desenvolvimento sustentável (BRASIL, 2019).

Os princípios do desenvolvimento sustentável estão implícitos em muitas das conferências da ONU, como pode-se atentar dentre os inúmeros acontecimentos ao longo da História. Contudo, destaca-se neste trabalho o encontro convocado pela Assembleia Geral da ONU, em 2000, para a Cúpula das Nações Unidas sobre os Objetivos de Desenvolvimento do

Milênio (ODMs), em que se reuniram dirigentes mundiais, para assumir um compromisso para implementar objetivos contra a pobreza até o ano de 2015 (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2019).

Nesse âmbito, foram constituídos oito Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODMs), conforme apresentado no quadro abaixo:

Quadro 1 – Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM).

Nº	OBJETIVO	DESCRIÇÃO
1.	Erradicar a pobreza extrema e a fome	Reduzir o número de pessoas que ganham quase nada e que por falta de oportunidades como emprego, renda, terras para plantio, e conhecimento das devidas técnicas para realizá-lo, não consomem e passam fome.
2.	Alcançar o ensino primário universal	Aumentar o número de alunos que completam o ciclo básico, formando assim, adultos alfabetizados e capazes de contribuir para a sociedade como cidadãos e profissionais.
3.	Promover a igualdade de gênero e empoderar as mulheres	Superar as desigualdades entre meninos e meninas no acesso à escolarização formal e capacitá-las a ocuparem papéis cada vez mais ativos na economia e política de seus países.
4.	Reduzir a mortalidade infantil	Reduzir a taxa de mortalidade infantil entre crianças menores de 1 ano.
5.	Melhorar a saúde materna	A redução da mortalidade materna com a promoção integral da saúde das mulheres em idade reprodutiva, bem como acesso a meios que garantam direitos de saúde reprodutiva.
6.	Combater o HIV/AIDS, a malária e outras doenças	Deter a expansão de doenças que ameaçam acima de tudo as populações mais pobres e vulneráveis, com o acesso da população à informação, aos meios de prevenção e aos meios de tratamento, sem descuidar da criação de condições ambientais e nutritivas que estanquem os ciclos de reprodução das doenças.
7.	Garantir a sustentabilidade ambiental	Adoção de atitudes na esfera pública, como políticas e programas ambientais para a conservação adequada e conquista de condições mais limpas e saudáveis para a região em questão.
8.	Desenvolver uma parceria global para o desenvolvimento.	Ajuda oficial para a capacitação dos profissionais que pensarão e negociarão as novas formas para conquistar acesso a mercados e a tecnologias abrindo o sistema comercial e financeiro não apenas para países mais abastados e grandes empresas, mas para a concorrência verdadeiramente livre de todos.

Fonte: <https://nacoesunidas.org/pos2015/>

Os ODMs possuíam 22 metas e 48 indicadores disponibilizados para acompanhamento e avaliação em escalas nacional, regional e global.

Em setembro de 2015, a Cúpula de Desenvolvimento Sustentável reunida na cidade de Nova York, encerrou o ciclo dos ODMs e definiu os novos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) como parte de uma nova agenda para 2030.

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável são reconhecidos como Objetivos Globais, que constituem um plano de ação contra a pobreza em prol da proteção do planeta e para garantir que todas as pessoas tenham paz e prosperidade. Possuem 17 objetivos e 169 metas que foram enraizadas nos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) e com a inserção de novos temas, como é possível verificar no quadro 2 (PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO, 2019).

Quadro 2 – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Nº	OBJETIVO	DESCRIÇÃO
1.	Erradicação da Pobreza	Acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares;
2.	Fome Zero e Agricultura Sustentável	Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável;
3.	Saúde e Bem-Estar	Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todas e todos, em todas as idades.
4.	Educação de Qualidade	Assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todas e todos
5.	Igualdade de Gênero	Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas
6.	Água Potável e Saneamento	Assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento para todas e todos
7.	Energia Limpa e Acessível	Assegurar o acesso confiável, sustentável, moderno e a preço acessível à energia para todas e todos
8.	Trabalho Decente e Crescimento Econômico	Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todas e todos
9.	Indústria, Inovação e Infraestrutura	Construir infraestruturas resilientes, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação.
10.	Redução das Desigualdades	Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles
11.	Cidades e Comunidades Sustentáveis	Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis
12.	Consumo e Produção Sustentáveis	Assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis
13.	Ação Contra a Mudança Global do Clima	Tomar medidas urgentes para combater a mudança climática e seus impactos

14.	Vida na Água	Conservação e uso sustentável dos oceanos, dos mares e dos recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável
15.	Vida Terrestre	Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade
16.	Paz, Justiça e Instituições Eficazes	Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis
17.	Parcerias e Meios de Implementação	Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável

Fonte: <https://nacoesunidas.org/pos2015/>

Em concordância aos inúmeros movimentos históricos ocorridos, alguns resumidamente relatados nesta dissertação, Giddens (1991) discute em seu livro “As Consequências da Modernidade” que, na medida em que a maior parte das questões ecológicas consequentes da modernidade se torna, notadamente, global, as formas de intervenção para minimizar os riscos ambientais terão, necessariamente, uma base planetária. Um sistema geral de cuidado planetário pode ser criado, tendo como meta a preservação do bem-estar ecológico do mundo como um todo. Uma maneira possível de conceber os objetivos do cuidado planetário é oferecida pela chamada “hipótese de Gaia”, elaborada na década de 1970 por James Lovelock. Segundo esta ideia, o planeta “exibe o comportamento de um organismo único, de uma criatura viva [...]” (LOVELOCK, 1970 apud GIDDENS, 1991, p. 169).

A saúde orgânica da terra é mantida por ciclos ecológicos descentralizados que interagem para formar um sistema bioquímico autossuficiente. Se essa concepção puder ser autenticada em detalhe analítico, ela terá implicações precisas para com o cuidado planetário, que pode ser mais como proteger a saúde de uma pessoa do que cultivar um jardim onde as plantas crescem de maneira desordenada (GIDDENS, 1991, p. 170).

Baseado em todo arcabouço apresentado por meio da diversidade de conceitos de desenvolvimento e pensamentos sociológicos, compreende-se que, para alcançar a sustentabilidade, se faz necessário um processo de mudança direcional relativa ao padrão de desenvolvimento pensado e aplicado na atualidade; pois, o discurso do desenvolvimento sustentável funda-se em teorias que sugerem profundas transformações. Contudo, a prática não representa a ruptura necessária com o modelo do desenvolvimento atual para um novo modelo que propicie equidade social. Nesse cenário, as Organizações Não Governamentais e os Movimentos Sociais fortalecem a dimensão social e a interação entre os atores individuais em

coletividades representativas para o avanço em direção ao desejado e utópico desenvolvimento sustentável.

Por fim, baseado na importância da atuação da organização civil para o avanço na harmonização entre as múltiplas dimensões do desenvolvimento sustentável, seja como organizações não governamentais, movimentos sociais, entre outras formas. Assim, o próximo capítulo aprofundará sobre a relevância dos movimentos sociais e apresentará o movimento gerador do objeto desta pesquisa.

2 MOVIMENTOS SOCIAIS

Existe um número significativo de estudos sobre movimentos sociais e as problemáticas que eles envolvem. Contudo, Gohn (1995) afirma que não é possível determinar uma teoria ou conceito, devido à multiplicidade de interpretações e teorias elaboradas sobre eles. Ainda segundo este autor (1995, p. 11) “Um conjunto díspar de fenômenos sociais tem sido denominado como movimentos sociais”.

Alinhado ao exposto no capítulo anterior, considerando ainda que danos ambientais irreversíveis podem ter ocorrido ao longo do tempo, com consequências para a sociedade, porém sem notoriedade devido à inexistência da globalização e da forte comunicação, características da era da modernidade, Giddens (1991) apresenta a globalização como um processo de desenvolvimento desigual que tanto fragmenta, quanto coordena, pois cria novas formas de risco e perigo ao mesmo tempo que promove possibilidades de longo alcance de segurança global, onde muitos dos fenômenos dizem respeito à experiência de viver em um mundo em que presença e ausência se combinam de uma nova maneira e o tempo e o espaço já não são sistematicamente inter-relacionados historicamente.

Na contextualização das sociedades complexas, é possível observar cenários em que categorias como relação hierárquica, por exemplo, desaparecem quando os indivíduos participantes compartilham do mesmo interesse ou operam na mesma província de significados, conforme nominado por Schütz (1979). Igualmente nominado pelo antropólogo estadunidense Geertz (1978) como rede de significados, quando indivíduos que atuam dentro de um sistema compartilhado de crenças e valores ainda que possuam certa variação individual, apresentam uma homogeneidade em comportamentos e atitudes. Com isso, podendo tais afirmações serem contextualizadas no objeto de estudo desta dissertação.

Tendo em vista a consideração supra de Geertz (1978), a cultura é composta por um sistema de simbologia estruturada de maneira mútua individualmente, no entrelaçamento de significados e símbolos atribuídos à contextualização da identidade, da demonstração de sentimentos e emoções variadas da ecologia interna e externa humana, na busca em compreender a esfera de sua própria essência enquanto “ser humano” e a sua relação com a sociedade e a natureza.

Velho (1994) relata que as ideologias e as províncias de significados, os quais, segundo Schütz (1979), em suas reflexões, nos indica algumas características daquilo que nomeia de choque. A definição mais exata descreve: “O choque, não é nada mais do que uma modificação radical da tensão de nossa consciência, fundada num tipo diferente de atenção à vida” Schütz

(1979, p. 252). Essas reflexões socialmente construídas possuem relação entre o idealismo individual e a vivência comunitária. Ambas são complementares, visto que a participação em ações com foco em uma identidade coletiva não elimina o nível de escolha de um indivíduo, e sim apresenta-se um repertório extenso de combinações entre suas interações.

As interações sociais caracterizam um amplo campo de possibilidades das sociedades complexas, onde as redes de relações constituem-se em interações associadas a experiências e identidades particulares, individualizadas e combinações em que o indivíduo é o ponto de interseção entre vários “mundos” da sociedade juntamente com a interação dos processos sociais abrangentes, da produção de reconhecimento implícito ou explícito de valores e interesses diferentes (SCHÜTZ, 1979; VELHO, 1994).

Tanto na abordagem fenomenológica apresentado por Schütz (1979), quanto no interacionismo, apresentada por Simmel (1973) revela-se a distinção e autonomia de diferentes mundos e províncias de significados em uma mesma sociedade ou categoria estudada, podendo ser exemplificada nesta dissertação pela pesquisa desenvolvida com a organização da sociedade civil do Movimento ODS do Rio de Janeiro.

Os movimentos sociais estimulam potenciais mudanças em prol de suas manifestações e funcionam como ferramentas para efetiva transformação do mundo. Os movimentos pacifistas, por exemplo, podem ser importantes para despertar a consciência reflexiva, a força da opinião pública, as políticas das corporações de negócios e dos governos nacionais, e as atividades de organizações internacionais que são fundamentais para obtenção de reformas básicas (GIDDENS, 1991).

Gohn (2000, p. 12) esclarece que “movimento social refere-se à ação dos homens na história. Esta ação envolve – um fazer – por meio de um conjunto de práticas sociais – e um pensar – por meio de um conjunto de ideias que motiva ou dá fundamento à ação”. Para exemplificar sua concepção podemos considerar a linha histórica das lutas sociais que retratam os conflitos e contradições em torno dos problemas da sociedade, segregada por seus interesses, ideologias, valores, crenças, visões e projetos de vida divergentes.

Os movimentos sociais surgiram desde o tempo de o Brasil Colônia, marcados pelas lutas de índios, negros, mestiços e pobres, contra a dominação, a exploração econômica e a exclusão social (CHIAVENATO, 1988 apud GOHN, 2010; GOHN, 1995; PAOLI, 1995).

Gohn (2010) afirma que no mundo moderno os conflitos sociais estão em transformação, dando ênfase aos problemas de identidade cultural relacionados a raça, gênero, idade, etc.

Apesar da menção aos movimentos sociais, Giddens (1991), também relata a grande parcela dos atores sociais que não atentam para a existência de riscos ambientais e suas possíveis consequências, tanto para o ambiente, quanto para os seres humanos. E relaciona tal comportamento à sensação de impotência em intervir como ator individual na mudança de tal cenário.

Entre as diversas maneiras de se manifestar na sociedade, alguns indivíduos atuam de forma coletiva envolvidos em causas ambientais, a fim de promover mudanças em escalas locais, regionais e globais. Nesse sentido, esta dissertação aborda o Movimento ODS do Rio de Janeiro que realiza sua interação social de maneira presencial e virtual, utilizando-se dos avanços da tecnologia e das ferramentas da modernidade para discorrerem sobre as questões socioambientais e suas ações para minimizar os impactos negativos no meio ambiente e na sociedade.

Tais práticas visam a disseminar as iniciativas alinhadas aos objetivos do desenvolvimento sustentável da agenda 2030 convergentes à província de significados atribuída ao movimento por seus participantes, exemplificada acima pela teoria de Velho (1994) e de Geertz (1978).

Para Giddens (1991), existe uma conexão direta entre as tendências globalizantes da modernidade que transformam a intimidade dos contextos de vida cotidiana, caracterizadas como mecanismo de confiança. Nessas circunstâncias, as relações de confiança pessoal estão intimamente relacionadas à situação na qual a construção do eu se torna um projeto reflexivo.

O impacto globalizante da mídia foi notado por numerosos autores durante o período de crescimento dos jornais de circulação de massa, potencializando a aquisição de conhecimentos e o estímulo de interesses de múltiplos atores individuais e coletivos em assuntos globais (GIDDENS, 1991).

Com isso, a ideia de globalização não permaneceu mais no universo de ideias, mas em um mundo real e que não só anseia por informação como a deseja em tempo real, para que possa estar antenado com o mundo não só no seu redor como no todo do planeta Terra. Essa gama de informações atende aos seres que entenderam que estar bem informado é uma forma de dominação com relação aos que não o estão. É isso que Giddens apresenta abaixo:

A questão aqui não é que essas pessoas estejam contingentemente conscientes de muitos eventos, de todas as partes do mundo, dos quais, antes, elas permaneceriam ignorantes. É que a extensão global das instituições da modernidade seria impossível não fosse pela concentração de conhecimentos que é representada pelas 'notícias'. Isso é talvez menos óbvio na consciência cultural geral do que em contextos mais específicos. Por exemplo, os mercados monetários globais de hoje envolvem direta e simultaneamente

acesso à informação concentrada da parte de indivíduos bastante separados espacialmente um dos outros (GIDDENS, 1991, p. 82).

Manuel Castells Oliván, sociólogo espanhol, informa que a constante reestruturação da tecnologia da informação, formalizou a constituição da sociedade em rede, caracterizada por uma cultura virtual entendida como realidade e construída a partir de sistemas abstratos de copresença que reconfiguram as categorias de espaço e tempo. Nesse sentido, afirma que a sociedade contemporânea estaria sendo delineada pelo processo de globalização pelo qual: “um ator social se reconhece e constrói significado principalmente em determinado atributo cultural ou conjunto de atributos, a ponto de excluir uma referência mais ampla a outras estruturas sociais” (CASTELLS, 1999, p. 39).

Giddens (1991, p. 104) apresenta para o cenário da modernidade a terminologia de sistemas abstratos “como meios de estabilizar relações através de extensões indefinidas de tempo-espaço”.

A natureza das instituições modernas está profundamente ligada ao mecanismo da confiança em sistemas abstratos, pois estes são operacionalizados por peritos que viabilizam sua utilização por usuários leigos que não possuem conhecimentos e habilidades específicas a cerca das complexidades dos sistemas peritos (GIDDENS, 1991).

Nesse sentido, apesar das complexas interfaces dos sistemas abstratos, ele propicia circunstâncias de co-presença, pelos quais são mantidas ou expressas as conexões e interações sociais (GIDDENS, 1991).

Dentre os aspectos de confiança, a segurança ontológica é definida por Giddens (1991) como uma forma muito importante de sentimento de segurança no sentido amplo em que se refere à crença de que a maioria dos seres humanos possuem na continuidade de sua autoidentidade e na constância dos ambientes de ação social. Assim, “A segurança ontológica tem a ver com ‘ser’ ou, nos termos de fenomenologia, ‘ser no mundo’. Mas trata-se de um fenômeno emocional ao invés de cognitivo, e está enraizado no inconsciente” (GIDDENS, 1991, p. 95).

Confiança e modernidade complementam a noção de desencaixe com a de reencaixe trazida pelo processo de globalização, referindo-se à reapropriação ou remodelação de relações sociais de forma a comprometê-las às condições locais de tempo e lugar (GIDDENS, 1991).

Como modalidades de engajamento radical possuem importância difusa na vida social moderna, os movimentos sociais fornecem pautas para potenciais transformações, envolvendo o caráter multidimensional da modernidade. Os movimentos pacifistas de certos tipos, assumiram um significado específico com o crescimento dos riscos de alta consequência

associadas à “evolução” pós-guerra, com o armamento nuclear formando o componente central dos tempos atuais (GIDDENS, 1991).

Na concepção de Giddens (1991), podem ser identificados no século XIX a luta dos movimentos ecológicos, cuja categoria se enquadrava em movimentos de contracultura, que eram contemplados o meio ambiente criado, formas antecedentes dos atuais movimentos “verdes”. Os primeiros movimentos tendiam a ser fortemente influenciados pelo romantismo e procuravam basicamente responder ao impacto da indústria moderna sobre os modos tradicionais de produção e sobre a paisagem. As preocupações ecológicas baseavam-se em riscos de alta consequência e em aspectos do meio ambiente criado.

Numa situação de globalização acelerada, procurar maximizar oportunidade e minimizar os riscos de alta consequência requer o uso coordenado do poder. Isto vale para política emancipatória bem como para política da vida. A solidariedade para as aflições dos oprimidos é integral a todas as formas de política emancipatória, mas alcançar as metas envolvidas depende com frequência da intervenção da influência dos privilegiados (GIDDENS, 1991, p. 161-162).

O risco diferencial, em relação ao nível de nutrição e suscetibilidade a moléstias, é uma das categorias em que é tido como um “privilegio” e “desposseção”. Desde o início da década de 1980 é reconhecido que os efeitos climáticos e ambientais de um confronto nuclear poderiam ter um grande alcance (GIDDENS, 1991).

A variedade de perigos ecológicos nesta categoria deriva da transformação da natureza por sistemas de conhecimentos humanos. A simples quantidade de riscos sérios ligados à natureza socializada é bem assustadora: a radiação a partir de acidentes graves em usinas nucleares ou do lixo atômico; a poluição química nos mares suficiente para destruir o plâncton que renova uma boa parte do oxigênio da atmosfera, o “efeito estufa” derivado dos poluentes atmosféricos que atacam a camada de ozônio, derretendo parte das calotas polares e inundando vastas áreas, a destruição de grandes áreas de floresta tropical que são uma fonte básica de oxigênio renovável, à exaustão de milhões de acres de terra fértil como resultado do uso intensivo de fertilizantes artificiais (GIDDENS, 1991, p. 129).

Giddens (1991) afirma que a maioria das pessoas não passa muito de seu tempo, ao menos conscientemente, preocupando-se com a guerra nuclear ou com qualquer outra eventualidade de catástrofe ecológica, devido à distância, à impossibilidade de tratativas e controle individual. Pois, a necessidade de ir em frente com as coisas práticas, mais locais do dia a dia estão no centro da consciência e atenção e demandam muito mais envolvimento psicológico. Em um ambiente secular, riscos de graves consequências e baixa probabilidade tendem a despertar um senso de “destino”, de tonalidade positiva ou negativa, que enraíza uma vaga e generalizada sensação de confiança em eventos distantes sobre os quais não se tem controle, acarretando em um alívio na sensação do fardo de uma situação ou consequência que

poderia ser perturbadora. Nesse sentido, para compensar as profundas ansiedades que essas circunstâncias podem produzir virtualmente em todo mundo, há o amparo psicológico do sentimento de que “não há nada que eu enquanto indivíduo possa fazer”, e que de qualquer maneira o risco deve ser muito superficial.

Contudo, existem algumas contracorrentes, expressas por meio dos engajamentos de indivíduos em movimentos ecológicos, que apresentam a preocupação com os danos ao meio ambiente e a humanização da tecnologia para a introdução de questões morais na relação entre seres humanos e o meio ambiente criado (GIDDENS, 1991).

O engajamento radical, pelo que me refiro a uma atitude de contestação prática para com as fontes percebidas de perigo. Aqueles que assumem uma postura de engajamento radical alegam que, embora estejamos cercados por graves problemas, podemos e devemos nos mobilizar para reduzir seu impacto ou para transcendê-los. Esta é uma perspectiva otimista, mas vinculada a uma ação contestatória ao invés de uma fé em análise de discussão racional. Seu veículo principal é o movimento social (GIDDENS, 1991, p. 138).

Dentre as mais diversas representações coletivas atuantes em prol das questões ambientais, sociais, econômicas e culturais, esta dissertação irá se ater ao projeto Movimento ODS, caracterizado como uma organização da sociedade civil, constituído por voluntários, apartidário, plural e ecumênico, que possui a finalidade de contribuir para a melhoria da qualidade de vida da sociedade, estimulando gradativamente a sociedade em contribuir com os compromissos acordados na Agenda 2030 para o alcance do Desenvolvimento Sustentável (MOVIMENTO ODS, 2019).

2.1 O Movimento Nacional ODS

O movimento abordado neste subcapítulo possui abrangência nacional, e compreende em sua estrutura núcleos representantes em vários Estados. No início da pesquisa, foram identificados como componentes do Movimento os Estados do Acre, Alagoas, Amazonas, Amapá, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins. No entanto, após reunião realizada em Santa Catarina, em 29 de março de 2019, pelos representantes dos estados atuantes, foi deliberada a criação de um novo *site* para o movimento que contemplasse os estados ativos e atualizasse os dados e histórico do Movimento Nacional ODS. Sendo assim, os estados ativos no novo *site* são Amazonas, Ceará, Espírito Santo, Minas Gerais, Paraná, Rio

Grande do Norte, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina, Sergipe, Tocantins (informação verbal).²

O Movimento Nacional ODS promove a incorporação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) nas práticas das pessoas e organizações pelas regiões brasileiras. Bem como busca o desenvolvimento da participação de voluntários na construção de uma sociedade socialmente inclusiva, ambientalmente sustentável e economicamente equilibrada. Nesse sentido, foram pensadas cinco categorias essenciais para a humanidade e o planeta: pessoas, prosperidade, paz, parcerias e o planeta (MOVIMENTO ODS, 2019).

Originado em 2004, inicialmente nomeado de Movimento Nacional pela Cidadania e Solidariedade (MNCS), foi criado durante a 1ª Semana Nacional pela Cidadania e Solidariedade, por iniciativa do Instituto Ethos, para impulsionar o país em favor dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) e teve como principal parceiro o Governo Federal, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) com o intuito de reforçar a disseminação dos ODM. A contribuição de cada parceiro é identificada mediante a demanda de cada projeto, não sendo condicionado a nenhum comprometimento financeiro.

O Instituto Ethos é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), criada em 1998, que realiza parcerias com as demais entidades da sociedade civil e possui como missão mobilizar, sensibilizar e ajudar empresas a gerir seus negócios de forma socialmente responsável, contribuindo para a construção de uma sociedade justa e sustentável, além de participar na construção de algumas políticas públicas, entre elas Fome Zero, Pacto Nacional de Erradicação do Trabalho Escravo, Política Nacional de Mudanças Climáticas, Plano Nacional de Metas da Biodiversidade da Aichi para 2020, Reformulação do Pro Ética etc. (INSTITUTO ETHOS, 2016a).

Em 2005, a campanha “Nós Podemos – 8 Jeitos de Mudar o Mundo” popularizou os ODM (objetivos do milênio) sendo conhecido como Movimento Nacional pela Cidadania e Solidariedade – Nós Podemos. Nesse ano, o Governo Federal realizou o Prêmio ODM Brasil, que obteve 5 edições e 110 premiações de práticas de desenvolvimento sustentável (O MOVIMENTO NACIONAL E OS ODS, 2016).³

Entre os anos de 2006 a 2011, foram criados os primeiros núcleos Estaduais dos ODM, que tiveram como ponto de partida os seminários de divulgação do prêmio ODM Brasil que

² Informação fornecida por C1 no seminário Diálogo sobre Agenda 2030 - Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, em Rio de Janeiro, em maio de 2019.

³ Relatório físico fornecido pela C1, para consulta dos registros produzidos pelo Movimento Nacional ODS. Este relatório apresenta conteúdo similar ao exposto no site: <https://movimentoods.org.br/historico-e-resultados/>, pois serviu de subsídio para confecção do site.

energizaram suas atividades a partir de 2009, em ação conjugada do Movimento Nacional pela Cidadania e Solidariedade (MNCS), o SESI Paraná, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e a Secretaria Geral da Presidência da República (SGPR), com apoio de metodologias de mobilização social desenvolvida pelo SESI do estado do Paraná (O MOVIMENTO NACIONAL E OS ODS, 2016).

No ano de 2009, o SESI/Paraná adquiriu a Secretaria Executiva do MNCS, criando o Portal ODM Brasil, objetivando ampliar os núcleos e ferramentas para sustentar o trabalho. Dentre eles, o Portal ODM (www.portalodm.com.br), difundido pelo SESI em parceria com o PNUD, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), a Secretaria-Geral da Presidência da República (SGPR) e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), tendo o conhecimento dos indicadores do milênio de todos os Estados e Municípios brasileiros. O portal possibilita à sociedade civil e aos governos estaduais e municipais reconhecer como e quantos as localidades estão atendendo aos objetivos, viabilizando a construção de projetos, planos, programas, políticas e ações que promovam a melhoria das condições ambientais, econômicas e sociais da população (O MOVIMENTO NACIONAL E OS ODS, 2016).

De 2009 até o ano de 2014, iniciaram-se os encontros nacionais do MNCS visando o fortalecimento da rede de Núcleos ODM que se formava. Em 2009, foi concretizado o primeiro encontro nacional, prosseguido de outros três, em 2012, 2013 e 2014. Os encontros tinham como objetivo central: planejar, decidir e compartilhar boas práticas e aprendizados.

Em 2010, iniciou-se a municipalização no congresso mundial da ONU, que consiste na territorialização e melhorias dos indicadores dos ODM, em escala municipal. Tal medida resultou na implantação de núcleos municipais e regionais que expandiram a rede integrada composta por organizações sociais, empresariais, poder público e individuais por meio de atores sociais que se dedicaram e contribuíram o alcance dos ODM. (O MOVIMENTO NACIONAL E OS ODS, 2016).

Em 2012, o Movimento Nacional pela Cidadania e Solidariedade (MNCS) revisou sua estrutura e organização de trabalho, advindo a ser coordenado por um Colegiado, constituindo assim, a seguinte estrutura: Secretaria Executiva Nacional, Secretaria Executiva Nacional Adjunta, Secretaria Nacional de Mobilização, Secretaria Nacional de Mobilização Adjunta, Secretaria Nacional de Comunicação e Articuladores Regionais: Norte I; Norte II; Nordeste I; Nordeste II; Centro-Oeste; Sudeste e Sul (O MOVIMENTO NACIONAL E OS ODS, 2016).

No ano de 2013 foi criado o termo de adesão para estimular e registrar o comprometimento dos indivíduos e coletivos com o MNCS e ao final de 2014, mais de 2000 atores sociais estavam filiadas (governos, empresas, sociedade civil, escolas, universidades),

reforçando a confiabilidade do MNCS e o empenho da sociedade com os ODM (O MOVIMENTO NACIONAL E OS ODS, 2016).

Nesse mesmo ano, foi criada uma agenda de compromissos lançada pelo Governo federal no encontro nacional de prefeitos. Foi proposto aos prefeitos um conjunto de 25 políticas e programas para aprimorar os indicadores sociais dos municípios brasileiros a serem implantados de forma autônoma por meio de metas alinhadas aos ODM. As metas, depois de estabelecidas pelo prefeito e sua equipe, são lançadas na Agenda de Compromissos. A população pode visitar a Agenda e acompanhar a melhoria dos indicadores (O MOVIMENTO NACIONAL E OS ODS, 2016).

Entre 2014 e 2015, o Projeto ODM Brasil/PNUD alcançou a expansão dos ODM por meio de acordos de subvenção com os núcleos ODM estaduais e municipais, a fim de auxiliar técnica e financeiramente o desenvolvimento de ações para mobilizações, como a capacitação de 240 multiplicadores de todos os Estados brasileiros, incluindo o Distrito Federal, para uso de ferramentas como: indicadores, mobilização, conversando sobre o desenvolvimento, plano de núcleo ODM e exposição de projetos, fortalecendo assim, as parcerias locais e potencializado o alcance social dos ODM (MOVIMENTO ODS, 2019).

No ano de 2015, acompanhando a transição mundial de ODM para ODS, foi celebrado o compromisso com os ODS, com a proposta de ampliar e fortalecer a rede do MNCS, articulando a execução de políticas públicas, assegurando o protagonismo da participação social nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), a fim de contribuir para a conquista do desenvolvimento social inclusivo e sustentável para as atuais e futuras gerações. Como resultado da 3ª Reunião do Colegiado Nacional foi aprovado o novo nome do MNCS que passou a ser Movimento Nacional ODS Nós Podemos (MNODS). Foi aprovada ainda a realização do 5º Encontro Nacional do Movimento em 2016, em Fortaleza, Estado do Ceará. Nesse ano, o Movimento foi reconhecido na Conferência Ethos 360°, realizada pelo Instituto Ethos, em São Paulo, no dia 22 de setembro, promovendo o diálogo “Dos ODM para os ODS: Resultados e Desafios”. Esse evento conheceu as instituições e atores que colaboraram intensamente em favor do avanço dos ODM (MOVIMENTO ODS, 2019).

O Instituto Ethos é constituído por diretoria, assembleia geral e os conselhos deliberativo, fiscal, orientador e consultivo internacional por meio de representantes das empresas parceiras institucionais, por associados curadores, por lideranças brasileiras e de outros países nas áreas de responsabilidade social empresarial e sustentabilidade. O instituto promove o diálogo entre empresas, entidades empresariais, organizações da sociedade civil, governo e academia para discutir as acentuadas tendências nacionais e globais do

desenvolvimento sustentável, aplicando-as à realidade das organizações e da sociedade promovendo a Conferência Ethos (INSTITUTO ETHOS, 2019b).

Entre os anos de 2004 a 2015 o “Movimento Nacional ODS Nós Podemos”, desenvolveu e atingiu os seguintes resultados:

- a) 27 núcleos estaduais ativos;
- b) 36 Núcleos regionais ODS;
- c) 132 Núcleos municipais ODS;
- d) 2049 Organizações filiadas ao MNODS;
- e) 243 Multiplicados dos ODM nas 27 unidades federativas;
- f) + de 500 Atividades de multiplicação realizadas (informação verbal).⁴

No ano de 2016, o MNODS passa a integrar a ESTRATÉGIA ODS, uma iniciativa que reúne, entre outros, a Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais (ABONG), a Agenda Pública, o Centro de Estudos em Sustentabilidade (GVces), a Frente Nacional de Prefeitos (FNP), a Fundação Abrinq, a Fundación Avina, o Grupo de Institutos, Fundações e Empresas (GIFE), o Instituto Ethos, a Rede Nossa São Paulo, com o compromisso de apoiar a implantação dos ODS (O MOVIMENTO NACIONAL E OS ODS, 2016).

Não foram demonstrados relatórios descritivos referente às ações realizadas em âmbito nacional do Movimento ODS para os anos de 2017 e 2018. Contudo, foram publicadas algumas notícias sobre eventos ocorridos nesse período em sites e em redes sociais. Dentre eles, destaca-se o 5º Encontro do Movimento Nacional ODS Nós Podemos, ocorrido em Brasília nos dias 10 e 11 de agosto de 2017, que objetivou definir estratégias para disseminar Agenda 2030 e reuniu representantes de 17 Estados brasileiros, para reestruturar diretrizes e discutir estratégias de mobilização pelo desenvolvimento sustentável do Brasil (MAGALHÃES, 2017).

Também é importante destacar a 1ª Edição do Prêmio ODS Brasil, ocorrida em 11 de maio de 2018, na Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) com a participação de gestores públicos, representantes do setor produtivo e da sociedade civil organizada. Esse evento foi organizado pela Secretaria do Governo Federal com apoio da UFRN, Federação dos Municípios do Rio Grande do Norte (FEMURN) e Fundação Norte-Rio-Grandense de Pesquisa e Cultura (FUNPEC) (GADELHA, 2018).

A estrutura de governança do Movimento Nacional ODS Nós Podemos é composta por um Colegiado Nacional formado por Secretarias Nacionais Executivas, de Mobilização e de

⁴ Informações fornecidas pelo Movimento ODS do Rio de Janeiro durante seminário Diálogo sobre Agenda 2030 - Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, em Rio de Janeiro, em março de 2019.

Comunicação e por representantes estaduais. Segue a discriminação da estrutura organizacional:

- a) Coordenação Geral e Adjunto;
- b) Coordenação de Pesquisa e Desenvolvimento e Adjunto;
- c) Coordenação de Relações Institucionais e Adjunto;
- d) Coordenação Projeto e Adjunto;
- e) Coordenação de Rede e Adjunto;
- f) Coordenação de Comunicação e Adjunto;
- g) Coordenação de Gestão e Adjunto;
- h) Coordenação de Administração e Adjunto;
- i) Secretário Executivo Nacional e Adjunto;
- j) Secretária Nacional de Mobilização e Adjunto;
- k) Secretária de Comunicação e Adjunto.

Nos Estados e Municípios os MNODS possuem uma estrutura semelhante responsável por liderar o desenvolvimento das atividades do movimento em nível local (MOVIMENTO ODS, 2019).

Esta pesquisa não aborda profundamente os eventos promovidos pelo Movimento Nacional ODS, pois embora sejam assuntos relevantes, esta abordagem alongaria demasiadamente a dissertação e não somaria para essência do objetivo proposto na pesquisa que é realizar uma pesquisa etnográfica com Movimento ODS do Rio de Janeiro, conforme relatado no capítulo seguinte.

3 MOVIMENTO ODS DO RIO DE JANEIRO

O Movimento ODS Nós Podemos do Estado do Rio de Janeiro deriva do Movimento Nacional pela Cidadania e Solidariedade/Nós Podemos (MNCS) realiza trabalhos em concordância aos objetivos do ODS da Agenda 2030, e tem como instituição âncora a Vitalis, uma organização sem fins lucrativos, fundada em 2007, no Rio de Janeiro, escolhida para ser chancelada pelo PNUD e para atuar com o Movimento Estadual dos Objetivos do Desenvolvimento do Milênio através de um acordo de subvenção (PIRES, 2019).

O Movimento ODS do Rio de Janeiro possui uma parceria com o Instituto Arcádia, uma organização sem fins lucrativos, originada em 2009, apta a receber incentivos financeiros de outras organizações, públicas ou privadas ou de pessoas físicas que desejam se engajar e dar continuidade às ações promovidas que visam a possibilitar o acesso à arte, à cultura, ao esporte, à qualidade de vida, à conscientização sobre a preservação do meio ambiente, à educação inclusiva, à profissionalização e a tantas outras possibilidades de inclusão social e cultural (INSTITUTO ARCADIA, 2009).

Em 2007, a então representante do Rio de Janeiro, C1, ingressa no Movimento ODS do Rio de Janeiro, em 2011, cria e coordena o Movimento Estadual ODM/RJ. Desde então, é realizado, constantemente, a busca de parcerias variadas com instituições que visem a contribuir para o alcance das metas dos Objetivos do Desenvolvimento do Milênio (PIRES, 2019).

Entre 2014 e 2015, o PNUD firma nos estados um acordo de subvenção para um repasse de verba a fim de subsidiar projetos e ações que convirjam aos Objetivos do Desenvolvimento do Milênio. Contudo, devido aos Núcleos Estaduais do Movimento não possuírem personalidade jurídica, foi necessária a realização de parcerias com instituições que atendessem as exigências do acordo de subvenção. O núcleo do Rio de Janeiro concretizou sua parceria com a então Instituição Vitalis Medicina Preventiva, hoje denominada VITALIS – Promoção e Desenvolvimento Social, cuja presidente é a Doutora Mônica Curvello Machado, participante ativa do Movimento até o presente momento. A partir do aporte financeiro e da aprovação de um plano de trabalho pelo Programa das Nações Unidas, inúmeros projetos foram executados. O Rio de Janeiro foi único estado a receber todas as parcelas desta subvenção, tornando-se destaque Nacional sobre a execução das atividades e a prestação de contas, reconhecidos e parabenizados pelo PNUD (PIRES, 2019).

Ainda em 2014 e 2015, foram realizadas as edições dos prêmios Parceiros dos ODM, no Palácio do Itamaraty (Rio de Janeiro). Após 2015, o Movimento passa a ser conhecido como

Movimento Nacional ODS – Nós Podemos e no Rio de Janeiro é chamado de “Movimento ODS Nós Podemos /RJ” (PIRES, 2019).

Em 2016, acontece também no Palácio do Itamaraty a primeira edição do Prêmio Parceiros dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. Em 2017, a segunda edição e, em 2018, ocorreu a terceira edição do Prêmio (PIRES, 2019). A atuação das parcerias para realização desses eventos ocorre por meio de patrocínios realizados como contribuições em pagamentos direto aos fornecedores da ornamentação, de alimentação, de bebidas, de confecção das placas dos prêmios, de seguranças do local e demais itens que se façam necessários para a concretização do evento (informação verbal).⁵

As parcerias realizadas não determinam ou são determinadas sobre quais tipos de contrapartidas ocorrerão. Parceiros diversos como as empresas, governos, ONG's, instituições de ensino, associações e voluntários desempenham da sua maneira esforços que corroborem para o alcance dos ODS e para a concretização dos eventos planejados para cada ano (informação verbal).⁶

Entre os anos de 2007 a 2011 não foram expostos registros de atividades do Movimento Estadual do Rio de Janeiro, podendo o motivo se dar ao fato de realmente não ter ocorrido nenhum evento, ou ao fato de não haver registros dos possíveis eventos ou projetos executados. Nota-se que a maior concentração de registros e matérias descritivas das atividades executadas que comprovam a efetiva ação do Movimento ocorrem a partir de 2015. Esse fato pode ter sido motivado pelo acordo de subvenção com o PNUD, que forçosamente despertou a atenção da coordenação do Movimento ODS do Rio de Janeiro para a guarda e organização de tais evidências, sendo para o acordo com o PNUD a documentação essencial para o repasse de verba.

Para o ano de 2012 foram apresentadas três matérias impressas em um book de recordação produzido pela coordenadora C1.

A matéria realizada em 27 de junho de 2012, no website do Diário o Vale, sobre o lançamento do concurso dos Objetivos do Desenvolvimento do Milênio, realizado em 28 de junho do mesmo ano, em Volta Redonda (Rio de Janeiro). O evento foi realizado no Teatro Professor Jesus Moreira Maciel, pela Secretaria Municipal de Ação Comunitária de Volta

⁵ Informação fornecida por C1 no seminário Diálogo sobre Agenda 2030 - Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, em Rio de Janeiro, em maio de 2019.

⁶ Informação fornecida por C1 no seminário Diálogo sobre Agenda 2030 - Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, em Rio de Janeiro, em maio de 2019.

Redonda, e do Centro de Inclusão Produtiva com o intuito de realizar uma exposição sobre a municipalização dos ODM e as ações já executadas na cidade (CONCURSO, 2012).⁷

Houve também a matéria impressa com referência ao website “Barra GovBr”, publicada em 25 de junho de 2012, no contexto da Rio + 20, em que se destacava que representante do núcleo ODM do Rio de Janeiro, Carlos Basília, recebeu uma homenagem com placa de reconhecimento concebida pelo Ministro da Saúde Presidente do Conselho Nacional de Saúde, Alexandre Padilha, no dia 22 de junho do referido ano na comunidade da Rocinha por sua relevante contribuição para o alcance dos ODM no que diz respeito ao combate à tuberculose no Brasil (REPRESENTANTE, 2012).⁸

Ainda sobre a mesma referência do website “Barra GovBr”, foi publicada em 20 de julho de 2012 a matéria sobre a municipalização dos Objetivos do Desenvolvimento do Milênio na cidade de Mesquita (Rio de Janeiro). O evento ocorreu em 19 de junho com seminário de municipalização dos ODM promovido pelo Movimento Estadual ODM do Rio de Janeiro, contou com a presença do Coordenador de Projetos Especiais ODM, Olavo José Perondi, da Secretaria-Geral da Presidência da República, a representante do PNUD, Maria do Carmo Rebouças, o então Prefeito de Mesquita, Arthur Messias, que assinou um documento comprometendo-se com uma agenda de ações do município em favor dos ODM, o evento também contou com a presença de diversos secretários municipais, vereadores, líderes comunitários e religiosos e cidadãos do município (MUNICIPALIZAÇÃO, 2012)

Uma outra matéria de destaque foi a publicada em 21 de julho de 2013 com o título “Conleste: com foco nos objetivos do desenvolvimento do milênio”. Nessa matéria, relata-se que a prefeitura de Itaboraí sediou, no dia 19 de julho de 2013, um encontro entre representantes dos Municípios do Consórcio Intermunicipal de Desenvolvimento da Região Leste Fluminense: com Leste para discutir os objetivos de desenvolvimento do milênio e o projeto da Organização das Nações Unidas, firmado em 2000. Nesse evento, foi mencionada a agenda de compromisso do ODM (objetivos do milênio) criada pelo Governo Federal que mostra aos Prefeitos os principais projetos e programas que devem ser implementados para o alcance das metas do milênio em seus municípios. O evento contou com a presença do senhor Maurício Garcia, assessor da Secretaria-Geral da Presidência da República (MENDES, 2013).

⁷ Matéria apresentada em folha impressa, como recorte de uma publicação de internet. Fato que impediu coleta de mais detalhes, como o autor e endereço eletrônico

⁸ Matéria apresentada em folha impressa, como recorte de uma publicação de internet. Fato que impediu coleta de mais detalhes, como o autor e endereço eletrônico.

Ainda cabe destacar a matéria impressa de 11 de dezembro de 2014 com o título “ODM ganha novas instalações em Mesquita”. Nesse evento, foram apresentadas as novas instalações do núcleo SEMUS - Secretaria de Saúde de Mesquita, para representante do Programa das Nações Unidas, Maria do Carmo Rebouças. A recepção foi realizada pelo Secretário de Saúde, Fabiano Muniz, pela Subsecretária Michele Almeida, pelo Diretor da Vigilância Sanitária, Gamaliel Amorim, e por vários Coordenadores dos programas de saúde desenvolvidos pelo governo municipal. Mesquita foi o município pioneiro a aderir ao programa ODM e alcançou grandes avanços como núcleo mais atuante do projeto entre os 92 Municípios onde o programa ODM atuava, conforme declarado pela então Assessora Técnica da Secretaria de Estado de Assistência Social e Direitos Humanos, C1. A articuladora do projeto na cidade, Ana Leila Gonçalves, teve sua atuação elogiada e falou sobre a importância do engajamento de todos no cumprimento das metas para um mundo melhor (NILÓPOLIS, 2014).

Nos dias 10 e 11 de março de 2014 foi realizada uma oficina de elaboração de projetos ODM no auditório Zelito Viana do município de Mesquita. O encontro foi uma parceria do Núcleo Estadual dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) do Rio de Janeiro e da ONG Vitallis Medicina Preventiva com a Secretaria Municipal de Mobilização Social e Direitos Humanos e do Instituto de Medicina, Estudos e Desenvolvimento (IMED), uma organização social sem fins lucrativos que se destaca na prestação de serviços e benfeitorias destinados à população. O curso contou com uma palestra de abertura sobre os ODM ministrada pela coordenadora do movimento, C1, e a capacitação foi ministrada pela engenheira Maria José Barra Franco (OFICINA, 2014).⁹

Foi registrada a presença de aproximadamente 100 participantes de instituições públicas e privadas do município de Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu e Niterói (Rio de Janeiro). O evento teve o objetivo de capacitar e qualificar gestores das instituições públicas e privadas com a finalidade de captação de recursos junto aos diversos órgãos financiadores para o fortalecimento dos ODM nos municípios do Rio de Janeiro (OFICINA, 2014).

Em 16 de abril de 2014 foi publicado a matéria “SEADSH e o Núcleo de ODM realiza seminário sobre o lado positivo da Copa”, realizado pela Secretaria Estadual de Assistência Social e Direitos Humanos em parceria com o Núcleo Estadual dos ODM. O evento ocorreu em 8 de maio de 2014 no auditório da Petrobras, no centro do Rio de Janeiro. Entre os convidados estavam o Secretário Estadual de Assistência Social e Direitos Humanos, João Carlos de Mariano, a Coordenadora Estadual do ODM, C1 e o tetra campeão mundial de

⁹ Matéria apresentada em folha impressa, como recorte de uma publicação de internet. Fato que impediu maior detalhamento.

futebol, Bebeto, então deputado estadual. A organização do evento foi realizada pela Secretaria Geral da Presidência da República, pelo PNUD, pelo Movimento Nacional da Cidadania e Solidariedade e pela Vitalis Medicina Preventiva com o de proporcionar uma oportunidade para discussão sobre a importância da Copa para o Estado, para a cidade e sobre os ganhos para as áreas de entretenimento e turismo do Rio de Janeiro (NOVELINO, 2014).

Em 25 de janeiro de 2016 foi publicado no Diário do Noroeste uma matéria, de 25 de setembro de 2014, intitulada “Bom Jesus recebe palestra sobre os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio”. Essa palestra foi realizada no dia 24 de setembro de 2014 no auditório da Prefeitura de Bom Jesus (Rio de Janeiro) onde se apresentou o intuito dos ODM em uma ação conjunta da Secretaria Municipal de Assistência Social e Habitação e da Secretaria Estadual de Assistência Social e Direitos Humanos. A Coordenadora do núcleo ODM do Rio de Janeiro explicou que o trabalho é realizado por voluntários ligados a comissões pastorais, conselhos e ONGs e que um dos principais objetivos do evento é promover a intersectorialidade das Secretarias Municipais, informando que a próxima etapa é a implantação do núcleo municipal que poderá alinhar as políticas públicas de acordo com as necessidades do município de Bom Jesus. A Secretária de Assistência Social e Habitação, Regina Anália Dutra Boechat informou que o desenvolvimento do município deveria ocorrer não só no campo econômico, mas também social (BOM JESUS, 2016).

Em 11 de dezembro de 2014, foi publicado no website da Prefeitura de Nilópolis - Uma Nova Nilópolis, a matéria “Nilópolis é representado em prêmio Parceiros Objetivos do Milênio” no dia 10 de dezembro de 2014, quando o então Prefeito, Alessandro Calazans e a Superintendente dos Direitos da Mulher, Luciana Moreira, receberam a homenagem do núcleo ODM do Estado do Rio de Janeiro no Palácio Itamaraty. O Prêmio Parceiros do ODM tem como objetivo homenagear pessoas ou instituições que fazem a diferença e acreditam na transformação positiva do mundo, sendo a premiação uma forma de reconhecer o esforço conjunto de instituições públicas privadas e do terceiro setor para o alcance das metas e melhoria da qualidade de vida do indivíduo. Nesse evento, mais de 28 personalidades e autoridades do Rio de Janeiro e de Brasília foram homenageadas com o Prêmio Parceiros do Objetivo do Milênio (NILÓPOLIS, 2014).

A matéria citada informava, ainda, um segundo evento ocorrido, no dia 12 de dezembro de 2014, na Casa da Mulher Nilopolitana, o círculo de diálogos: os objetivos do milênio nos dezesseis dias de ativismo, logo após as palestras que aconteceram referentes à municipalização do núcleo ODM em Nilópolis. Contudo, não foi identificada matéria exclusiva sobre esse evento (NILÓPOLIS, 2014).

Na matéria publicada em 16 de dezembro de 2014, em forma de material impresso, sem identificação de fonte de website, é informado que “Italva recebe prêmio da ODM no Palácio Itamaraty Rio de Janeiro”. O núcleo dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio do Estado do Rio de Janeiro homenageou em solenidade no Palácio Itamaraty, na cidade do Rio de Janeiro, 30 personalidades e autoridades do Estado do Rio de Janeiro e de Brasília, e entre os homenageados estavam Prefeito Leonardo Guimarães do município de Italva (Rio de Janeiro), que recebeu o prêmio em homenagem à parceria realizada entre o movimento ODM e a Secretaria de Assistência de Italva para realização de um workshop com a terceira idade (FERREIRA, 2014).

O Núcleo Estadual ODM (de 2007 a 2015) e ODS (a partir de 2016) realizaram inúmeras atividades durante o ano, interagindo com pessoas e instituições tanto públicas, quanto privadas que desempenham atividades alinhadas aos Objetivos do Desenvolvimento do Milênio/Sustentável. Ao final do ano, todos atores sociais supracitados são analisados pelo Movimento, sendo selecionados para receberem o prêmio os que realizaram parcerias com o Movimento e com os que desempenharam ações públicas, de benefício para população e de reconhecimento. Para o ano de 2015, foram produzidos registros internos com as descrições das atividades realizadas pelo Movimento ODS Nós Podemos do Rio de Janeiro, detalhadas no próximo subcapítulo.

3.1 A construção de uma narrativa coletiva

Em 2015, o Movimento ODS Nós Podemos do Rio de Janeiro realizou alguns eventos os quais são apresentados resumidamente em ordem cronológica a seguir. As informações relatadas foram extraídas do Relatório Narrativo das Atividades dividido, por trimestre, em 2015, e escritos por diversos autores, pois recebeu a contribuição de conteúdo e edição por diversos membros do Núcleo ODM, em transição para ODS.

Seminário ODM e a Educação no Trânsito

Ocorrido em 30 de abril de 2015, o evento se desenvolveu em dois momentos, no primeiro momento foi realizado uma palestra no auditório da Secretaria Estadual de Assistência Social e Direitos Humanos (SEASDH) com público misto, governo e sociedade civil, ministrado pela Companhia de Engenharia de Tráfego do Rio de Janeiro (CET-RIO). No segundo momento, a equipe do núcleo ODM do Rio de Janeiro levou os jovens para assistir a uma palestra na 1ª Delegacia da ponte Rio-Niterói com a Polícia Rodoviária Federal, onde

receberam ensinamentos sobre Legislação de Trânsito e a importância do uso do cinto de segurança no carro, o uso do capacete, a importância de atravessar na faixa de pedestre e sobre mobilidade urbana. Em ambos os momentos, foram exibidos vídeos educativos da Polícia Rodoviária Federal, tendo como tema central o uso de álcool e drogas no trânsito.

ODM - Oficina com os Idosos

Realizada em 05 de maio de 2015, a oficina aconteceu no auditório da igreja Assembleia de Deus no Bairro de Botafogo, em Nova Iguaçu (Rio de Janeiro), em parceria com a Secretaria Municipal de Assistência Social de Nova Iguaçu, a Associação Integrada do Jardim Ocidental (SIJO), a Igreja Assembleia de Deus e o Núcleo ODM Estadual. O espaço selecionado para a oficina foi providenciado por um membro do Movimento, devido ao seu conhecimento com o responsável pela instituição religiosa.

Foi ministrada uma palestra por um fisioterapeuta e PHD em Anatomia Humana na qual se falou sobre saúde na Terceira idade e contou com grande interação do público através de atividades realizadas durante a oficina. O público participante estava constituído em sua maioria de idosos de Nova Iguaçu e cidades adjacentes. Dentre as orientações realizadas, alertou-se sobre a importância da atividade física na terceira idade. Durante a leitura do Relatório Narrativo das Atividades de 2015, ficou explicitado o entendimento sobre os idosos manifestarem a impressão de satisfação com a oficina e de se sentirem inclusos nas ações da comunidade.

Para a concretização dessa oficina foram disponibilizados recursos com alguns parceiros conforme suas possibilidades. O som foi fornecido pela Pastoral do Menor, o Auditório e Data Show pela Igreja Assembleia de Deus, o buffet foi custeado pela Subvenção do Núcleo Estadual com o PNUD, os Fisioterapeutas foram cedidos pela Secretaria de Assistência Social Municipal de Nova Iguaçu, os palestrantes pelo Núcleo ODM estadual e o Transporte local de alguns idosos foi providenciado pela Instituição da Associação Integrada do Jardim Ocidental (SIJO) por meio do então presidente o Sr. Gilberto Carlos dos Santos, que também era membro do Movimento ODM (RELATÓRIO, 2015).¹⁰.

A relação do movimento ODM com o setor público ocorre por meio de seus membros, pois quando estes são atuantes ou influentes no setor público, conseguem suportes como doações ou serviços que subsidiam a ocorrência dos eventos produzidos pelo movimento.

¹⁰ Relatório descritivo de atividades do ano de 2015, fornecido pela C1 em formato Word, e sem a identificação de autor, pois foi construído em conjunto, pelos participantes da época.

ODM e as Mães

Em 19 de maio de 2015, através da parceria entre o Núcleo Estadual ODM, a Câmara dos Vereadores de Mesquita e uma empresa patrocinadora o evento ocorreu com o objetivo de fortalecer o MNCS e disseminar os ODM, realizando um trabalho com as mães da comunidade da Chatuba no município de Mesquita onde as participantes expressaram suas dificuldades em lidar com a violência no bairro, com a violência dos seus parceiros, o envolvimento dos filhos no tráfico, as condições precárias de saneamento e alguns desabafos do que elas pensam sobre a maioria penal.

Seminário ODM e a Educação Financeira

Em 20 de maio de 2015, o seminário de Educação Financeira aconteceu no município de Belford Roxo (Rio de Janeiro), resultado de uma parceria entre o Núcleo ODM Estadual, a secretaria de Cultura de Belford Roxo e a Superintendência da Mulher do Município. O seminário ocorreu no auditório da Casa da Cultura, onde foram realizadas duas palestras: ODM na transição dos ODS e Educação financeira voltado mais especificamente para as mulheres no processo de empoderamento.

As atividades desenvolvidas no período de julho a setembro de 2015 foram concretizadas pelo núcleo estadual ODM/RJ e subvencionadas pela instituição âncora Vitalis Medicina Preventiva com diversos parceiros que buscaram promover a municipalização e o fortalecimento institucional do Núcleo/RJ e do Movimento Nacional de Cidadania e Solidariedade em especial ao movimento - Nós Podemos Rio de Janeiro.

O seminário ODM e a Educação Financeira bem como os demais seminários ocorridos no ano de 2015, foram custeados pelo acordo de subvenção do PNUD com o movimento ODM do Rio de Janeiro, sendo este representado pela instituição Vitalis apenas como um meio legal e formalizado devido ao domínio de um CNPJ, para recebimento do recurso financeiro e destinação do valor integral recebido ao movimento.

Seminário ODM e Juventude

Em 30 de julho de 2015, a atividade ocorrida na instituição conhecida como Ópera de Acari contemplou a apresentação do que são os ODM e quais as ações do movimento em prol de um mundo mais justo e igualitário, a gravidez na adolescência e a relação da juventude com o meio ambiente. Participaram deste evento os jovens e adultos da comunidade de Acari.

A parceria desse evento ocorreu entre a Secretaria de Estado de Assistência Social e Direitos Humanos, ONG Vitalis Medicina Preventiva e o Projeto Ópera de Acari. Nessa instituição foi formado um novo núcleo municipal, composto pelos jovens que residem na área do Projeto, considerada uma área de extrema vulnerabilidade social.

ODM e a Segurança Alimentar e Nutricional

Em 06 de agosto de 2015, esse seminário foi realizado no Memorial Roberto da Silveira, município de Niterói, por meio de parceria entre a Prefeitura de Niterói, a ONG uma Niterói mais Humana, a Exposição Sentidos do Nascer, a Superintendência de Segurança Alimentar e Nutricional do Estado, Conselho Estadual de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA), o Projeto Passarinho, a ONG Vitalis Medicina Preventiva, a Unidade Básica Amiga da Amamentação (UIBAAM) e o Núcleo Estadual ODM/RJ.

A nutricionista da Superintendência fez uma abordagem sobre a alimentação adequada que é um direito humano garantido, e expôs aos Municípios que estavam presentes a importância da adesão ao Sistema Integrado de Segurança Alimentar (SISAN). Além do enfoque na alimentação, foi realizada uma palestra sobre “Segurança Alimentar e Nutricional no contexto do Aleitamento materno”, por este motivo a parceria com a Exposição Sentidos do Nascer.

Nesse seminário foi realizada a municipalização de Niterói, e a constituição da Coordenadoria do Núcleo Municipal pela Sra. Isabelle Guimarães.

Oficina sobre os ODM

Em 15 de setembro de 2015, no auditório dos Correios do Centro do Rio de Janeiro, foi realizada a oficina para disseminar os ODM, abordando os seguintes temas: ODM na Transição dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável; Direitos Humanos e o Empoderamento da Mulher na Vida Política. Conduzido pelo Superintendente de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos, abordou ainda sobre o quadro de violência que se encontra o Rio de Janeiro. Dentre o público que participou da oficina estavam algumas mulheres que pertenciam a alguns partidos políticos e colocaram suas necessidades de serem preparadas para uma visão em que as mulheres não fossem apenas uma cota partidária e sim serem participantes ativas e preparadas para assumir espaços de poder.

Os participantes dos eventos eram contatados por um meio de uma lista de e-mail de todas as pessoas que participaram dos eventos anteriores produzidos pelo movimento, além da divulgação realizada nas redes sociais *Facebook* e *WhatsApp*. Sendo de grande parte a ponte

para essa comunicação os membros do movimento ODM. Para participação desses eventos não é necessário pagar algum valor de entrada, apenas é solicitado nos convites dos eventos a doação 1 kg de alimento não perecível. Contudo, o não fornecimento do alimento não impedia a participação no evento.

Esse evento contou com a parcerias do Núcleo Estadual, da Secretaria de Estado de Assistência Social e Direitos Humanos, do Correios, da ONG Vitalis Medicina Preventiva e da ONG Mulher que Faz. Os Correios providenciaram o espaço físico com auditório e salas e o som, a Secretaria de Estado providenciou o Data Show, o Buffet e a alimentação dos representantes do núcleo na véspera e no dia da atividade foi custeado pela Subvenção com Núcleo Estadual ODM (RELATÓRIO, 2015).

Ainda em 2015, o Núcleo ODM realizou parceria com a Superintendência Estadual de Segurança Alimentar e Nutricional, realizando uma exposição com estandes de produtos e com a alimentação típica de comunidades tradicionais. Realizou uma parceria com as ativistas do município de Nilópolis e a Casa da Mulher Nilopolitana, fazendo uma abordagem no calçadão de Nilópolis, para comemorar os 9 anos da Lei Maria da Penha, distribuindo panfletos e material explicativo dos serviços oferecidos pela casa da Mulher e o que são os ODM/ODS. Esta parceria se deu em virtude do alto índice de violência que vem ocorrendo neste município.

O Movimento ODS Nós Podemos do Rio de Janeiro realiza anualmente a premiação de parceiros engajados, direta e indiretamente com ações e projetos que contribuam para o alcance ou melhora da performance dos ODS da Agenda 2030. Pois, conforme declarado pelo Movimento: “somente com parcerias é que conseguiremos avançar e como o conjunto de objetivos e metas dos ODS demonstram a escala e a ambição desta nova Agenda universal” (RELATÓRIO, 2015).

A primeira edição do prêmio foi realizada em 2016 com formato diferenciado das futuras edições, pois neste ano foi realizada uma premiação em escala municipal para Mesquita, visto que esta é a região que possui grande atuação com os ODM e uma segunda categoria permaneceu nas demais edições do prêmio, pois trata-se de parceiros que trabalharam com o Núcleo ODM do Estado do Rio de Janeiro. A premiação é realizada conforme a observação e a indicação dos próprios membros. Priorizam-se as instituições que realizam parcerias com o Núcleo ODM, firmando o vínculo com ações que estejam disseminando os ODM alinhado às ações do movimento.

O Movimento ODS Nós Podemos – RJ realizou a 2ª edição do Prêmio parceiros dos Objetivos do Desenvolvimento do Milênio em prol do reconhecimento e apoio dado pelos parceiros e visando a transição para os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável em que

agenda Pós-2015, constituiriam objetivos e metas, ainda mais desafiadoras e inviáveis de serem alcançadas sem a efetivação de parcerias. Foram premiadas instituições públicas, privadas, gestores e representantes do terceiro setor.

Reforçando o lema da nova agenda, “Não podemos deixar ninguém para trás”, o movimento age envolvendo todos os atores sociais e apresenta como seu maior desafio o efetivo engajamento, tanto dos atores sociais quanto dos movimentos coletivos públicos ou privados.

Referente às atividades do Movimento ODS do Rio de Janeiro, nos anos de 2016 e 2017 não foram identificados registros formais, somente um rascunho de apresentação de seminários ocorridos e relatos orais durante conversa com a coordenadora do núcleo estadual.

Tais informações e relatos são descritas abaixo com o nível de detalhamento que foi acessado.

Em 2016 ocorreu a municipalização de Barra do Piraí (Rio de Janeiro) com a representante Francineide que é a atual coordenadora do núcleo municipal. Neste evento, foi palestrado sobre a importância dos ODS no desenvolvimento local e no fortalecimento das políticas públicas (informação verbal).¹¹ No referido ano foi realizado o curso de culinária para refugiados, realizado pelo Instituto Masan em parceria com o Núcleo Estadual ODM e com a Secretaria de Estado, para capacitação dos refugiados (informação verbal).¹²

Em 13 de setembro de 2017 ocorreu o Seminário “Os objetivos do desenvolvimento sustentável e as estratégias de negócios” no Centro Cultural Banco do Brasil (CBB). O evento contou com a presença de Elzário Pereira da Silva Júnior, turismólogo e presidente ABBTUR Nacional (Associação Brasileira de Turismólogos e Profissionais do Turismo) que palestrou sobre a Associação e sobre o turismo sustentável para o desenvolvimento; Paula Barreto, técnica do BNDES, que palestrou sobre “O BNDES na promoção do desenvolvimento sustentável”; Pedro Carpenter Genescá, advogado do terceiro setor, palestrou sobre “Incentivos fiscais/doação para entidades do terceiro setor”; Luís Fernando Ramadon, agente da Polícia Federal e especialista em Direito Minerário falou sobre a “A extração ilegal de minerais” e; por exibição de vídeo o senhor Nelton Miguel Friedrich, Presidente da Hidroelétrica de Itaipu, que falou sobre a crise hídrica nacional.

A 3ª edição do Prêmio “Parceiros dos ODS” é uma realização do Núcleo Estadual ODS – Movimento Nós Podemos - RJ e a Instituição Vitalis Promoção e Desenvolvimento Social, que ocorreu no dia 6 de dezembro de 2018, às 18h, no Palácio do Itamaraty, no centro do Rio de Janeiro.

¹¹ Informação fornecida por C1 durante as anotações etnográficas, em Rio de Janeiro, em setembro de 2019.

¹² Informação fornecida por C1 durante as anotações etnográficas, em Rio de Janeiro, em setembro de 2019.

O objetivo da premiação foi reconhecer a contribuição de gestores, empresários e instituições que cooperam para uma sociedade mais justa e igualitária, com projetos ou ações sociais que estejam em consonância com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. Foram 17 premiados entre eles: Rosane Santos, Presidente do Instituto Nissan; Renata Gil, Juíza e Presidente da Associação de Magistrados do Estado do Rio de Janeiro (AMAERJ); Marcos Pinheiro, fundador do Instituto PHI; Ramon de Faria Santos, auditor fiscal do Trabalho; Carlão do Vôlei, Presidente da Ação da Cidadania e; Adriana Pinto, Presidente do Instituto Arcádia, dentre outros. O evento teve o apoio do parceiro Instituto Arcádia e o patrocínio Ecoponto, Unicesumar, Escola Técnica Centro Rio, Patrulha Aérea Civil, Sermacol e Instituto Musiva.

A descrição deste subcapítulo apresenta o histórico do Movimento ODS do Rio de Janeiro e as ações desempenhadas, documentadas em registros e dados encontrados em sites, redes sociais, matérias de jornais e revistas, e relatórios impressos, sobre a posse da coordenadora do movimento. O subcapítulo a seguir descreve o histórico de 2019 a partir da minha interação com o grupo, retratando ainda a experiência etnográfica com o movimento durante os anos de 2019 e 2020.

3.2 Uma etnografia no Movimento ODS do Rio de Janeiro

A etnografia pode ser apresentada em três fases, inicia-se com uma pré concepção sobre o objeto de estudo, seguida de uma experiência vivenciada, com uma imersão no mundo e cultura do objeto de pesquisa, despida das concepções e idealizações do pesquisador e encerrada pelo retorno do pesquisador a seu mundo social, com as descobertas de sua pesquisa.

Segundo Da Mata (1978) a primeira etapa da etnografia caracteriza-se pelo momento em que o pesquisador constitui seu conhecimento por meio de teorias e dados produzidos por outros pesquisadores, idealizações abstratas apoiada em material de terceiros, nomeada de teórico-intelectual. A segunda fase se inicia no período prático em que é possível produzir uma experiência concreta, baseada na vivência com o grupo, objeto da pesquisa. É o momento em que a cultura do pesquisado e do pesquisador dialogam construindo uma ponte entre esses dois mundos com simbologias e significações diversas. Nesse período, o pesquisador realiza uma dupla tarefa na tentativa de transformar o exótico em familiar e vice-versa, com a busca de enxergar e interpretar da forma mais real possível as informações, os sentimentos e emoções, as regras, convenções, tradições do coletivo estudado e os inúmeros fatores oriundos da interação social.

Na terceira e última fase, Da Matta (1978) afirma que ao findar do período prático e de relacionamento com o coletivo estudado, o pesquisador se isola novamente para maiores análises e compreensão das informações coletadas e retorna ao seu mundo social.

Mediante a compreensão sobre o processo da pesquisa etnográfica, relato minha experiência com meu objeto de pesquisa. O primeiro contato que realizei com o Movimento ODS do Rio de Janeiro foi por meio da coordenação, que palestrou sobre a Agenda 2030 no Seminário de Investimentos Orientados para os Objetivos dos Desenvolvimento Sustentável, realizado em 19 de setembro de 2018, no Laboratório de Responsabilidade Social e Sustentabilidade (LARES) do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nesse evento foi divulgado o curso produzido e ministrado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) para manuseio da Plataforma ODS Brasil, na qual é possível acompanhar o desempenho das metas e indicadores do Brasil, referentes aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030. Ao final do evento, caminhei até a Coordenadora do Movimento ODS do Rio de Janeiro e me apresentei como estudante do curso de Pós-Graduação em Práticas em Desenvolvimento Sustentável da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, manifestei o meu interesse em participar do curso ministrado pelo IBGE. A Coordenadora me informou o seu contato telefônico para que eu registrasse minha intenção em participar do curso e que na disponibilidade de vagas, ela retornaria o contato informando sobre o curso. Em poucos dias, recebi uma mensagem no *WhatsApp* com o convite do curso supracitado.

Em um segundo momento, fui convidada para participar do curso “Capacitando para a Sustentabilidade” em 31 de outubro de 2018, no qual foi possível uma maior interação com o Movimento ODS do Rio de Janeiro, pois a turma desse curso foi composta em sua maioria pelos participantes do grupo. Após esse evento, recebi o convite para presenciar o “Prêmio Parceiros dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável/RJ”, ocorrido em 06 de dezembro de 2018, no Palácio Itamaraty do Rio de Janeiro. Esse evento representa um marco na minha relação com o Movimento ODS-RJ, pois nesse momento que observei o quantitativo dos projetos, a diversidade das pessoas premiadas, a expressão de felicidade e de realização da equipe que se apresentou ao findar do evento, me veio a seguinte questão: Que motiva essas pessoas a participarem deste movimento?

Esta pergunta, timidamente se redesenhou no desenvolvimento desta pesquisa. Para execução deste trabalho foi realizado um corte temporal, contextualizando os processos de interação social de formas presencial e virtual para o ano de 2019 e 2020. Entre os meses de

janeiro a novembro de 2019 participavam do grupo 28 pessoas, sendo incorporados 2 participantes em 26 de novembro, encerrando o referido ano com 30 participantes.

Para apresentação das falas e conteúdos abordados pelos participantes, mantendo a identidade de todos, as características coletadas de cada indivíduo estão descritas. Entretanto, os nomes estão substituídos da seguinte forma: a coordenação está representada pelo código C1, os participantes estão identificados pela letra P, seguida de numeração crescente, na medida em que forem descritos na pesquisa e os entrevistados utilizam a letra E, para estes há uma descrição mais detalhada no quadro 3.

O Movimento ODS do Rio de Janeiro apresenta uma interação social variada em suas formas de execução e conteúdo abordado. Sua maior interação social ocorre por meio de sistemas abstratos, que independem das condições de espaço e tempo, conforme elucidado por Giddens (1991). A participação no grupo ocorre, tanto por meio digital, quanto por meio presencial. Alguns indivíduos interagem com maior frequência no grupo de *WhatsApp*, e menor frequência nos encontros presenciais, outros preferem os encontros presenciais para interagir, ao passo que optam por assumir o papel de observador, quando em meio digital.

Durante a pesquisa foram realizadas cinco experiências presenciais com a observação nos seguintes eventos: duas reuniões com os participantes do Movimento ODS do Rio de Janeiro, dois seminários, nomeados de “Diálogo sobre Agenda 2030 - Objetivos do Desenvolvimento Sustentável” e um “Prêmio Parceiros dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável/RJ”, evento que conclui na consolidação das ações desempenhadas no ano corrente.

Os eventos ocorridos serão abordados por ordem cronológica, objetivando um melhor entendimento no relato das experiências. A apresentação e detalhamento das reuniões estão descritas de maneiras distintas, em razão dos modos de coleta de dados realizados. Na primeira reunião, houve a observação e anotação, de certo modo tímida, presumivelmente por ser minha primeira experiência etnográfica. Na segunda reunião, há uma riqueza de detalhes e falas, devido ao uso de gravador e ao suporte que recebi de uma segunda observadora, que também realizou anotações, o que possibilitou recorrentes análises e uma coleta mais rica em informações.

Em 26 de fevereiro, foi realizada a primeira reunião do ano de 2019, na Federação Interestadual de Sindicatos de Engenheiros (FISENGE), localizada em Avenida Rio Branco, número 227, no 16º andar, cidade do Rio de Janeiro. Nesse dia saí mais cedo do trabalho para participar da reunião que estava agendada para o horário de 10:00 horas. Essa reunião representara o início da experiência etnográfica desta pesquisa, motivo pelo qual lhe conferi extrema importância. Nesse encontro fui apresentada oficialmente aos participantes do

movimento, expus ao grupo o motivo de minha presença e o propósito da pesquisa que seria desenvolvida.

No momento em que cheguei, a reunião estava prestes a começar. Portanto, não tive a oportunidade de interagir diretamente com algum dos 16 participantes que estavam presentes, dentre eles 8 mulheres e 8 homens. Logo, iniciou-se a reunião, conduzida pela coordenadora geral com uma fala de boas vindas e a afirmativa de aspirar um ano de muitas realizações e conquistas para o Movimento ODS do Rio de Janeiro.

O próximo momento dedicou-se à apresentação da equipe de Coordenação do Movimento ODS-RJ e ao cronograma de ações e eventos do ano em curso. Nessa ocasião a coordenadora C1 convidou o senhor P1, que é empresário de turismo a assumir a posição de Coordenador de Rede Adjunto, com a função de pesquisar e divulgar no grupo de *WhatsApp* os diversos cursos ofertados e relacionados aos assuntos relacionados com os ODS. Contudo, o senhor P1 expressou um sentimento de frustração por não receber um feedback do grupo sobre as oportunidades já postadas no *WhatsApp* do movimento, e sinalizou uma possível recusa ao convite. Em seguida, o convite ao cargo foi reforçado, contudo não houve uma resposta decisiva por parte do senhor P1.

Durante a reunião, a coordenadora C1 discorreu sobre sua intensa atuação no grupo, e sobre a participação de sua família no movimento com o apoio e engajamento ao desempenho de suas atividades. Declarou também que: “[...] temos uma missão na porcaria desse mundo[...]”, expressando uma sensação de responsabilidade e obrigação em fazer algo considerado positivo, em sua província de significados, para melhorar o mundo (SIMMEL, 1973; VELHO, 1994).

Nesse evento, foi realizado o convite para participação dos integrantes na campanha de doação de sangue do bloco VEM DOAR PARA MIM, realizado no mesmo dia da reunião, 26 de fevereiro. O bloco objetiva mobilizar as pessoas para doarem sangue e abastecer o banco de sangue do HEMORIO, no período de suas grandes demandas, devido ao acontecimento do carnaval.

A medida em que os participantes realizavam suas apresentações, pude perceber que todos são engajados em variados projetos sociais, além do Movimento ODS do Estado do Rio de Janeiro. A exemplo cito, a senhora P2, moradora de Anchieta e integrante ativa da pastoral do município. A senhora P3, empresária atuante na incorporação de deficientes físicos no mercado de trabalho. O senhor P4, consultor financeiro, de terapias holísticas para famílias. A P5, professora e psicopedagoga formada em artes, e também secretária estadual do Movimento ODS-RJ. O P6, professor de dança para deficientes visuais e secretário adjunto do Movimento

ODS-RJ. A P7, realiza trabalhos voluntários em comunidades e áreas carentes com projetos para acessibilidade e é adjunta da coordenação do Movimento ODS do Rio de Janeiro. O senhor P8, atuante em movimentos, associações e eventos relacionados à tuberculose. Este, realizou uma breve apresentação durante a reunião sobre doenças “escondidas” como HIV, lepra e tuberculose. No decorrer desse ano, foi apreciável a obstinação do P8 para divulgação de “sua causa”, tendo a tuberculose, como tema central de suas falas.

Os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável abrangem variadas áreas do conhecimento e atuação, o que parece ser a razão da grande interdisciplinaridade do Movimento ODS do Rio de Janeiro, composto por empresários, matemáticos, turismólogos, professores, donas de casa, assistentes sociais, estudantes de marketing, consultores, arquitetos, entre outros. Fato que proporciona um espaço para que todos exponham as causas que defendem e apesar disso, foi notável a ausência de profissionais com formação técnica na área ambiental. Trago esta consideração, pois minha compreensão inicial sobre o coletivo estudado carregava uma visão tendenciosa a relacionar tais formações profissionais ao tema “Sustentabilidade”, considerado o cerne deste grupo.

Em 20 de março de 2019, foi realizado o primeiro seminário “Diálogo sobre Agenda 2030 - Objetivos do Desenvolvimento Sustentável” no auditório do terceiro andar do Centro Cultural Banco do Brasil. O evento contou com 82 participantes, distribuídos em 61 mulheres e 21 homens. No quantitativo total, 17 deles são de Petrópolis (Rio de Janeiro), chegaram em transporte coletivo, fornecido pela prefeitura da cidade. Entre os participantes do evento, estavam 07 componentes do Movimento ODS do Rio de Janeiro.

A programação estava agendada para iniciar às 13h00 e encerrar às 17h00. A entrada para o evento era a doação de um quilo de alimento não perecível. Os acontecimentos desse evento decorreram da seguinte forma:

Às 13h00 iniciou-se o credenciamento dos participantes do evento. Por motivo de atraso de alguns participantes, a coordenadora geral do Movimento ODS-RJ me solicitou que realizasse a abertura do evento. Tarefa que cumpri com grande receio, pois não tenho costume de falar em eventos.

As 13h30 foi realizada a palestra “Direito do Consumidor como Fator de Lucratividade” pela doutora Sônia Carvalho, advogada, especialista em Direito das Relações de Consumo, ex-presidente do PROCON e presidente da Associação Pró Consumidor. Foi divulgada a existência de cartilha digital do Código do Consumidor e sua forma de acesso. A partir desta apresentação e durante o evento foi realizado atendimento gratuito por advogados em uma sala separada,

sobre o código do consumidor e as possíveis necessidades que o público do evento poderia apresentar particularmente para cada advogado.

As 14h10 a senhora Ângela Fontes, mestre e doutora pela UFRJ, foi participante da criação de Centro da Mulher Brasileira, atuou junto à rede internacional “Mujer y Habita”, da 4ª Conferência Mundial da Mulher realizada em Beijing, na China e é integrante do Fórum Feminista do Rio de Janeiro, além de ser conselheira do Conselho Estadual dos Direitos da Mulher (CEDIM). Palestrou sobre o ODS 5 que fala sobre a igualdade de gêneros e o relacionou às políticas para as mulheres.

Ao final desta apresentação, a coordenadora do Movimento ODS-RJ compartilhou com o público sobre a experiência que teve com a participante P9,¹³ no resgate de uma mulher e sua filha menor de idade, de uma prisão domiciliar imposta pelo marido e acobertada pela sogra. Descreveu os detalhes desde a identificação do pedido de socorro por uma rede social, até o efetivo resgate, a dificultosa execução do Boletim de Ocorrência na delegacia e o retorno de mãe e filha resgatadas para sua família de origem em outro estado. Foi ressaltado os obstáculos impostos pelos funcionários da delegacia para efetivar a queixa, que só foi realizada após o “uso” de nomes e patentes altas de militares, amigos da coordenadora. A coordenadora presenteou a participante P9, pela coragem e disposição durante o resgate com um belo e misterioso embrulho brilhoso.

Às 15h00 foi apresentado o projeto “Mão na Massa” que trabalha com mulheres na área da construção civil, gerando renda e empoderamento para aquelas que estão em situação de vulnerabilidade social. A coordenadora do projeto, psicóloga, pós-graduanda em Gênero e Direito da Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro (EMERJ), senhora Jaqueline Cruz, informou durante a palestra que na fase inicial do projeto foi realizada uma pesquisa para identificar qual área as mulheres de comunidades ou locais de vulnerabilidade social gostariam de atuar. No primeiro momento foi inesperado o fato da construção civil ter se destacado das demais opções, e após maiores análises dos resultados colhidos, foi compreendido que a maioria das mulheres em locais de vulnerabilidade social não possuem apoio de seus cônjuges, ou não possuem cônjuges e nem estrutura familiar para atender suas necessidades básicas. Sobre esta ótica muitas mulheres se tornam chefes de família e como tal, querem conquistar o item que consideram primordial para independência e segurança de seus dependentes, que é a casa própria (VELHO, 1994). Como não possui recursos financeiros para realizar tal feito, demandaram por uma formação que as capacitasse para construir suas próprias residências.

¹³ A participante P9, também consta nesta pesquisa como a entrevistada E2. Moradora de Santa Rosa – Nitérói, a P9 é estudante de artesanato, gestão ambiental, mãe e dona de casa.

Como fruto do projeto “Mão na Massa” foi apresentado o caso de sucesso da ex-aluna, Geisa Garibaldi. Empreendedora social e fundadora do projeto do Concreto Rosa, realizou uma apresentação muito intensa, expressando fortemente seu sentimento de apoio ao público feminino e declarando sua opinião sobre a urgente necessidade de independência da mulher, atrelando a autonomia financeira feminina a ruptura da sujeição à figura masculina. Relatou também que o incentivo para criar a empresa Concreto Rosa surgiu da demanda apresentada por mulheres que necessitavam de reparos ou reformas em suas casas; entretanto, não se sentiam seguras em receber homens para a realização dos serviços.

Apesar da coleta de informações deste evento não contemplar gravações de áudio, ou vídeo, lembro-me das palavras fortes e impactantes mencionadas pela palestrante, as quais ficaram gravadas em minha memória, quando cita “[...] a mulher tem que conquistar sua independência e não permitir ser subjugada por homens babacas e moleques [...]”.

Entre 16h00 e 17h00 foi reservado um intervalo para o *coffee* e *network* entre os participantes, seguido do encerramento do evento. Durante o *coffee* é notável a formação de grupos e rodas de conversa segmentadas por assuntos no qual seus participantes apresentavam maior afinidade.

Na figura 01 apresento o folder utilizado para divulgação do evento e convite para participação, bem como a programação detalhada:

Figura 1 – Folder do 1º Seminário de Diálogo Sobre Agenda 2030.

"DIÁLOGO SOBRE AGENDA 2030"
Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

Instituto Arcádia em parceria com o Núcleo ODS Estadual Nós
Podemos tem a honra de convidá-los(as) para participar
do seminário que será realizado em:

20/março | **13h às 17h**

**Rua Primeiro de março, 66,
Auditório - 3º andar - CCBB**

**Referência: Estação Metrô
Uruguaiana ou VLT Candelária**

Levar 1kg de alimento não perecível (menos sal e fubá)

PROGRAMAÇÃO

13h - Credenciamento

13h30min - **Tema:** Direito do Consumidor como Fator de Lucratividade
(Daremos atendimento ao público sobre o código do consumidor no dia do evento)
Palestrante: Dra. Sonia Carvalho – advogada especialista em Direito das Relações
de Consumo UFRJ, ex-presidente do PROCON, presidente da Associação
Pró Consumidor

14h10min - **Tema:** ODS 5 e as Políticas para as Mulheres
Palestrante: Angela Fontes – Mestre e Doutora pela UFRJ, participou da criação do
Centro da Mulher Brasileira, atuou junto à rede internacional "Mujer y Habitat",
participou da IV Conferência Mundial da Mulher, em Beijing, China, integrante do
Fórum Feminista do RJ e conselheira do CEDIM RJ

15h - **Tema:** Projeto Mão na Massa – Mulheres na construção civil, geração de
renda, empoderamento para mulheres em situação de vulnerabilidade social
Palestrante: Jacqueline Cruz – coordenadora do Projeto, psicóloga, pós-graduanda
em Gênero e Direito da EMERJ

15h40min - **Case de sucesso:** Geisa Garibaldi – empreendedora social,
ex-aluna do projeto "Mão na Massa" e fundadora do projeto "Concreto Rosa"

16h - Coffee / Network

17h - Encerramento

Clique no link e faça sua inscrição! <https://goo.gl/forms/O0YIASZK7Dsc4wC2>

Instituto Arcádia **MOVIMENTO NACIONAL ODS**
NÓS PODEMOS

Fonte: Movimento ODS do Rio de Janeiro (2019).

Em 22 de maio de 2019, foi realizado o segundo seminário “Diálogo sobre Agenda 2030 - Objetivos do Desenvolvimento Sustentável” no Conselho Estadual dos Direitos da Mulher - CEDIM. Foram apresentados temas sobre os ODS e a Economia Circular, o Femicídio e o caso de sucesso “*Bike Myself*”. O evento contou com a participação de 25 pessoas, compostos por 18 mulheres e 7 homens, dentre os participantes 06 eram componentes do Movimento ODS-RJ. Esse seminário foi realizado em parceria com a empresa AYP, que atua na gestão de serviços especializados em áreas técnicas variadas e no segmento de terceirização de serviços.

A programação previa o início às 13h00 encerramento às 17h00 no auditório do Conselho Estadual de direitos da Mulher - CEDIM. Contudo, houve um pequeno atraso para iniciar, devido a espera para a chegada da presidente do CEDIM, a senhora Helena Piragibe, apesar deste ocorrido, a programação foi cumprida.

O ingresso para o evento, assim como o primeiro seminário, era o fornecimento de 1 quilo de alimento não perecível, com exceção do sal e fubá. Apesar da solicitação, os participantes que não levavam os alimentos, entravam e participavam do evento.

Às 13h00 um voluntário iniciou o processo de credenciamento dos participantes no evento. A abertura foi realizada pela coordenadora do Movimento ODS do Rio de Janeiro, que apresentou a empresa AYP A e falou brevemente sobre os palestrantes. Em seguida, introduziu o caso de sucesso chamado *Bike Myself* - pedalando pelo Desenvolvimento Sustentável, idealizado por Pedro Viana que apresentou um dado estatístico retirado de uma matéria de 20 de março de 2018, na plataforma Rede de Conhecimento Social, afirmando que 49% dos brasileiros não sabem o que é o Desenvolvimento Sustentável.

Viana atua como disseminador dos ODS através de suas viagens e rotas de bicicleta pelo mundo, em busca de impactos sustentáveis. Nas suas expedições, ele pedalou aproximadamente seis mil quilômetros, em 237 dias pelos países da Espanha, França, Itália, Japão, Colômbia, México e Belize. Possui uma parceria com o projeto “Colabora”, que acredita que o planeta só será sustentável se conseguirmos resolver, além dos problemas ambientais, as mazelas sociais.

Durante a sua apresentação informou que estava lançando um novo modelo de exposição de seu projeto, em seu canal no *Youtube*, segregando por episódio a abordagem de cada ODS, chamando a *web* série de: Pedalando até 2030.

Às 14h00, a palestrante Rosane Santos, presidente executiva do Instituto Nissan no Brasil e gerente sênior de sustentabilidade para a Nissan América Latina, apresentou os objetivos e a nova estratégia de sustentabilidade da empresa para 2022, baseado no pilar social, ambiental e governamental. Movendo a sociedade para construção de um mundo mais limpo, seguro e íntegro, por meio da educação e da tecnologia. Desenvolvendo conexões expressivas entre os diversos atores da sociedade em prol do Desenvolvimento Sustentável, com ações alinhadas aos ODS.

Ressalvou o pilar social descrevendo os projetos desenvolvidos e financiados que visam a otimização de recursos. Como o projeto “Brasil Acessível” que proporciona informações e incentiva a mobilidade, com informações de acessibilidade de forma prática e gratuita; o projeto “Juventude e Oportunidade” que promove a formação pessoal de jovens e adultos com o acompanhamento social realizado por equipe de serviço social e pedagógica, com foco na promoção da qualidade de vida; o projeto “Luz & Ação” que leva iluminação até áreas coletivas e vias públicas de comunidades no Grande Rio, usando materiais simples como garrafas *PET*, painel solar, bateria, circuito, lâmpadas LED e canos PVC; o projeto “Barra Mansa + Ecológica e Sustentável” que capacita produtores, com agricultura orgânica, regenera nascentes, reduz a

emissão de CO₂, com o menor uso de defensivos Agrícolas e promove educação ambiental em escolas públicas de Barra Mansa e; o projeto “Mulheres da Maré” que amplia a oferta de educação profissionalizante às mulheres da comunidade, oferece acompanhamento individualizado para desenvolvimento de estratégias de inserção profissional e geração de renda.

Como projeto próprio, apresentou a “Mentoria de Valor” que aproxima especialistas e gestores do negócio com organizações do 3º setor que precisam de aperfeiçoamento técnico para correção de deficiências e contribui para que a Nissan seja reconhecida como empresa que fomenta o conhecimento; o projeto “Desafio Nissan” que contribui para aproximação com um público estratégico, que são as universidades e escolas de nível técnico, no Sul Fluminense.

E por meio de parceria, o projeto “Instituto Ver e Viver” que promove a inclusão social e melhora a qualidade de vida das pessoas levando a correção visual para motoristas profissionais de aplicativos, táxis, ônibus, caminhões, frotistas e para ONGs e escolas parceiras do Instituto Nissan que não possuem recursos, colaborando para um trânsito mais seguro, pois segundo afirmado pela Rosane Santos, 60% dos acidentes de trânsito estão ligados a problemas de visão dos condutores.

Durante a observação realizada no período de 2019, a coordenadora C1 informou que a senhora Rosane Santos é participante do Movimento ODS-RJ, porém não está inserida no grupo do WhatsApp, porque alguns participantes utilizam de seu contato para realizar solicitações particulares. Contudo, durante esta pesquisa, a exposição da atuação de Rosane ocorreu apenas neste seminário.

Às 14h40 o engenheiro sanitarista e ambiental, engenheiro de segurança do trabalho e especialista em gestão de riscos e crises, Ramiro Guedes, também membro do Movimento ODS do Rio de Janeiro, apresentou um pouco de nervosismo no início de sua fala, expressou sua gratidão e felicidade em palestrar no evento, levando um conceito relativamente novo, para minimização dos impactos ambientais em função do grande consumo da população, abrindo um momento de reflexão no público presente, sobre a oportunidade de repensar o padrão de consumo atual de cada um e como podemos reduzir esse impacto.

Ele abordou o tema “Os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável e a Economia Circular” como um modelo econômico que trabalha para a saúde do sistema, e faz uma distinção entre ciclos técnicos e biológicos, apresentando o seu conceito e ideologia de implementação no mercado. Aprofundou o ODS 12, que visa assegurar padrões de produção e consumo responsáveis, diminuindo a dinâmica linear do sistema e transitando para o modelo circular com a visão estratégica e educativa. Ele expõe as implicações e oportunidades que os moldes da

economia circular oferece sobre boas práticas para consumidores e empresas, e sobre possíveis ações compatíveis com a operação dessa nova forma de produção, alinhado as políticas de acesso a financiamentos, para implantar as cadeias circulares demandando crédito e juros competitivos.

Guedes explica que resíduo é erro de processo e resultado da cadeia linear que o surgimento da economia circular está atribuída à existência de erro de *design* na criação de produtos. Por esse motivo, a economia circular busca a reincorporação do resíduo ou material no máximo de seu valor, na cadeia de produção e consumo e relaciona tais demandas a uma abertura no mercado de trabalho, alinhado as habilidades femininas de reflexão e criatividade no desenvolvimento de soluções sustentáveis e no *design* de produtos circulares.

Sobre esta apresentação ao final do evento, a presidente do CEDIM questionou a coordenadora do Movimento ODS do Rio de Janeiro sobre a abordagem do tema de Economia Circular em um evento voltado para o público feminino, pois sob sua ótica os assuntos não se correlacionam. A coordenadora explicou sobre a interdisciplinaridade do Desenvolvimento Sustentável, sobre o crescimento do tema em questão na economia brasileira e a abertura de oportunidades para que as mulheres que estão inseridas no mercado de trabalho, ou que desejam se inserir, possam empreender sob esta “nova” ideologia.

Às 15h10 o tema feminicídio foi abordado pela promotora de justiça do Centro de Apoio Operacional das Promotorias de Justiça Criminais Núcleo de Gênero e de Violência Doméstica - MPRJ, a senhora Lúcia Iloizio. A palestrante iniciou sua apresentação com o ODS 5 que objetiva alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas. Apresentou o artigo 121 do Código Penal, pela Lei nº 13.104/2015, que define o feminicídio e considerações de condição de crime, quando envolve a violência doméstica e familiar, e o menosprezo ou discriminação à condição de mulher. Além de dados estatísticos com as taxas de evolução de homicídios de mulheres até o ano de 2019 e a afirmação de que a cada 5 dias, uma mulher é vítima de feminicídio.

Devido ao grande interesse e participação do público feminino, sendo este a maior parte da plateia, essa palestra foi prolongada por muitas perguntas e pedidos de orientação das mulheres que estavam presentes. Entre elas, a participante P9 perguntou durante a apresentação “O que deve ser feito quando uma mulher não consegue registrar o boletim de ocorrência na delegacia?”

A senhora Lúcia informou a possibilidade de realizar o boletim de ocorrência na delegacia da mulher e o canal de denúncia do Ministério Público. Ao encerrar sua apresentação,

a palestrante teve dificuldades em se retirar do local, pois muitas mulheres foram a seu encontro próximo ao palco, para esclarecer dúvidas pessoais.

Após esta palestra foi realizado o *coffe* e o encerramento do evento.

Em ambos os seminários realizados durante o ano de 2019 é notável uma tendência em trabalhar com temas direcionados ao público feminino. Pode-se atribuir essa recorrência ao fato da organizadora ser mulher, ou por atuar também de forma ativa no Movimento Virada Feminina e possua contatos que tendenciem essa configuração para o evento.

Figura 2 – Folder do 2º Seminário de Diálogo Sobre Agenda 2030.

"DIÁLOGO SOBRE AGENDA 2030"
Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

O Movimento Nacional ODS/RJ em parceria com a empresa AYPA, tem a honra de convidá-los(as) para participar do seminário que será realizado em:

🕒 13h às 17h 📅 22/maio 📍 Rua Camerino nº 51 – Auditório (Conselho Estadual dos Direitos da Mulher- CEDIM)

Levar 1kg de alimento não perecível (menos sal e fubá)

PROGRAMAÇÃO

13h - Credenciamento

13h15min - Abertura

13h30min - **Case de Sucesso:** Pedro Vianna idealizador do projeto Bike Myself disseminando os ODS em viagens e rotas de bicicleta pelo mundo em busca de impacto sustentável. Esteve na Espanha, França, Itália, Japão, Colômbia, México e Belize, de bicicleta.

14h - **Tema:** O pilar social da estratégia de sustentabilidade da Nissan no Brasil
Palestrante: Rosane Santos - Presidente Executiva do Instituto Nissan no Brasil, e Gerente Sênior de sustentabilidade para a Nissan América Latina.

14h40min - **Tema:** ODS Economia Circular
Palestrante: Ramiro Guedes - Engenheiro Sanitarista e Ambiental, Engenheiro de Segurança do Trabalho Especialista em Gestão de Riscos e Crises e Membro do Movimento Nacional/RJ.

15h10min - **Tema:** Femicídio
Palestrante: Lúcia Iloizio Promotora de Justiça Centro de Apoio Operacional das Promotorias de Justiça Criminais Núcleo de Gênero e de Violência Doméstica – MPRJ

16h - Coffee

17h - Encerramento

👉 **Clique no link e faça sua inscrição!** <http://bit.ly/ZW7q5IH>

Fonte: Movimento ODS do Rio de Janeiro (2019).

A segunda e última reunião do ano de 2019, ocorreu em 26 de novembro, às 10 horas da manhã, na Federação Interestadual de Sindicatos de Engenheiros (FISENGE), localizada na Avenida Rio Branco, número 227, no 16º andar, cidade do Rio de Janeiro.

No momento que adentrei no local da reunião, os participantes já presentes estavam sentados à mesa em formato de U e conversavam assuntos aleatórios. Sentei-me na parte central da mesa para melhor observação das falas e expressões dos participantes.

Estavam presentes 12 participantes, dentre eles 9 mulheres e 3 homens. A reunião iniciou às 10:30h com a fala da coordenadora do Movimento ODS do Rio de Janeiro, informando o objetivo da reunião e seguindo a dinâmica dos anos anteriores, em que revisa as ações realizadas pelo grupo, realiza alguns avisos e informa sobre as pretensões para o próximo ano.

Já de início, a coordenadora ressaltou o número inferior de atividades realizadas em 2019, comparado aos anos anteriores, e atribuiu esse resultado as turbulências ocorridas durante o ano, referenciando também a sua vida pessoal. Continuou comunicando sobre as mudanças ocorridas com as parcerias durante o ano de 2019. O encerramento das atividades do Instituto Arcádia e em consequente finalização de parceria com o Movimento ODS do Rio de Janeiro, e também da parceria com o IBGE, devido a mudanças na estrutura e no quadro de funcionários da instituição. Conforme informado pela instituição, o local utilizado pelo Movimento ODS do Rio de Janeiro gerava um custo que deveria ser repostado com aluguel da sala para outras empresas.

Informou sobre aquisição de novas parcerias como a Universidade Univeritas, localizada no Flamengo próximo à estação de metrô, proporcionando maior facilidade para mobilidade, e sobre a possível retomada de parceria com Sindicato dos Profissionais Técnicos Industriais de Nível Médio do Estado do Rio de Janeiro (SINTEC-RJ) para o ano de 2020. No decorrer de toda a reunião, a coordenadora reforçou sobre a necessidade de estabelecimento de parcerias para o Movimento ODS do Rio de Janeiro.

Declarou aos integrantes que estavam iniciando sua participação, que o núcleo é um movimento de ideal e não oferece lucro ou oportunidade de emprego para seus participantes, contudo ressaltou que não significa que os participantes não alcancem visibilidade com o movimento exemplificando com a ocorrência do Primeiro Fórum Nacional do Movimento ODS. Nesse momento, a coordenadora realizou uma breve pausa, como se estivesse buscando uma forma para expor os custos dessa viagem. Em seguida, explicou que parte das despesas foram custeadas de forma própria, e outra parte foram pagas pelo evento, devido ao grande prestígio e respeito que recebe em todo o Brasil por ser uma representante atuante do Movimento Nacional ODS, e por coordenar um dos núcleos estaduais. Endossou que o Núcleo do Rio de Janeiro tem grande visibilidade e repercussão nas atividades desenvolvidas e que o núcleo de Santa Catarina é o mais organizado e ativo do Brasil.

A mesma declarou que outros estados não possuem uma estrutura fortalecida como em Santa Catarina e no Rio de Janeiro. Isso se dá pelo desinteresse de alguns participantes e pela dificuldade de manter parcerias, visto que o movimento não tem envolvimento político. O que não impede que o movimento receba o apoio político ou desenvolva atividades em parceria com algum político. Pediu para que os participantes entrassem no site atualizado do movimento para conhecer mais sobre o histórico e as novidades. Informou que o Movimento ODS do Rio de Janeiro possui uma página na internet para divulgação de suas atividades e que os participantes P10 e P11 estão responsáveis de atualizar a página, por obterem maior conhecimento de informática. Nesse momento foi notável um certo direcionamento das funções a serem desempenhadas pelos participantes, mediante o entendimento da coordenadora a respeito de suas habilidades e possivelmente sua afinidade com as mesmas.

Segue-se a fala da coordenação com a solicitação aos participantes para que enviassem evidências, fotografias e uma breve descrição sobre as ações realizadas que tivessem envolvimento com os ODS, para serem divulgadas na página do movimento, na internet.

Em seguida, a coordenadora relatou sobre a dificuldade de adquirir recursos para realização do evento no Palácio Itamaraty do Rio de Janeiro, o Prêmio Parceiros do ODS que acontece em dezembro há 5 anos. A VITALLIS, instituição âncora do Movimento ODS do Rio de Janeiro, que patrocina o evento, se colocou à disposição para o desenvolvimento de atividades com os participantes. Pois para determinadas atividades é necessário estar vinculado a uma instituição que possua personalidade jurídica, e o Movimento ODS do Rio de Janeiro não possui.

Relatou, como exemplo, a necessidade do senhor P4 estar atrelado a uma instituição, para participação de um concurso e mencionou a própria como exemplo também na necessidade de representação por uma empresa para participação de um curso lançado pela LAMSA, concessionária que administra a via expressa, Linha Amarela, e administrado pelo Instituto Musiva, que é uma organização social criada pelo artista urbano Valmir Vale e a pedagoga Raquel Motta, também amiga da coordenadora.

A C1 prossegue sua fala, informando que em 2015, juntamente com a participante P12, doutora e presidente da instituição Vitallis, idealizaram para o encerramento de cada ano um prêmio com a finalidade de reconhecer as pessoas e/ou instituições que realizam ações relacionadas com ODS, a partir do acordo de subvenção realizada em 2015. E complementa que para o ano de 2019 estava prevista a realização de uma exposição inclusiva, chamada de Exposição ODS, pintadas por artistas que pintam com os pés e com as bocas. Contudo, não houve aporte financeiro suficiente para realização de dois eventos, e por esse motivo foi optado

pela realização da 4ª edição do Prêmio Parceiros do ODS de 2019, afirmando “o prêmio é uma vitrine por nosso trabalho [...] e a gente acredita que com o tempo, a gente vai ver pessoas querendo ser premiadas (C1)”. Sinalizando a aspiração em representar um “selo”, uma relevância social, ao ponto de ser almejado, como uma ação de reconhecimento social para os possíveis premiados. Atualmente a seleção dos premiados é realizada pela coordenadora C1, pela coordenadora adjunta P7 e pela P11, participante do núcleo.

A coordenadora afirma que a seleção dos premiados não é realizada por meio de edital, pois em seu entendimento, edital não garante idoneidade. Nem por processos seletivos pela internet, afirmando que tudo isso pode ser manipulado e a análise fria da escrita não comprova a efetiva ação da organização na realidade. Por isso, a seleção dos premiados ocorre através da indicação da mesma e de alguns participantes do movimento, validando a efetiva ação do projeto para a comunidade.

Durante a observação de campo no movimento, não foi possível observar o compartilhamento da oportunidade com todos os participantes para sugestão dos projetos a serem premiados.

Em seguida, a coordenadora informou que a 4ª edição do Prêmio Parceiros do ODS, acontecerá no dia 12 de dezembro de 2019, e que o convite será enviado para participação de evento para os membros ativos do movimento. Nesse momento ocorre uma interrupção na fala, devido a entrada da participante P3, que cumprimenta a todos, dá dois beijos na coordenadora e justifica seu atraso por ter saído na estação errada do metrô. Até o presente momento, a fala da coordenadora do movimento comporta-se como absoluta, sendo pouco interrompida ou complementada por alguém presente.

Retomando sua fala, ressaltou ainda que existem participantes do Movimento ODS do Rio de Janeiro que não realizam nenhuma ação durante o ano, quando se aproxima o mês de outubro e novembro começam a perguntar sobre as ações do movimento com interesse em participar apenas da premiação e por esse motivo houve uma seleção para participação do evento. Nesse ano, ela autorizou que cada participante presente na reunião possa levar um convidado para o evento, e para os participantes ausentes, contudo atuantes, que apresentassem uma justificativa, também receberiam o convite. Houve ainda uma cobrança maior para o cumprimento do limite de 100 pessoas no salão nobre do Palácio Itamaraty, sendo necessário maior rigor na participação do evento. Complementou informando que a seleção de premiados é realizada sempre em número maior do que os efetivos premiados no evento, pois sempre ocorrem desistências e desencontro de agendas.

A coordenadora explicou que a divulgação dos premiados é restrita, pois ela gosta de trabalhar com fator surpresa. Por esse motivo, apenas alguns participantes do movimento tomam conhecimento sobre quais pessoas ou instituições serão os premiadas antes do evento.

Explicou a desativação do Instituto Arcádia, o qual ela trabalhava, devido a saída da Adriana, em 2018, que era CEO da empresa, e custeava o Instituto. Resultando no encerramento das atividades, findando assim a parceria e o financiamento para o ano de 2019. Nesse momento, a coordenadora relata que conheceu a participante P2 em um dos eventos promovidos pelo Arcádia, com doação de um kit de inverno para a Pastoral Nossa Senhora de Nazaré no qual a P2 faz parte.

Fazendo alusão com todos processos de términos mencionados, ela afirma que “[...] nunca vou deixar de acreditar que a maior ferramenta de transformação é o conhecimento [...]”. E usa esta fala para introduzir sua proposta de um novo formato para a realização das atividades do ano de 2020.

Expôs sua ideia para realização de feiras, com exposição de atividades de acordo com as habilidades dos participantes do movimento, em que seriam cobrados valores irrisórios para arrecadação financeira, a fim de subsidiar o evento do final do ano, o Prêmio dos Parceiros ODS. E complementa sua fala relatando seu sentimento de ser como uma mendiga, pois todo final de ano ela precisa pedir doação a todos que conhece e podem ajudar com algo.

Neste momento a participante P2 interrompe para afirmar que vive com pires na mão para manter a pastoral em que trabalha. Então, a C1 ressalta que ela tem a igreja como apoio, sendo uma marca forte, enquanto a C1 possui apenas a sua simpatia, pois muitas doações são realizadas apenas porque a pessoa doadora gosta dela.

Em seguida, a P2 afirma que a mesma coisa acontece com ela, que as pessoas só ajudam porque gostam dela. Rapidamente com o tom atenuante a C1 retoma a fala, expressando a pré-disposição da P2 em ajudar e participar dos eventos possíveis e traz as possibilidades em produzir cursos e impulsionar pelas ferramentas da internet, com foco comercial.

Novamente, a participante P2 contribui com sua fala, informando que realizou um curso sobre este conteúdo, chamado de *crowdfunding* e mídia. A coordenadora complementa falando sobre a superficialidade de alguns cursos e sobre a metodologia do que chamou de *marketing* inverso. Quando a instituição promove um evento para a divulgação do produto ou serviço que deseja oferecer, fazendo com que os participantes se interessem e busquem saber sobre objeto em questão.

Embora haja alguns comentários de poucos participantes, conforme abordado no decorrer da descrição, é notável a predominância da fala da C1 até o presente momento,

caracterizando uma reunião de comunicação aos integrantes do Movimento ODS do Rio de Janeiro.

Novamente a coordenadora retoma a palavra para informar sobre o formato de execução das atividades para o ano de 2020 e sua intenção em promover cursos com profissionais habilitados, cobrando um valor pequeno para execução desses cursos especializados, a fim de custear a logística e o tempo do especialista que estiver lecionando. Propõem também, viabilizar feiras e exposições dos trabalhos de cada participante e pessoas externas que tenham interesse em divulgar suas habilidades e serviços, promovendo juntamente a marca do movimento. Nessa parte, a coordenadora citou como exemplo para composição da feira, a passagem de som realizada pelo senhor P4, a P7 com seus projetos de arquitetura, a P3 com sua consultoria que gera empregabilidade para pessoas portadoras de deficiência.

Nesse momento há um redirecionamento sobre o assunto abordado referente a meios de comunicação e formas de interpretação das expressões populares como portadores de deficiência ou deficientes físicos, expressões como macaca, negra, branca azeda. Os participantes entram no questionamento sobre isso não ser uma ofensa e sim uma construção da sociedade de excesso de cuidado, um tanto desnecessário e neste momento, então, a coordenadora traz como exemplo um grande artista chamado Aleijadinho que no momento atual seu nome se tornaria uma ofensa e não uma marca da sua história como se tornou.

Sobre as formas de comunicação, a coordenadora contextualiza a necessidade do uso de uma linguagem acessível ao público: “eu acho que a gente precisa ter uma linguagem clara, a gente precisa levar para as pessoas o que elas precisam e hoje eu vejo que as pessoas precisam de informação (C1)”.

Segue reforçando sua ideia em realizar oficinas e feiras conforme possibilidade dos participantes. Nesse momento, ainda contextualizando o assunto sobre deficiência, citando que um dos primeiros eventos realizados (subentende-se que é um evento realizado pelo movimento) o participante P6, que leciona dança de salão para cegos, coreografou a dança de abertura, que foi realizada por sua esposa (P5) e seu aluno Zé, portador de deficiência visual.

Retoma exemplificando a prestação de serviços da P3, com um banner no evento para fazer cadastro para empresas que empregam deficientes. A P2 com a pastoral, com suporte em alguma ação, ou com algum participante.

P2 informa que a única coisa existente na pastoral por enquanto é um curso de gastronomia, e relata sobre a tentativa de gerar empoderamento com a retirada do assistencialismo para instrução de atividades que gerem recursos financeiros. Exemplificou tal iniciativa com o curso já realizado na pastoral de trancista. Pois, o atendimento assistencialista

não se sustenta por muito tempo, as pessoas auxiliadas são muito simples, sendo a maior parte delas analfabetas, o que dificulta a aquisição de emprego, atrelado ao fato de as organizações não contratarem os moradores da comunidade, pois o horário de trabalho fica comprometido, em função de tiroteios e outros impedimentos de locomoção.

A coordenadora C1 fala sobre a dificuldade generalizada de se manter os recursos financeiros, sobre o crescimento do número de camelôs ocupando as calçadas e aumento da criminalidade. Contrapondo, P2 fala sobre sua realidade com os camelôs da região em que mora, pois eles comercializam carga roubada. Contudo, ressalta as fortes habilidades de vendas, deixando entender que se houvesse a possibilidade de emprego, eles seriam ótimos vendedores.

A coordenadora retoma a fala constatando seu conhecimento sobre a região e citando um evento recente em que ocorreu um roubo de carga de um caminhão abastecido de carne. A carga roubada foi vendida com um valor muito abaixo ao de mercado, e para um desempregado que sem recursos que precisa matar a fome de sua família. Ela afirma que esse sujeito vai comprar a carne, pois entre matar a fome de um filho e a ética, escolhe-se matar a fome do filho. Nesse ponto afirma que não vai entrar no mérito de discussão de valores pois o cenário está muito complicado, tanto na escala do indivíduo, quanto governamental, estadual e federal.

A participante P2 retoma a fala expondo os problemas da pastoral, pois as pessoas não têm dinheiro para alimentação e nem para passagem, chegam a ela chorando e ela fica nervosa para ajudar. Ressalta que a ajuda fornecida com arrecadação de alimentos por meio do trote solidário da faculdade Estácio de Sá está diminuído a cada dia.

A coordenadora C1 complementa que todo mundo fica em cima daquele que dá um pouco, porque gente precisando para receber tem muito, mas para dar tem menos, o que aumenta a demanda. Enfatiza as necessidades financeiras para realizar a 4ª edição do Prêmio Parceiros do ODS no salão nobre do Palácio do Itamaraty e cita que realiza algumas palestras e permutas com empresas para que quando necessite de apoio para na doação ou financiamento de serviços ou produtos para o prêmio essas empresas entram com o recurso necessário.

Pede a colaboração dos participantes no dia do evento, relatando que a festa é de todos e por esse motivo solicita apoio na organização e no momento em que chamar os integrantes do Movimento ODS do Rio de Janeiro para a frente do evento, pede que todos levantam e se posicionem, pois em edições anteriores houve situações desconfortáveis em que participantes ficaram sentidos por não serem chamados pelo nome para irem à frente e serem homenageados. A coordenadora C1 explica que a adrenalina do momento é muito grande e ela não consegue controlar ou lembrar de tudo, motivo pelo qual chama o Movimento ODS como grupo e evita nomear as pessoas.

Pedi ainda que os participantes entendessem que referente aos lugares para se sentar, as pessoas que não podem ficar sem lugar para se sentar são os homenageados. E quando inicia a apresentação do evento, ela perde o domínio da distribuição de assuntos; por isso, conta com a contribuição de todos os participantes no controle do evento e na administração da chegada dos homenageados.

A coordenadora esclareceu sobre a retirada do “Nós podemos” do nome do movimento, devido a confusão em associar o Movimento ODS com partido político Nós Podemos, e informa que terão novas propostas para o ano de 2020. Contudo, as propostas ainda não foram esclarecidas ou comunicadas pelo colegiado do Movimento Nacional ODS.

Nesse momento, o participante P4 questiona sobre a atualização de cursos e a capacitação sobre os ODS para o ano de 2019. A coordenadora relembra que em anos anteriores foram realizadas capacitações sobre os ODS e cursos, custeados por parcerias, com estadia em hotéis luxuosos, alimentação e passagem dos participantes para outros estados. Contudo, para 2019 a capacitação foi realizada pelo PNUD em parceria com a Petrobras, para o financeiro do curso online chamado de "Territorialização dos ODS", divulgado no grupo do *WhatsApp* do Movimento ODS-RJ.

A coordenadora inteirou que o PNUD solicitou seu suporte para alcance e identificação das instituições atuantes, pois eles não possuem capilaridade para atingir a sociedade e as comunidades no qual os mesmos tinham interesse em realizar o curso. Esclareceu que as localidades selecionadas para receber a capacitação eram as áreas de interesse da Petrobrás.

O Movimento ODS do Rio de Janeiro foi o único a realizar capacitação na plataforma do IBGE referente ao monitoramento dos ODS. O curso seria reproduzido para os demais estados, contudo a mudança na Presidência do IBGE inviabilizou a continuidade desse curso para os demais movimentos, e até o momento a coordenadora não teve tempo de se apresentar para o novo presidente.

Sobre os cursos e o financiamento de viagens para as capacitações dos participantes, a coordenadora explana que ao encerrar tais benefícios muitos participantes deixaram de atuar no movimento ou foram se afastando, o que deixou a entender que para a coordenadora essas pessoas só queriam viajar, e que embora no momento não haja nenhum tipo de financiamento para cursos de capacitação, quando acontecer novamente, ela irá valorizar as pessoas que se mantiveram perseverantes no Movimento ODS-RJ.

A coordenadora, então, retoma a possibilidade de se oferecer cursos de capacitação, mediante habilidade dos membros do grupo e pede mais engajamento das pessoas.

Nesse dia, a coordenadora estava juntamente com sua irmã cuidando do transporte da sua mãe para um compromisso particular, por esse motivo durante alguns momentos realizou interrupções na reunião para falar ao telefone com a sua irmã e com o motorista de sua mãe.

Em seguida, é realizada a abertura para apresentação dos participantes. A participante P11 inicia no círculo de apresentações informando que é promotora de eventos e faz gestão de projetos do LARES, Laboratório de Responsabilidade Social e Sustentabilidade do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A segunda a se apresentar foi a P5, formada em artes, é professora e psicopedagoga e secretária estadual do ODS. Ambas realizaram uma apresentação breve, se limitando ao nome, formação e atuação de trabalho.

O terceiro participante a se apresentar se destaca pela fala prolongada e maiores detalhes sobre sua jornada. O P6, veterano do exército, corretor de imóveis, professor de dança para deficientes visuais e secretário adjunto do Movimento ODS do Rio de Janeiro, atribuiu sua participação no grupo, devido o convite realizado pelo P13 em um projeto de voluntariado que executava em Mesquita. Este foi o primeiro registro do participante P13 na pesquisa, ele havia se retirado do grupo do *WhatsApp* e não participava das atividades presenciais do Movimento ODS do Rio de Janeiro, em um período superior ao início da pesquisa, em 2019. Morador da Chatuba, em Mesquita, atua como microempreendedor, vendedor de cocada, conselheiro municipal de saúde e desempenha suas atividades focando em benefícios para o bairro onde mora. Retomando a apresentação do participante P6, o mesmo resume seu histórico como voluntário e ressalta as dificuldades financeiras que estava passando, até ser reconhecido pela secretária de educação do município de Nova Iguaçu (Rio de Janeiro), que deu um cargo de professor de educação física estagiário do município. P6 relata:

Tudo que eu queria, caiu no meu colo né pessoal, caiu no meu colo [...], eu trabalho com o EJA, dança de salão com o EJA, eu trabalho com as crianças banda e percussão, eu trabalho com as crianças. Eu já fazia isso sem ganhar dinheiro, agora eu ganho dinheiro. E detalhe quero falar para vocês. Ontem nós fomos chamados para um trabalho, fazendo um projeto. Esse projeto vai ser idealizado já né, eu até saí falando esse projeto vai custar só R\$ 100.000,00. [...] E aí as pessoas hoje em dia abrem as portas para mim [...] essa professora, ela abriu as portas pra mim, sem ela saber, [...] aí a coisa começou a ter outra visão [...] eu ganho por isso, mas gente eu não deixo de ser ODS, de ser amigo da C1. Porque é um trabalho que a gente vê, que ele tem sua excelência em funcionar.

O participante P6 repete diversas vezes a expressão “caiu no meu colo” referindo-se a secretária de educação que fez convite para que ele possa compor o quadro de funcionários do município. O que viabilizou o acesso a muitos projetos e setores, e com uma fala muito empolgada ele afirma “eu vou mudar aquele negócio, eu vou mudar a educação”. Ele finaliza

sua fala informando que continua seus trabalhos voluntários com os ODS, e que ele não ganha nada com isso.

A C1 complementa a fala do P6 ressaltando que ele é uma pessoa incansável, constantemente a envolve em atividades para palestrar, ou atuar em ações voluntárias em prol dos ODS e que ela está sempre pronta a ajudar. Sobre a expressão de ganhar algo com o ODS, a C1 fala que:

Eu também não ganho com ODS [...] e quantos de nós já não ouvimos, e eu tenho certeza que você já ouviu: Você não está ganhando nada com isso. Porque infelizmente é assim que a gente é na vida né. Alguma coisa, em algum momento na vida todo mundo quer saber o que vai ganhar com isso. Até quando vai casar com sujeito, a gente quer saber o que vai ganhar com isso né. A gente vai ganhar a felicidade. Tudo na vida é uma troca, a verdade é essa né, a vida é uma troca. Dependendo da maneira que essa troca seja feita, eu acho até muito justa. O problema é que às vezes as pessoas acham que tá havendo uma troca e a coisa tá de mão única [...].

A C1 ressalta a perseverança do P6 nas atividades voluntárias e afirma que em algum momento da vida, alguém olha pra as coisas que a gente faz, e acha importante e isso “cai no seu colo” e você abraça. Ela completa dizendo: “[...] é acreditar no que a gente faz e colocar amor. Porque nada que a gente faça, se não tiver amor, nada funciona, pode ter muito dinheiro, mas se não tiver amor envolvido, não funciona. Vai funcionar no primeiro momento, mas depois vai cair por terra”.

Após essa apresentação, a P7, formada em arquitetura, coordenadora adjunta da C1, informou que trabalha com desenvolvimento social na arquitetura e realiza trabalhos voluntários em comunidades e áreas carentes. Encerrou sua fala informando que está disponível para ajudar no que os demais participantes precisarem, em especial no desenvolvimento de projetos de acessibilidade para residências.

Seguindo a sequência de apresentações, o momento da minha fala me trouxe grande apreensão, pois minhas atuações no grupo são de pouca fala e mais observação. Realizei o esclarecimento sobre a pesquisa em curso, pois até o momento estava realizando apenas observação nos eventos presenciais realizados no ano de 2019, e informei que em breve retomaria o contato com alguns participantes para aprofundar os dados da pesquisa por meio de entrevistas.

Na sequência, a participante Bárbara Oliveira se apresentou informando quando e como conheceu o Movimento ODS do Rio de Janeiro e a coordenadora C1. Ela não faz parte do movimento, contudo participou desta reunião no intuito de me auxiliar nas observações e anotações deste evento.

A coordenadora retomou a fala afirmando:

[...] uma coisa eu vou falar para vocês, não posso falar muito senão emocionado, eu não sei fazer nada se não tiver amor, não sei, não sei, não sei, não sei [...] eu sou muito emotiva né. A minha vida é de amor, então é esse movimento nunca me deu nada financeiro, mas ele me deu coisas que o dinheiro nunca vai pagar eu tenho amigos no Brasil inteiro. Se eu sair daqui hoje e for para o Amazonas, e não tiver onde dormir, eu tenho uma casa para me abrigar. Então, esse movimento me deu coisas que o dinheiro não vai pagar, né. E me trouxe projeções que eu construí, eu transformei o movimento em uma marca, que hoje quando eu recebi o convite para ir na Rede Globo palestrar, no Copacabana Palace, assim como no Morro dos Prazeres, na comunidade do Acari e em tantos outros lugares, eu vou com a mesma felicidade. Por que em algum momento alguém me viu, em algum lugar fazendo um trabalho e viu algum de vocês algum lugar representando o movimento. Então o retorno que esse movimento me dá, o dinheiro nunca vai pagar, porque ele me deu aprendizado e se eu morrer amanhã ninguém vai tirar ele de mim [...].

Às 11:20 chegaram mais 2 participantes. Ocorre uma breve dispersão e saída de 4 membros da sala nesse período. A coordenadora continua sua fala, acerca de desconfortos ocorridos em eventos por meio de sua forma de comunicação, relatando um episódio em que um participante chegou no evento e perguntou a ela, onde iria se sentar. Então, ela informou que a pessoa poderia sentar aonde ela quisesse, a pessoa entendeu como uma fala de descaso, enquanto a própria coordenadora falava na intenção da pessoa ficar a vontade e sentar onde tivesse disponibilidade. Então, a coordenadora expressa a intenção de não repetir eventos semelhantes com os participantes e pede que eles a informem caso algo similar aconteça para evitar interpretação errônea de suas expressões e falas.

A participante P14, deu continuidade às apresentações informando que conhece a C1 desde nova. A P14 é secretária executiva do Fórum de direitos das crianças e adolescentes e coordenadora do Instituto Carioca do Desenvolvimento. Comunicou que está aberta para parcerias pois no momento, a instituição em que atua não está realizando atividades por falta de recurso. Apesar disso, já estão se organizando para 2020. Ressaltou que está aberta para ajudar no que for preciso e para conhecer a instituição de cada um.

A seguir, o participante P4 realizou sua apresentação informando que está no Movimento ODS do Rio de Janeiro há muito tempo, que trabalha como palestrante, consultor, já transitou no mundo corporativo, realizou muitas viagens, e hoje trabalha com terapia financeira que é seu cargo chefe na atuação profissional.

A coordenadora do movimento complementa a fala do participante informando que o mesmo participou da presidência de uma empresa de aviação e que no momento de sua saída houve uma dificuldade em sua recolocação profissional no mercado de trabalho, devido suas qualificações estarem acima do exigido pelas empresas, o que acarreta insegurança na empresa a respeito da estabilidade na vaga oferecida. Nesse sentido, a C1 ressalta a importância do

conhecimento e da habilidade de usá-lo em cenários adversos, como o supracitado, utilizando-o para desenvolver e promover seu negócio próprio, em lugar de fornecer mão de obra para o crescimento de outrem.

O P4 retoma sua sala informando que é terapeuta holístico e que realiza massagem de som. Uma técnica de relaxamento que melhora a qualidade do sono e reduz o estresse.

Em seguida, passa-se a fala para a P15 que é pedagoga, pós-graduada em administração pública, e trabalhou na Secretaria de Trabalho e Renda. Ela conheceu a C1 em um seminário realizado através de um curso da Catedral do Rio de Janeiro. Em janeiro de 2019, a P15 foi exonerada da secretaria onde trabalhou 10 anos na educação profissional e 2 anos na economia solidária. Relata que se apaixonou para pela economia solidária, porém foi retirada do seu trabalho e agora sente necessidade de manter a busca pelo conhecimento, de ajudar as pessoas e ser ajudada, afirmando que isso é uma troca do ser humano. Em sua fala expressou grande ressentimento por ser exonerada de seu cargo, como uma coisa que é descartada, quando não é mais necessária. E quando expõe suas conversas com a C1, ela conta: “eu preciso fazer alguma coisa, eu preciso me ajudar e ajudar”. A P15 relatou que recebeu o convite para participar desta reunião e futuramente se unir ao grupo. Durante sua fala, ele retornou a dizer por duas vezes que precisa ser ajudada e ajudar pessoas.

Em seguida deu-se andamento à fala da P3, pedagoga, orientadora educacional com 42 anos de atividade profissional, iniciou como professora e depois migrou para área empresarial. Após trabalhar em muitas empresas, montou sua consultoria focada na motivação de pessoas. E quando começou a lei de cotas, seus clientes a questionavam sobre a prestação de serviços de contratação de pessoas com deficiências físicas para o mercado de trabalho, por esse motivo, ela começou a realizar tal atividade. A participante enfatiza a fala “o que eu sei, foi fazendo”.

A P3 teve câncer há alguns anos atrás, esse foi um dos motivos para realização do projeto voluntário no hospital Hemorio, onde realiza conversas e orientações sobre assuntos relacionados a doença e atuação profissional, toda última quinta-feira do mês. A P3 se coloca à disposição para ajudar no que for útil e pede para encaminharmos para ela toda e qualquer pessoa que tenha deficiência e necessite ser inserido no mercado de trabalho.

A P7 complementa a fala da P3 informando que realiza projetos gratuitos de acessibilidade para pessoas que possuem dificuldade de locomoção em suas casas e se disponibiliza para ajudar.

Em seguida, a participante P3 adverte a todos da reunião sobre a expressão “não ganho nada” que foi com certa frequência repetida durante a fala de alguns participantes. Ela alerta que “A palavra tem poder [...] que a gente pudesse refletir sobre não repetir, que a gente não

ganha nada com isso. Porque o ganho não é necessariamente financeiro [...] eu acho que a gente está ganhando muito”. E complementa sua fala reforçando que nós sempre ganhamos alguma coisa.

A próxima fala foi da P16, arquiteta urbanista e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Trabalha com projetos voltados para sustentabilidade com empresas. Conheceu o Movimento ODS do Rio de Janeiro através da C1 em um evento realizado no Instituto LARES da UFRJ há três anos. Apesar desse tempo, a P16 não havia participado de nenhum evento do movimento até o presente momento. Ela realizou um breve discurso sobre as responsabilidades de cada um quanto suas ações no meio ambiente e com o meio ambiente.

Segue-se a apresentação com o P13, morador de Mesquita, que participou do movimento quando ainda era ODM e também presenciou a transição para o ODS. Ele trabalha como microempreendedor individual, vendendo cocada caseira e descreveu o acontecimento que classificou como engraçado no trajeto para reunião. Ele abriu a bolsa que guardava as cocadas que iria oferecer para os participantes durante a reunião e foi abordado por alguns passageiros do transporte em que estava, para a venda das cocadas. Ele vendeu grande parte das cocadas, restando apenas 3. Na distribuição das cocadas restantes nota-se um apreço pela coordenadora do Movimento ODS do Rio de Janeiro, pois destinou uma cocada inteira para coordenadora e as outras duas cocadas seriam divididas entre os 10 participantes da reunião.

Nota-se também a forte religiosidade do participante, visto que repetidas vezes agradece a Deus por não lhe faltar nada. Afirma que faz ODS com seu trabalho na venda de cocadas artesanais e complementa que está como diretor da associação de moradores da comunidade da Chatuba, localizada em Mesquita, coordenando a parte de Meio Ambiente. Trabalha na associação dos microempreendedores individuais da comunidade em que mora e é Conselheiro Municipal de Saúde.

A última a se apresentar é a P2, participante que durante toda a reunião realizou diversas contribuições com sua fala. Ela coordena todas as pastorais sociais das sete igrejas do município de Anchieta, onde mora. Participa de diversos movimentos sociais, dentre eles a comissão própria de avaliação da Estácio, o voluntariado do Viva Rio, da Legião da Boa Vontade (LBV) e em alguns grupos de projetos da Prefeitura do Rio de Janeiro.

Declarou que desde que conheceu a C1 não parou de estar envolvida em ações e projetos, complementando que: “Eu to procurando fazer o máximo que eu posso para mudar essa situação do meu bairro. Que é um buraco negro. Que lá não tem nenhum órgão do governo”. Ressaltou que faz isso porque há doze anos sofreu um acidente e ficou depressiva e ansiosa dentro de casa. Seus filhos cresceram e ela passou a se dedicar às pessoas que dependem

do trabalho dela, principalmente da região onde ela mora, “[...] eu fiquei ociosa, [...] então eu passei a me dedicar a essas pessoas que precisam de mim”.

No encerramento da reunião, nos últimos 17 minutos, a coordenadora retoma a palavra e fala sobre o acontecimento com P13, sobre o aproveitamento de oportunidades e relaciona com o início de sua carreira como palestrante e consultora dos objetivos do desenvolvimento sustentável e as questões sociais. Ela expõe que sua transformação para se tornar uma palestrante, iniciou em um auditório em São João da Barra (Rio de Janeiro) fazendo alusão também é uma oportunidade que ela aproveitou.

Segundo a C1, muitas pessoas entraram e saíram do Movimento ODS do Rio de Janeiro, algumas pessoas entram no movimento para pegar algum contato que interessa e depois vão embora. Contudo, ressalta com tom de voz mais forte, que isso não importa, que o que importa é que pessoas aproveitam a oportunidade para realizar ações que sejam benéficas para outras pessoas.

A C1 questiona ao P13 sobre a nova inserção do participante no grupo do *WhatsApp*, pois o mesmo se retirou do grupo e ela não pode reinseri-lo sem que ele aprove.

A comunidade de Mesquita foi o local onde a coordenadora realizou os primeiros trabalhos com os ODM e ODS, onde houve grande aceitação e fortes ações voluntárias. Contudo, em algum momento no passado, determinadas pessoas se desentenderem e não permaneceram no movimento, que naquele tempo recebia um intenso apoio da Secretaria Geral da República. Motivo pelo qual alguns participantes não respeitavam a liderança da C1, e tentavam contato direto com a Secretaria Geral da República. A tentativa de independência do núcleo municipal de Mesquita, em não prestar contas ao Movimento ODS do Rio de Janeiro e tentar contato direto com Brasília, resultou em uma ruptura entre o núcleo estadual e municipal do Rio de Janeiro. Nesse momento, C1 enfatiza que “Quando a criatura não entende papel do Criador, a relação não vai funcionar”. Então, Mesquita obteve uma série de problemas, e a coordenadora resolveu se afastar.

Apesar do ocorrido, C1 reforçou que está à disposição para realizar ações no município em favor dos ODS, que está sempre a disposição para somar e ajudar. E pede desculpas por algum momento de indisponibilidade, pois entre suas prioridades está o tempo dedicado a sua família, filhos e netos.

Caminhando para o final da reunião, e trazendo mais leveza em sua fala, C1 pede aos participantes informem no grupo do *WhatsApp* todos os cursos que eles souberem, pois podem ser interessantes para os participantes.

Nesse momento, a participante P2 interrompeu dizendo que tem acesso a muitos cursos por conta dos grupos que ela participa. Contudo, realiza um filtro por localidade para lançar no grupo de *WhatsApp* do Movimento ODS do Rio de Janeiro. Então, a coordenadora cita o exemplo de uma das participantes que é moradora de Niterói (Rio de Janeiro) e foi realizar uma faculdade em Paracambi, no mesmo estado, que apesar de logisticamente adverso, o interesse e a necessidade da pessoa superaram tal obstáculo.

A coordenadora encerrou a reunião falando sobre o evento chamado “Eventos que vendem” organizado pela participante P11 do UFRJ. Comentou sobre o receio da participante em vincular o curso com o Movimento ODS do Rio de Janeiro, aproveitando para ressaltar que a imagem do movimento deve ser utilizada e vinculada às ações que são realizadas por todos os participantes, que se relacionam com os objetivos do desenvolvimento sustentável, e que ela está à disposição para ajudar a todos.

Após o encerramento da reunião às 12h 40min, os participantes foram se aglomerando em subgrupos de acordo com seus interesses para falar sobre seus projetos e trabalhos em comum. Devido ao avançado da hora, não foi possível maior interação com os participantes, após a finalização da reunião. Nesse âmbito, agradei a oportunidade de estar com eles e me despedi de todos.

O último evento presencial no período abordado pela pesquisa foi a 4ª edição do Prêmio Parceiros dos ODS, realizada em 12 de dezembro de 2019, que contou com a premiação de doze atores sociais engajados em variadas representações e interações com a temática da sustentabilidade.

Para a preparação deste evento, fui convidada pela coordenadora geral do Movimento ODS do Rio de Janeiro a realizar no dia anterior, a organização e decoração do salão nobre do Palácio Itamaraty do Rio de Janeiro, local onde são realizadas todas as edições de premiação dos Parceiros dos ODS desde sua origem.

Não foi preciso um número grande de pessoas para a limpeza e organização do salão, pois o buffet era contratado e as flores seriam entregues no dia do evento na parte da manhã. Restando apenas a organização das mesas e cadeiras, a decoração com as toalhas, a colocação dos banners, do púlpito e dos cubos dos 17 ODS.

Foram registrados 86 participantes na lista de presença, distribuídos em 49 mulheres e 37 homens, entre os presentes estavam 11 membros do Movimento ODS do Rio de Janeiro. Apesar do quantitativo de presentes descrito, acredito que neste evento havia um número de participantes além dos que se registraram na lista de presença.

O evento estava agendado para iniciar às 18h, contudo sua abertura ocorreu às 19h 30min devido a uma intensa chuva que impactou na programação de muitos participantes. Entre eles, a primeira dama de Cuiabá (Mato Grosso), que até sua chegada, foi representada por sua secretária, Cely Almeida.

C1 realizou a abertura do evento dando boas-vindas a todos e a todas, explicando o que são os 17 objetivos globais estabelecidos pela Assembleia Geral das Nações Unidas e ressaltando que é um compromisso que deve ser assumido por todos. Após apresentação, a mesma perguntou para os participantes: “Qual desses ODS você tem trabalhado?”

Em um clima de proximidade com a temática da sustentabilidade, a apresentadora¹⁴ ressalta que na atualidade, a sustentabilidade se faz presente em diferentes âmbitos da vida, como na mídia, nas organizações, em debates políticos, nas escolas e em conversas do cotidiano e ressalta que é comum atrelar a sustentabilidade para além das questões puramente ambientais; mas nas ações individuais e coletivas, como em família, podem fazer a diferença, ainda que não estejam ligados diretamente à preservação do meio ambiente.

A apresentadora mensurou que os índices de violência doméstica têm crescido de uma forma assustadora cada dia e ressaltou que tudo que queremos é ser amada e respeitada como mulher e como profissional. Esta fala ressalta o ativismo da apresentadora e coordenadora geral do movimento em sua causa feminista, sempre levantando a bandeira da violência contra mulher, como pode ser observado nos seminários ocorridos referentes ao período desta pesquisa, bem como o conteúdo abordado.

Foi realizado um momento de agradecimento para as parcerias que auxiliaram no suporte do evento com doações de quantias financeiras e serviços prestados. Sendo por ordem de agradecimento o Palácio Itamaraty, onde é realizado anualmente a premiação dos Parceiros dos ODS, a equipe do local, a Girafa Digital empresa de estratégia de marketing digital através de redes sociais, o fotógrafo Marcelo Martins que foi o fotógrafo do evento e a empresa QSMS Consultoria e Treinamento que trabalha com a integração dos setores de meio ambiente e segurança do trabalho, saúde e gestão empresarial, da qual faço parte do quadro societário.

Em seguida, foi realizado agradecimento a UNICESUMAR na pessoa do senhor Fabrício Galvinho, que ofereceu a C1 uma bolsa integral no curso de graduação de serviço social em regime de EAD.

O próximo momento da premiação segue com apresentação cultural realizada pela Orquestra dos Meninos do projeto da Maré e da Ilha do Governador. O responsável é o senhor

¹⁴ A apresentadora do Prêmio Parceiros dos ODS é nora da C1, uma bela jovem e com boa desenvoltura no púlpito.

maestro, Ricardo Ferreira, que capacita jovens na formação musical estimulando a democratização do acesso à cultura através da música. A orquestra foi composta por 1 violão, 2 violoncelos, 3 flautas e 3 violinos. Foram tocadas as músicas: Carinhoso de Pixinguinha, Ode Alegria, 9ª Sinfonia de Beethoven e Noite Feliz.

Ao final da apresentação da orquestra, C1 contextualiza a sustentabilidade falando de futuro e chama seus netos para realizar uma apresentação com a leitura de um texto que aborda a importância da preservação do meio ambiente, de cuidarmos do futuro para que eles (as crianças) possam ter direito as mesmas riquezas naturais das gerações passadas.

Inicia-se a premiação com a convocação da presidente da Vitalis Promoção e Desenvolvimento Social, instituição âncora do movimento, na pessoa da doutora P12, que seguiu ao lado da C1 durante toda premiação. Os homenageados receberam uma medalha oferecida pela primeira dama de Cuiabá e uma placa do Movimento ODS do Rio de Janeiro. Para cada homenageado, foi apresentado um texto conectando suas ações sociais aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. Dentre os homenageados estavam:

Mario Moscatelli, biólogo que atua de forma intensa na gestão de ecossistemas costeiros, responsável pela recuperação dos manguezais da lagoa Rodrigo de Freitas, canal do fundão, aterro de Gramacho, sistema lagunar de Jacarepaguá e pela proteção dos manguezais do ariró-jurumirim, e saco do bracuí na baía da ribeira, de Angra dos Reis, totalizando uma área entre protegidos e recuperados de mais de 4 milhões de metros quadrados do ecossistema manguezal compreendidos entre as Baía de Guanabara e Ilha Grande.

Carlos Favoreto, presidente do Golfe Clube, empresário com formação em engenharia agrônoma, dono de 15 empresas, atua nos ramos de entretenimento, casa de festas, empresa esportiva, agropecuária, fazendas, mineração, reflorestamento, clínica veterinária e horto, no Rio de Janeiro e em Tocantins. Iniciou seu trabalho com Gestão Ambiental, em 1993, após o Rio Eco 92. Ele desempenha um trabalho de inserção de jovens vulneráveis no golfe, considerado um esporte de elite, alinhado ao ODS 10, objetiva a redução de desigualdades.

Donato Veloso, ambientalista e colunista, graduado em comunicação social, idealizador do Pacto de Resgate Ambiental e da ONG Lagoa Viva. Ele prioriza a revitalização de rios e lagoas da Barra da Tijuca e Jacarepaguá, recebeu diversos prêmios e reconhecimentos por sua garra e ações intensas focadas para resolução das questões socioambientais de seu bairro. Nesta apresentação, a coordenadora ressalta que: “[...] se todos lutassem pelo seu bairro com a determinação que o senhor Donato atua, com certeza teríamos uma melhor qualidade de vida em escala crescente, do local para regional e mundial”.

Márcia Kuhn Pinheiro, administradora de empresas e pós-graduada em gestão pública. É a primeira dama de Cuiabá, desenvolve muitos programas sociais voltados a famílias em situação de vulnerabilidade. Popularmente conhecida como “a mãe de Cuiabá” em virtude do grande trabalho social desempenhado nos últimos anos. Embaixadora Estadual da Virada feminina em Mato Grosso, é mentora de ações sociais que têm se tornado referência nacional, a exemplo, C1 cita a principal política pública municipal voltada a mulher, o QUALIFICA CUIABÁ 300 ANOS, que promove qualificação profissional gratuita, diretamente nas comunidades, gerando emprego, renda e independência de centenas de mulheres cuiabanas, contribuindo para a quebra do ciclo de violência doméstica. Responsável pela maior campanha de inverno de todo o Centro-Oeste, suas ações estão em consonância os ODS 1 - Erradicação da pobreza e o ODS 5 - Igualdade de Gênero, empoderando meninas e mulheres de Cuiabá.

Cely Almeida, vereadora, atuante na secretaria de assistência da Virada Feminina em Cuiabá, trabalha intensamente no combate à Violência contra Mulher e no empoderamento feminino. A primeira dama de Cuiabá, Márcia Pinheiro, e a secretária, Cely Almeida, foram homenageadas pela atuação em Cuiabá como agentes importantes na luta pelos direitos das mulheres, e tiveram atuação direta na premiação com a entrega das medalhas para os demais premiados.

Lucas Lima, morador do complexo do alemão, engenheiro mecânico e professor de robótica. Ganhou em primeiro lugar o prêmio da feira de negócios da Shell, foi o top five da feira de negócios juventude empreendedora e um dos quinze empreendedores selecionados do programa de Aceleração Start Ambev. Prêmios conquistados com o projeto da impressora 3D de baixo custo feita com sucata eletrônica comprada em ferro velhos e em cooperativa de catadores. Fundador da Infill, que é o projeto de uma fábrica de impressoras 3D, fabricadas no complexo do alemão, onde visa implementar um *makerspace*, para promover um curso de qualificação na área de tecnologia para os jovens da comunidade e inseri-los na produção das impressoras, gerando assim, uma tecnologia 100% produzida na favela. O projeto tem como objetivo mostrar para a sociedade que “o jovem favelado é mais que uma estatística, ele é o futuro” (C1).

Fabrizio Galvino, empresário com formação administrativa e proprietário de sete empresas, trabalha com educação há doze anos, realiza ações sociais de apoio à população dos locais onde está localizada as sedes de suas empresas.

C1 afirma que ele “[...] ama o que faz e tem como missão desenvolver o potencial das pessoas. E apoia várias causas sociais, como o combate ao câncer, o empreendedorismo e a empregabilidade, ajudando pessoas na busca do emprego [...]”.

Alcionei Almeida, empreendedor social da ONG Formiguinha, localizada em Duque de Caxias (Rio de Janeiro), ajudou muitos jovens a serem ressocializados através da escolinha de futebol, contribuindo para uma geração livre das drogas e do crime. Sua sede fica 50 metros do rio Sarapuí, o que impulsionou a execução do trabalho de preservação do rio, e apesar da instituição estar enfrentando problemas financeiros, os participantes prosseguem perseverantes na sua missão.

Daniela Almeida, formada em medicina veterinária, trabalhou na ONG Fala Bicho, em 1999 e em 2003, ingressou na Polícia Federal, como agente atuante no combate a crimes ambientais, desmatamento ilegal, caça, biopirataria e tráfico de animais silvestres. Faz mestrado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em Laboratório Forense com o projeto de rastreamento de DNA de animais silvestres oriundo do tráfico e realiza diversas missões de libertação de animais silvestres em várias regiões do Brasil.

Adriana Garcia, Diretora Acadêmica da Univeritas do Rio de Janeiro, representou a universidade na premiação. O Centro Universitário Univeritas é formado pelas instituições de Ensino Uninassau, Universidade Guarulhos (UNG), Universidade da Amazônia (UNAMA), Centro Universitário Joaquim Nabuco (UNINABUCO) e Centro Universitário do Norte (UNINORTE). Presente em mais de quinze cidades pelo Norte e Nordeste do Brasil. A Univeritas localizada no Flamengo, possui mais de quarenta opções de graduação, nota cinco do MEC em estrutura, com um prédio equipado com laboratórios de última geração e professores renomados. A premiação da universidade baseou-se ao ODS 17 - Parcerias e Meios de Implementação relacionada à parceria realizada entre a instituição e o Movimento ODS do Rio de Janeiro. Não foi explanado sobre a forma de parceria.

Marcel Carone, diretor da Rede TV Espírito Santo, empresário, pertence a uma das famílias mais tradicionais da comunicação capixaba, deu vida a inúmeras emissoras de rádio e TV, como a Rádio Cachoeiro, emissora na qual o cantor Roberto Carlos deu seus primeiros passos na música. Seu engajamento social envolve o combate à violência contra a mulher, o combate às desigualdades, a promoção do desenvolvimento social e produtivo, empregabilidade e ações educativas. Marcel também é embaixador da Vitória Down, instituição que desenvolve um trabalho com pessoas portadoras da Síndrome de Down em Vitória, no Espírito Santo.

Por fim, o último homenageado foi o prefeito da cidade de Colatina, no Espírito Santo, o senhor Sérgio Menegheli, por sua atuação e grande reconhecimento das ações e práticas sustentáveis desenvolvidos sobre sua gestão, no referido município.

Após a premiação foi servido o jantar e realizado uma apresentação no palco pelo senhor Pedro Calheiros e Helena Bittencourt representando uma atuação de Frank Sinatra.

Durante as premiações, houve um apreço pelas personalidades de maior publicidade, expresso pelo levantar das cadeiras, a intensidade das palmas e o direcionamento das câmeras que estavam gravando o evento. O momento da premiação da primeira dama de Cuiabá e do Prefeito de Colatina foram os mais intensos, tanto pelos olhares atentos dos presentes, quanto pelos focos das câmeras, que por momentos disputavam a frente do púlpito com o próprio homenageado, a ponto de impedir a visão de alguns participantes.

A vestimenta dos homenageados destoava de estilos esporte fino ao casual, de penteados espalhafatosos a um simples lavado e secado naturalmente, que indicavam a autenticidade, e a forma singular de cada indivíduo sobre sua compreensão e interação com a categoria da sustentabilidade. Apesar da imagem e comportamento distinto de cada homenageado, independeu a receptividade e o tratamento das anfitriãs do evento.

Esta edição do Prêmio Parceiros do ODS foi a primeira coberta por uma emissora de TV. No entanto, esta participação ocorreu motivada pela disponibilidade do prefeito de Colatina conceder uma entrevista para emissora, que algum tempo o buscava para tal. Justificando o fato de tal celebridade ser o último a receber a premiação.

Esta visibilidade coincide com a fala da C, expressa na segunda reunião do ano corrente, quando destacou que o Prêmio Parceiros do ODS é uma vitrine do trabalho do Movimento ODS do Rio de Janeiro.

Ao longo do ano, foi observado tanto nos encontros presenciais, quanto nos posicionamentos destacados no grupo de *WhatsApp* do Movimento ODS do Rio de Janeiro que além da intenção de realizar boas práticas ditas sustentáveis ou ambientalmente corretas, também há o intento de ter voz e notoriedade para as causas que cada indivíduo do grupo defende ativamente.

Conforme comentários apresentados nos encontros presenciais, também há o interesse de alguns participantes em obter contatos e conhecimento com pessoas de influência na sociedade, a fim de obter algum ganho ou benefício, utilizando o Movimento ODS do Rio de Janeiro como um trampolim para um outro patamar social, profissional e/ou político. Embora essa organização da sociedade civil afirme não possuir posicionamento político, seus componentes possuem contatos que alcançam o âmbito político. Quando estes indivíduos, que inseridos no grupo e movidos por interesses individuais entendem que o movimento não servirá como vitrine ou degrau para ascensão social, não mantêm comprometimento com o Movimento ODS do Rio de Janeiro e não permanecem por muito tempo no grupo.

A temática da sustentabilidade se encontra instrumentalizada como um meio de destaque social e marketing, devido ao atual apelo mundial por mudanças urgentes que garantam uma vida e uma economia saudável e justa, incorporando o significado de solução completa para todos os problemas a chamada “sustentabilidade”.

Devido ao Movimento ODS do Rio de Janeiro ser uma ramificação do Movimento Nacional dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável que derivam da agenda mundial da ONU para 2030, o movimento estadual recebe grande notoriedade na sociedade por atuar com uma questão que está globalmente em alta e faz acreditar que os participantes por sua vez se insiram nesse movimento na tentativa de receberem retornos positivos para si e para sociedade em que está inserido, com seu engajamento em uma temática tão abrangente e afamada, considerada essencial para manutenção da vida e da Terra que habitamos.

O encerramento de 2019 trouxe consigo a finalização da etapa de observação presencial na pesquisa, dando espaço ao acompanhamento das interações sociais virtuais proporcionada pela conectividade da modernidade, o grupo de *WhatsApp* “Núcleo ODS RJ”. (GIDDENS, 1991).

Em 2020, para a complementação da pesquisa realizada nesta dissertação, foram realizadas três entrevistas semiestruturadas com participantes, eleitos pelos critérios de maior participação nas ações desempenhadas durante o ano de 2019, e diferenciações em suas posições sociais, a fim de identificar e compreender sua significação para a categoria da sustentabilidade e sua participação em uma organização da sociedade civil voluntária que a tua em prol desta temática.

As entrevistas tiveram duração média de aproximadamente sessenta minutos e todas tiveram seus áudios transcritos, objetivando facilitar a análise do conteúdo das mesmas. Dentre os entrevistados, dois possuem ensino superior e Pós-Graduação, um cursou o ensino superior, porém não graduou por não entregar a monografia. As áreas de formação e atuação são um tanto diversificadas: E1 informou ser graduada em recursos humanos, é pós-graduada (lato sensu) em marketing e atua como palestrante e consultora, E3 graduou em finanças e controladoria, realizou pós-graduação lato sensu também em finanças, gestão financeira de empresas, plano estratégico de gestão e organizações, terapias naturais e holísticas, formação de coach, licenciatura, propaganda e marketing, e hoje atua como empresário, consultor e palestrante. Realiza treinamentos e cursos para capacitação de pessoas, voltado para orientação financeira, planejamento financeiro familiar ou empresarial e também atua como reikiano. A E2 embora não tenha concluído, cursou biblioteconomia e está cursando Gestão Ambiental e artesanato. Quando questionada sobre sua profissão, respondeu: “Eu tenho a melhor profissão

do mundo, a mais complexa de todas, é ser mãe”. Complementou, informando sobre o suporte que realiza para sua mãe com o cadastro da economia solidária e na feira de artesanato que participa todo mês. Durante sua fala ressaltou o apreço que possui pelo ofício do artesanato, tanto por ser uma herança afetiva, quanto por possibilitar a produção de algo que represente um pouco de sua essência.

Todos os entrevistados estudaram em sua maior parte do tempo no ensino público. E1 e E3 estudaram o ensino fundamental e médio em escola pública, sendo que o último ano do ensino médio, E1 estudou em escola particular, e as faculdades foram em instituições particulares. E2 informou que entre o jardim e o ensino médio, oscilou entre o ensino particular e o público, e para a faculdade e cursos técnicos somente o ensino público.

No âmbito das atuações profissionais, a remuneração varia aproximadamente em R\$10.000,00 para E1 e E3. No momento da entrevista, E2 esclareceu que estava desempregada e que não contava com o salário do seu companheiro, pois não era casada com ele e não estava caracterizada como sua dependente. Considerou como sua renda a pensão que recebe pela guarda de um de seus filhos.

Considerando a afirmação de Geertz (1978) e Velho (1994) de que as redes de relações entre os indivíduos são compostas por um sistema de simbologia estruturada e entrelaçada por diversos significados que contribuem para a contextualização da identidade e demonstração de sentimentos e emoções variadas. Assim, optei por apresentar algumas características sobre a trajetória e estrutura social dos entrevistados, também considerado por Giddens (1991) como poder diferencial, a fim de dar suporte à interpretação das colocações apresentadas durante as entrevistas.

Nessa perspectiva, o contexto supracitado e o quadro 3, apresentado a seguir, auxiliam na compreensão da pesquisa realizada. As entrevistas tiveram duração média de aproximadamente sessenta minutos e todas tiveram seus áudios transcritos, objetivando facilitar a análise do conteúdo das mesmas.

Quadro 3 – Quadro de entrevistados.

Quadro de entrevistados				
Entrevistado	Sexo	Idade	Escolaridade	Tempo no Movimento ODS
E1	F	51	ES	16 anos
E2	F	46	EM	2 anos
E3	M	64	ES	7 anos

Legendas: M = Masculino; F = Feminino; EM = Ensino Médio; ES = Ensino Superior.
Elaboração: Própria.

As entrevistas em profundidade foram planejadas para acontecerem no início de 2020; contudo, o evento da pandemia COVID-19 forçou uma paralisação nas atividades acadêmicas, pessoais e profissionais. Por esse motivo, a realização das entrevistas que inicialmente seriam presenciais em locais escolhidos pela preferência de cada entrevistado, foram realizadas por meio de videoconferência, após a orientação do Comitê de Ética sobre os cuidados a serem tomados mediante o cenário de risco.

Nesse sentido, as entrevistas aconteceram entre os dias 13, 15 e 16 de maio de 2020. O convite foi emitido por meio de *WhatsApp* para cada entrevistado cerca de uma semana antes da data sugerida. Embora em tempos de reclusão social tenha se intensificado a conectividade digital, algumas entrevistas foram reagendadas, devido a compromissos familiares, demandas profissionais que aumentaram nesse período e dificuldades tecnológicas, como o uso de aplicativos para execução de videoconferência.

O período de pandemia iniciado em março de 2020 trouxe para a sociedade grandes mudanças nas rotinas pessoais e organizacionais, dinâmicas de trabalho, modo de relacionamento com familiares e amigos, entre outros fatores. Apesar das dificuldades enfrentadas neste período de adaptação e harmonização de rotinas e estilos de vida, em que todas as tarefas de uma família são executadas em uma única residência, todas as entrevistas ocorreram sem pausas ou interrupções externas.

Durante as entrevistas foi possível identificar que o conhecimento dos participantes sobre o Movimento ODS do Rio de Janeiro ocorre em sua maioria, por meio de convites realizados por amigos ou nos eventos em que a coordenadora do movimento participa, dando notoriedade ao grupo, mencionando sobre suas atividades. Confirmando informações colhidas também na observação de campo.

Essa modalidade de exposição atrai as pessoas para conhecerem um pouco mais e participarem dos eventos promovidos pelo Movimento ODS do Rio de Janeiro, seguido de posterior ingresso como membro do grupo, para os interessados. Os entrevistados conheceram o movimento em momentos distintos, como expõe a fala do entrevistado E3, que conheceu o movimento em 2013:

Um amigo me convidou pra uma reunião né, como eu tenho essa visão mais humanista, sempre pensando de alguma forma ter uma atitude mais colaborativa e contribuir com o meu trabalho e o meu conhecimento pra sociedade, e aí eu fui levado [...] motivado a participar de uma reunião.

A entrevistada E2 conheceu o movimento em 2018, através do convite realizado pela coordenadora do Movimento ODS do Rio de Janeiro:

Esse convite que a C1 fez, no grupo que nós eramos comuns, [...] rede de mães, a gente tem uma amiga em comum [...]. No primeiro que eu vi, logo eu fui e não parei de ir né, porque eu acho que [...] alguma coisa ali, de algum palestrante falava sobre economia circular. Então essa questão me tocou e me fez chegar lá, porque pelos ODS mesmo, assim, eu não conhecia de fato.

Diferentemente dos demais membros do Movimento ODS do Rio de Janeiro, a E1 conheceu e se tornou parte desse movimento de uma forma distinta, em 2004. Ano que se tem registro sobre a existência do Movimento até então chamado de ODM (Objetivos de Desenvolvimento do Milênio):

Eu trabalhava na Secretaria de Estado de Assistência Social e Direitos Humanos [...] Foi quando eu conheci o trabalho do Movimento e me foi entregue isso, e eu peguei isso como missão e de lá pra cá eu venho trabalhando essa agenda e tornei isso como um compromisso na minha vida, entendeu? Sempre de forma voluntária. [...] foi meio que ter um filho né, você vai pra maternidade, com a barriga, sentindo contrações e depois você volta com aquela criança [...]. Falei: ‘Será que eu vou conseguir levar essa agenda?’ E aí eu comecei a ler, a me engajar, a me envolver com outras pessoas e estudar um pouco sobre a agenda, e comecei a disseminar. Consegui convencer a Secretaria da qual eu fazia parte de que aquela agenda era muito importante, de que aquela agenda deveria fazer parte do PPA dos municípios, e que o governo de estado tinha uma participação forte de levar aquele compromisso pra outros municípios [...]. E de lá pra cá, eu vim fazendo esse trabalho e não parei mais, e lá se vão alguns anos [...] acabei me tornando, por algumas pessoas, a C1 do ODM, hoje eu sou a C1 do ODS, né. Mas eu não conheci, aqui no Rio de Janeiro, ninguém que pudesse referenciar essa agenda e nem que tivesse feito esse trabalho. Pelo menos não que tivesse vindo a público.

A entrevistada E1 se tornou membro e ponto focal do movimento, absorvendo o papel de coordenadora:

O Movimento ele nasceu em 2004 e de lá pra cá, desde que eu assumi esse trabalho, o Rio de Janeiro foi referência num acordo de subvenção que nós tivemos. Por 2 anos, o RJ foi o único estado do Brasil a conseguir cumprir um plano de trabalho e receber todos os valores, que eram valores muito pequenos, mas nós fizemos um plano de ação e nós conseguimos cumprir com esse plano de ação à risca [...]. E precisa ter dedicação, a verdade é essa [...], isso precisa ser algo que esteja no seu DNA, [...] se isso não estiver como um objetivo [...] você acaba deixando de lado, porque você coloca esse trabalho e o trabalho que você faz, que te remunera como coisas diferentes. E ao longo desse tempo, eu consegui fazer com que esta agenda se tornasse mais uma ferramenta do meu trabalho. Então a gente não conseguiu separar isso, porque não tem como separar, né. É uma agenda de direitos humanos e enquanto eu estive na Secretaria dos Direitos Humanos eu fiz com que essa agenda fizesse valer, hoje eu estou atuando no terceiro setor.

A partir de 2004, a E1 se manteve no posto de coordenadora e garantiu a permanência do Movimento, realizando parcerias e convidando os interessados a participarem. Como foi o caso do E3 que ingressou pelo seguinte motivo:

Eu achei interessante, como eu falo de planejamento financeiro, e eu acho que é uma coisa importante né, essencial na vida das pessoas, eu me dispus a

participar, assinei um convênio, a minha empresa [...] que é uma empresa de consultoria multidisciplinar, e tinha tudo a ver com o nosso conceito né, da nossa organização, da nossa consultoria e aí eu aderi. Assinamos um termo de adesão, pra poder exatamente me colocar a disposição né, com meu conhecimento, com a minha experiência, poder levar pra sociedade... através da coordenação né, do núcleo, fazendo palestras [...] sobre finanças pessoais, a questão de impacto no consumismo também. Enfim, então foi baseado nos princípios né, basicamente que tão orientados os ODS né, que antes não era nem ODS, ainda era ODM, [...] não tinha muita familiaridade no meu dia a dia [...] vivi sempre no mundo cartesiano, vamos dizer assim, empresarial, [...] eu tive um único registro na minha carteira profissional, durante 36 anos numa grande corporação, fiz carreira em diversos níveis, enfim, fui conselheiro, fui presidente em uma das empresas do grupo, diretor e tal, então eu sempre fiquei muito dentro do social também, porque a organização que eu representava é uma fundação. E a fundação tinha esse traço social, embora fosse uma fundação com propósito fechado pra atender, na verdade, os benefícios sociais pra comunidade empresarial, naquele grupo que eu trabalhava, mas eu sempre tive essa vertente, de poder, de alguma forma, prestar uma contribuição social. Então, isso quando me foi apresentado, eu falei: Poxa, interessante, quero, de alguma forma, tá integrado, e participando, e desenvolvendo esse relacionamento, também pra levar uma mensagem, do meu conhecimento, da minha experiência, do meu ponto de vista de coisas que podem ser de interesse e tá dentro do próprio sentido do ODS [...] eu acho que na segunda reunião já assinei o convênio.

A entrevistada E2 ingressou após a participação em um seminário realizado pelo Movimento ODS do Rio de Janeiro. Emocionada e vertendo algumas lágrimas, E2 ressaltou seu apreço pelo aprendizado e crescimento pessoal e profissional que ganha no movimento:

[...] eu já tinha um interesse, um gosto né, algo que já vinha desde muito tempo, me despertando certa atenção o seminário só fez crescer [...] a primeira reunião foi, assim, avassaladora, [...] foi incrível. Com a frequência dos movimentos, a C1 perguntou quem gostaria de fazer adesão ao Movimento, pra dar mais voz, [...] ao que o grupo se propõe [...] então eu aceitei ser multiplicadora porque eu acho que [...] também é uma coisa que eu gosto bastante, assim, eu acho que só porque tem alguém que faça alguma coisa que você não possa fazer também, você tem que dar alguma coisa diferente a aquilo ali. Então, [...] assim como eu não sabia, não conhecia o Movimento, fazer com que outras pessoas possam conhecer esse Movimento, que pra mim mudou totalmente [...] ali tem muita gente que trabalha fazendo a mesma coisa que você ou pensa muito parecido com você. Então dali surgiram tantas oportunidades [...] na área ambiental, caramba, só enriqueceu meu trabalho, minha vida pessoal. Quer dizer, vai plantando um montão de sementinha e eu acabo, eu acho que eu me sinto na obrigação de replicar essas coisas [...] muitas coisas vieram a partir do Movimento, conhecimento, não que eu saiba tudo, eu não sei nada, inclusive, mas é, eu não sei nem explicar porque, assim, eu acho que, eu já começo a me emocionar um pouco. Mas muito entendimento da vida pessoal e profissional vieram muito a partir do Movimento. É interessante em como já existiam pessoas e como existem projetos, que a gente não conhece, são anônimas, completamente anônimas. A gente vive num mundo, em geral, onde o governo, politicamente, assim, não fazem porcaria de nada e a gente vê coisas bem pequenas, movimentos e pessoas fazendo a partir da sua casa, coisas que realmente somam e agregam muito a vida das pessoas. Então, assim, isso foi o que me motivou, talvez,

querer tá nesse grupo, querer fazer parte disso aí, querer crescer e multiplicar esse trem.

As afirmações apresentadas pelos entrevistados reforçam a fala de Giddens (1991) sobre o engajamento de indivíduos em movimentos sociais e ecológicos alinhados às questões morais e a seu entendimento sobre o relacionamento entre o ser humano e o meio ambiente, utilizando a mobilização coletiva como ferramenta para a redução do impacto ambiental e social. Contribuindo a esta compreensão, Velho (1978) alega que há um processo de construção e reconstrução incessante sobre os entendimentos de cada indivíduo baseado em suas reflexões sobre valores e conceitos, oriundos das interações com atores sociais que expõe entendimentos divergentes. Tais afirmações podem ser exemplificadas na fala do entrevistado E3:

Olha, eu acho que você... qualquer grupo social que você participa, onde você também possa ter um benefício, no sentido de ajudar o próximo né, buscar conhecimento, se aperfeiçoar, ter outros pontos de vista né, sobre a questão social, porque eu confesso que sempre tive uma visão social, mas não dentro de um método, vamos dizer, científico né, que representa os próprios princípios dos ODS né, os 17 princípios. Então, isso, pra mim, trouxe um orgulho, na verdade, de poder tá participando, conhecendo pessoas com pensamentos diferentes [...] que cada pessoa ou organizações que participem do ODS desenvolvem, em todos os sentidos sociais, nas diversas, diferentes vertentes que o ODS se ampara (E3).

A contextualização do indivíduo comporta sua experiência de vida, seus hábitos, crenças, sentimentos etc. que constituem um sistema de interação cultural e histórica (VELHO, 1978). Nesse contexto, o entendimento sobre a representatividade de cada entrevistado no que se refere à sua participação do Movimento ODS do Rio de Janeiro, expôs visões e sentimentos diversificados alinhados à visão de mundo de cada indivíduo, conforme é possível evidenciar nas falas apresentadas pelas entrevistadas E1 e E2:

A verdade é que essa agenda virou uma premissa pra mim. O que quer que faça, onde quer que eu vá, ela vai estar sempre comigo [...] Agenda 2030 né, ela engloba tudo que tem de melhor né, que é: saúde e bem estar, água e saneamento, igualdade para as mulheres, combate à fome, à pobreza, energia renovável. Acho que tudo que a gente quer para um mundo melhor tá nessa agenda, o que falta pra gente é fazer essa agenda acontecer, na verdade. Então, assim, eu trouxe essa agenda para minha vida como algo que está no meu DNA (E1).

Eu acho que multiplicar essa informação, pra que isso chegue a mais pessoas, que a gente consiga atingir mais pessoas. [...] esse Movimento foi um esforço coletivo, então [...] quanto mais gente, a gente conseguir alcançar, eu acho que mais pessoas pra agregar e multiplicar o que já tem e pôr em prática, óbvio, também, o que os objetivos sugerem (E2).

A fim de compreender um pouco mais sobre o contexto social de cada entrevistado e como eles conciliam as atividades rotineiras à ativa participação no movimento, a entrevistada E1 reforça as respostas mencionadas acima, declarando que os 17 ODS da Agenda 2030 estão

diretamente atrelados às suas atividades pessoais e profissionais cotidianas, e que para a continuidade das atividades do Movimento ODS do Rio de Janeiro e apoio para realização do Prêmio Parceiros dos ODS que acontece anualmente, realiza palestras de graça para algumas empresas, a fim de solicitar patrocínio para eventos que demandem aporte financeiro e ,em contrapartida, oferece a divulgação do patrocinador.

O entrevistado E3 informou que sua participação depende de sua agenda profissional e que faz sempre o possível para conciliar os eventos. Demonstrou o interesse em participar de todos os encontros, ressaltando sua preferência para os seminários “porque todas as palestras e seminários têm algo a agregar aos próprios conceitos do ODS”.

A entrevistada E2 utilizou a expressão “liberdade de ir para fora” para o fato de estar desempregada e poder deixar seu filho mais novo aos cuidados do pai, para que pudesse participar das atividades do movimento. Informou ainda que a faculdade de Gestão Ambiental, foi uma oportunidade que teve através do Movimento ODS do Rio de Janeiro “[...] a partir daí que eu comecei a faculdade [...] mas quando era dia de reunião eu faltava, eu comecei a faltar, dando mais importância ao Movimento, e realmente foi, pra mim, transformador”.

A respeito das atividades desempenhadas pelos membros do Movimento ODS do Rio de Janeiro, a entrevistada E1 alegou que:

Fazer trabalho social voluntário no Brasil é algo muito difícil, [...] porque as pessoas vêm pra fazer o trabalho e às vezes não têm o dinheiro da passagem né. Muitas vezes eu tirei dinheiro do meu bolso pra que as pessoas pudessem estar se movimentando né. Entre a boa vontade e a realização do ato né, tem um abismo aí né, e são muitos complicadores.

Complementou sobre seu desejo de como gostaria que fosse:

[...] o meu sonho é que a gente fosse um grupo mais coeso, onde cada um fizesse doação. Doasse um pouco do seu tempo [...] eu entendo que esse engajamento, ele só não acontece, não é porque as pessoas não querem, é porque ser voluntário é muito difícil né [...] elas doam o que podem e eu tenho plena consciência de que eu tenho que poder sempre. Todas essas lacunas que não são preenchidas pelas pessoas, por não poderem, eu acabo tendo que cumpri-las porque como eu me sinto responsável [...] sinto que isso é uma missão na minha vida, eu acabo preenchendo, e aí, eu tenho que jogar nas onze muitas vezes né. Porque não tenho mão de obra disponível pra conseguir que todo mundo execute o que é preciso fazer né [...]. Eu tenho apoio de algumas pessoas que associam essas demandas que a gente tem do Movimento com o seu trabalho, mas eu não tenho uma entrega absoluta, até porque as pessoas não podem viver de voluntariado né. E eu sei que, nessa história, eu preciso me sacrificar porque, muitas vezes, se eu não fizer a coisa não acontece (E1).

Apesar do sentimento da E1 sobre a necessidade de mais engajamento dos membros do Movimento ODS do Rio de Janeiro, é possível observar um receio na delegação de tarefas para a descentralização das atividades:

Algumas coisas eu tenho que monitorar, por quê? A gente não pode ter uma rede social que em algum momento alguém botar uma postagem que envolva questões políticas, partidárias, a gente não se envolve politicamente, então não é só uma entrega de missão pra alguém, é saber se, realmente, esse alguém que recebe essa missão tá pronto pra desenvolvê-la [...]. Então, assim, essa construção e a entrega dessa responsabilidade pra alguém, também me cabe um cuidado porque eu não posso entregar a missão na mão de quem não tem condições de assumi-la [...]. Então a gente tem que ter muito cuidado, porque é um Movimento que ele é respeitado, é um Movimento ele, acho que pode dar muito mais do que está dando, mas eu também acho que as pessoas podem se dedicar um pouco mais, porque, pra mim, é humanamente impossível conseguir executar tudo que eu sei que ele precisa, eu preciso que tenham pessoas que peguem na minha mão e digam: ‘Vão bora, vamos juntos’, porque na hora do evento, da festa, eu tenho um monte de gente que participa [...] dentro do Movimento você tem mil coisas que você pode fazer né, você pode ajudar a recepcionar, você pode ajudar a socializar os convites, você pode ajudar a fazer uma ata, você pode ajudar a mobilizar pessoas, você pode ajudar a arrumar o evento, você pode ajudar a servir. Todo trabalho, ele é digno [...] cada um tem uma responsabilidade, é trazer pra si essa responsabilidade (E1).

As variações sobre os entendimentos relacionados as atividades desempenhadas dentro do Movimento ODS do Rio de Janeiro conflitam não apenas na visão da E1, mas também nos demais entrevistados, visto que eles expõem a sensação de serem mais espectadores do que atores atuantes nas atividades desempenhadas, conforme esclarecido abaixo:

Eu diria que a minha atuação é muito mais por demanda né, ou participando dos seminários né, assistindo, compartilhando, trocando ideias, ou quando, se alguém me demanda [...]. No dia a dia, não tenho, assim, uma rotina de responsabilidade de tá fazendo, não existe né, pelo menos se existir eu não tenho esse conhecimento (E3).

Eu pareço mais uma espectadora do que do Movimento, porque eu fico fascinada, fascinada com as palestras, uma vontade de aprender, uma vontade de conhecer que não se esgota [...]. O Movimento, ele tocou minha vida profundamente, ele impactou. O Movimento veio pra me impactar, pra me tirar da minha área de conforto. Ele veio pra me trazer, de novo, a luz, veio me trazer de novo à tona a questão de: você tá viva, você não tá sozinha, você pode, você consegue. Porque, caramba, cada seminário que aparece lá, você consegue, você fica assim, caramba. Um é sobre câncer, o outro é sobre grupo, movimento, boa parte deles né, mulheres que sofreram alguma violência doméstica, enfim, seus pares, lá, seus pares que eram ‘uns amores’, vamos dizer assim, e as meninas correram atrás, hoje elas estão empreendendo, outras situações também [...] e a mulher tá lá, vivendo, respirando, feliz, levando essa felicidade também. Então, assim, não tem como, isso me trouxe, isso me impactou de forma absurda [...]. Enfim, então acho que essas coisas alavancaram muito, assim, pra mim, a minha vida tava muito ociosa, como hoje tá de volta né. Mas assim, minha vida tava muito ociosa, eu não sou de ficar parada, não vim pro mundo pra ficar parada [...] eu gosto muito de tá fazendo alguma coisa, e essa coisa tem que ser algo que gere algum impacto, alguma produtividade e gere um reflexo na vida do outro né (E2).

Durante a entrevista com a E2 foi recordado um evento em que a E2 e a E1 realizaram o resgate de uma mulher que estava em cárcere privado em sua residência localizada em Niterói,

forçado por seu marido. Apesar da relevante atuação da E2 neste acontecimento, sua fala exalta a importância e influência da E1, observada no trecho a seguir:

[...] eu não fiz nada né, quem fez foi a C1, porque eu botei a C1 na história, que eu lembrei que a C1 tem um bom vínculo, graças a Deus, [...] o que ela fazia antes do Movimento, possibilitou ela a ter contato com esses agentes, tanto do governo quanto fora, e é isso [...] através dela, quer dizer, a C1 me emponderou, eu me empodero através dela, é uma coisa louca, assim, é uma troca [...] eu fiz parte disso, eu fiz parte disso. Acho que Deus me permitiu ser instrumento pra isso, eu acho que é essa a palavra. Preciso ser instrumento nesse lugar né. Diria aí biblicamente: ‘Sal nessa terra’, é muita pretensão minha falar assim, mas eu acho que é isso, dar esse tempero, eu recebi esse tempero, eu tenho que replicar esse tempero, eu fui agraciada com isso, então eu preciso passar.

O sentimento de utilidade e altruísmo alinhados à necessidade de se fazer algo que seja importante na vida de alguém transparecem no discurso da entrevista da E2 durante e nas falas da P2 e P15, na reunião de 26 de novembro de 2019, na qual expuseram fases de suas vidas em que também se sentiram ociosas e resolveram desempenhar ações que ajudassem as pessoas e a elas mesmas.

A partir dessa exposição sobre a participação de cada indivíduo, externalizaram-se as preocupações acerca das atividades realizadas pelo Movimento ODS do Rio de Janeiro. Em geral, foi perceptível a apreensão sobre o enfraquecimento do movimento nos últimos anos com a redução de seus membros, participantes e frequência das atividades realizadas. Nessa perspectiva, E2 relata: “Minha preocupação é que isso não continue acontecendo. Que outras pessoas não sejam alcançadas”.

Um dos possíveis motivos foi citado durante a entrevista com o E3, em que menciona sobre o grande empenho para que as coisas aconteçam, porém elas não são concretizadas: “às vezes, eu percebo que há um esforço e de repente, na outra reunião, a gente vê que não aconteceu e as expectativas ficam um pouco frustradas”. E complementa afirmando que há a necessidade de intensificar as atividades do Movimento ODS do Rio de Janeiro com ações no município do Rio de Janeiro:

Eu percebo que tem muito mais fora, tem muito mais iniciativas e interesses fora do município do Rio né, do que na própria cidade. Eu não consigo ver essa materialização, embora ela possa estar acontecendo em várias vertentes né, mas pode ser que esteja, fatalmente, acontecendo sem a preocupação de envolvimento do ODS, [...] fatalmente, tem ações da prefeitura que cuida do saneamento básico, da educação, já existe isso naturalmente, dentro do macro incluído, mas assim, um direcionamento do núcleo ODS, pra que possa impulsionar determinadas ações mais objetivas, eu não percebo, sinceramente [...] eu não percebo algo do ODS sendo feito alinhado com o governo municipal [...] eu percebo que falta uma liga [...] talvez, aí eu tenho que colocar, fazer a meia culpa minha, ‘né’, talvez não ter buscado [...] uma

informação um pouco consistente e um ponto de vista um pouco diferente do que eu tenho no momento (E3).

Em contrapartida ao exposto pela fala do E3, a entrevistada E1 afirma que sua grande preocupação é a união das três esferas da sociedade em prol do atendimento ao objetivo principal dos ODS:

[...] fazer com que o governo entenda que o lema dos ODS é: Ninguém fica pra trás. E conseguir com que governo, a sociedade civil e as empresas façam uma única conexão pra que a gente trabalhe junto, e que, com certeza, quando a gente conseguir fazer essa tríade, a gente vai conseguir fazer com que essa Agenda se torne algo muito mais factível.

A perspectiva da entrevistada E2 contextualizou bem a sequência da conversa no tocante ao envolvimento dos integrantes do Movimento ODS do Rio de Janeiro em outros movimentos sociais, pois conforme visto no início deste capítulo. Os participantes são de localidades, formações e atuações profissionais, cultura e outros fatores, totalmente diversificados, e cada um apresenta a “causa” que defende. Por esse motivo, muitos atuam em outros grupos sociais conexos às suas crenças e ideologias.

E eu acho também, que uma outra coisa que é bacana porque o Movimento não trata só de um aspecto né, ele é um Movimento que trata de situações que articulam e giram em torno do seu dia a dia, do bem estar, de tudo [...]. É integral, ele não é uma coisa pontual [...] o Movimento traz isso, esse aspecto que você tem que você olhar o conjunto, você olha o todo. É um olhar muito coletivo, é um pensar muito coletivo (E2).

Quanto à participação em atividades que abordassem a temática da sustentabilidade, todos atuam em suas peculiaridades e áreas de maior afinidade e conhecimento. A entrevistada E2 realiza o reuso e reciclagem dos materiais em sua casa, pois desde criança assistia a seus pais separando e etiquetando o resíduo para fazer artesanato, “Isso eu acho que tá na minha essência já, isso eu acho que eu aprendi com o meu pai [...] já passou da hora de tentar fazer alguma coisa [...] transformar esse trem aí num negócio né, já que eu tô desempregada e gosto muito disso”.

O entrevistado E3 realizou um trabalho pontual de voluntariado em uma ONG no Rio de Janeiro, voltado para o empreendedorismo em que orientava um grupo de jovens com o propósito de criar um produto que pudesse ser comercializado publicamente e o resultado financeiro era doado para uma instituição de caridade. Ele afirmou também que sua atenção para a temática da sustentabilidade ocorreu “depois de certo tempo de maturidade profissional e amadurecimento consciencial, vamos dizer assim, você começa a se questionar: Que eu vou fazer depois que sair da organização?”. Atualmente, como síndico do prédio em que mora “tenho essa preocupação, ainda em desenvolvimento, projetos que possam orientar as pessoas

a não ter desperdício, a ter essa preocupação um pouco mais no micro, que é a separação do lixo, essas coisas todas, pra poder facilitar as pessoas, que são os catadores” (fala de E3).

A entrevistada E1 se identificou como ativista e atuante na questão de combate à violência:

a questão da violência contra a mulher eu tenho trabalhado, porque, além de fazer parte do Movimento Nacional, eu faço parte também da Virada Feminina, que é um movimento que acontece no Brasil todo, além deste grupo, também faço parte de um grupo chamado Mulheres Sem Fronteiras.

Devido à sua exposição pela atuação no Movimento ODS do Rio de Janeiro, recebe muitos convites para participar de outros grupos, participa sempre que possível, porém afirmou que seu compromisso maior é com o Movimento ODS do Rio de Janeiro.

Assim como o conceito da Sustentabilidade se transforma a cada discurso apresentado por estudiosos e especialistas, na tentativa de alcançarem a verdadeira versão sobre o tema. Nesta pesquisa também foram coletadas versões singulares sobre a significação do que representa a Sustentabilidade para cada entrevistado. Concernente ao apresentado pelos autores Geertz (1978), Schütz (1979), Velho (1994), Goldenberg (1997), as afirmações retratadas por indivíduo são representações de rede de significados atribuídos a seus valores, crenças, religiões, tradições, culturas e inúmeros outros fatores que conexos compõem um projeto de sua compreensão sobre algo que esteja na atenção de sua consciência, e neste caso específico a categoria sustentabilidade.

Nessas circunstâncias os entrevistados apresentam compreensões distintas sobre o conceito de sustentabilidade:

a palavra sustentabilidade é algo que, pra mim, eu podia traduzir em: Mundo. Porque sustentabilidade, ao contrário do que muita gente pensa, ela envolve esse tripé mesmo: o econômico, o ambiental e o social. E, às vezes, eu percebo que o social parece que tá esquecido, não faz parte da sustentabilidade né. Porque as pessoas acabam olhando só como, as questões do clima, as questões do tempo, a questão da natureza e não, necessariamente, não que não sejam importantes, mas é tão importante quanto as questões sociais. Então, quando a gente fala de sustentabilidade, a gente também fala das questões de mulheres que são vitimadas todos os dias, de emponderar essas mulheres, de fazer com que essas mulheres, verdadeiramente, possam sair desse ciclo [...], é preciso que a gente pense num trabalho de reinserção social, [...] pra gente conseguir entender o cerne da questão [...] sustentabilidade pra mim é isso, é quando a gente conseguir olhar o mundo com uma visão holística, sabe? Ver o mundo de forma integral [...]. Olhar os animais, olhar os seres humanos, a natureza de uma forma que, onde, todos estão conectados. Então se alguma coisa, em algum momento, não tá funcionando é porque a gente não tá num mundo sustentável (E1).

Pois é, quando você fala sustentável parece que é verde né, o mundo fala em árvore. Eu [...] não consigo pensar muito no verde da floresta né, não é uma coisa que, não é, assim, uma coisa que me encante tanto. Acho importante,

óbvio, é natureza, amo, mas acho que não me empolgaria por esse caminho, não, o que me empolga é realmente poder tratar do lixo. Isso que me... que, assim, me causa comichão, realmente me chama [...] eu acho também que tem muito a ver com a questão, minha, afetiva, a questão de ter um olhar diferente pra essas coisas, do âmbito de respeitar o que é sustentável, e tal. Porque quando você tem pouco, eu de uma família de origem muito humilde, a gente não tinha muito recurso, porém o que tinha, não tinha desperdício [...] bandejinha de ovo virava brinquedo, meu aniversário de dois anos a decoração foi assim, toda feita a partir de reciclado né, foi muito bacana. Isso minha mãe que chamou atenção, na foto, quando ela mostra. Isso é uma ação de, já sustentável desde 1950 porque não tinha dinheiro (E2).

A minha preocupação em relação à sustentabilidade, ela envolve um aspecto muito mais amplo do que, eu chamo, o ecológico né, o ecológico não é só da ecologia local né, é uma questão da ecologia global, é uma coisa muito mais holística, vamos dizer, essa ecologia que eu penso é muito mais holística do que não jogar papel na rua, não usar, fazer reciclagem, não, ela transcende esse pensamento. Então, o pouco que eu posso contribuir no dia a dia, no meu trabalho de orientação, porque eu acabo associando o planejamento financeiro a questão da sustentabilidade do planeta. Eu faço essa abordagem chamando atenção, alguns pontos específicos durante uma palestra e tal, chamando a atenção das pessoas que hoje, pra sustentar 7.5, 7.6 bilhões de pessoas já se consome recursos naturais, superior a 50% da capacidade de regeneração do planeta. Agora tá recuperando um pouquinho com essa parada global, mas se assim continuar acontecendo né, vamos dizer, esse exagero, esse desperdício, do consumismo exagerado e tal, a gente vai ter uma escassez ali na frente, eu não tenho a menor dúvida disso né. Ou, os bens de serviço que dependem de recursos naturais, vão se tornar escassos, vai se tornar mais caro e aí vem a minha preocupação né, de quanto nós estaremos preparados, financeiramente, pra poder acompanhar essa loucura. A gente já tá sentindo, a gente percebe que essa parada tá impactando a vida financeira de todo mundo, e uma grande maioria desamparada, desassistida porque não tem poupança, não tem geração de renda, assim por diante (E3).

Os entrevistados conciliaram na opinião sobre a viabilidade da sustentabilidade, ratificando de certa forma o dever das empresas e pessoas adotarem práticas sustentáveis em seus ambientes empresariais e domiciliares, como “fazer campanha de utilização de menos papel [...] estimular mais a carona, [...] promover brechós [...] reciclar [...] não gerar lixo [...] não comprar o que a gente não precisa [...] fazer um guarda-roupa social” (E1).

A entrevistada E2 complementou afirmando que as empresas poderiam investir no tratamento do lixo e na consciência social para “obter, absorver e colocar de fato no modo de viver dessa empresa pra gerar menos impacto, menos lixo aí fora [...] recusar algumas coisas [...] consumir com mais consciência [...] reutilizar [...] repaginar algo que já é velho, isso é bacana”.

O entrevistado E3 acredita que no âmbito empresarial “grande maioria das organizações já estão tendo essa preocupação né, umas mais, outras menos, mas eu acho que muito imbuído por atitudes individuais”. Para ele, as pessoas estão começando a se preocupar com o meio

ambiente, entretanto falta orientação e a disponibilização de uma educação formal para os que estão dentro da escola e para os que “não tiveram oportunidade né, ainda estão a margem da sociedade”.

A entrevistada E2 fala de forma mais descontraída, retratando um cenário um tanto desagradável sobre a população pobre, na qual a mesma se insere em suas memórias: “Acho que pobre é sustentável a vida inteira, sabe? Pobre é a melhor raça pra qualificar e falar sobre sustentabilidade, é que ele nem sabe que esse é o nome, mas ele é muito sustentável porque ele recria muita coisa”. Contribuindo a esta colocação, E3 afirma que:

eu vejo hoje que as pessoas, de alguma forma, consciente ou inconsciente, que são os recicladores né, que vão pegar os resíduos né, aonde tem, na frente das casas, dos prédios e tal, eles, inconsciente ou conscientemente, eles são um agente patrocinador de preocupação, com relação a sustentabilidade. Na verdade, ele faz aquilo por uma necessidade né, de poder vender e ganhar, e gerar alguma renda, mas talvez no fundo, no fundo, ele faz por causa dessa necessidade, não com a consciência [...] eles têm uma importância muito grande e muitas vezes são mal vistos pelas pessoas né. Então eu acho que reconhecer que eles contribuem né, pra própria sustentabilidade, eu acho que é um papel que o ODS poderia direcionar, talvez, pra nós, participantes, algo que fortalecesse esse propósito e valorização, vamos dizer assim, desses trabalhadores anônimos e carentes de, talvez, uma atenção ou de um olhar de que ele existe. Eu vejo que a sociedade ignora, vamos dizer assim, como pessoas que não existem [...].

A entrevistada E1 complementou sobre os conflitos existentes sobre a teoria e a prática sustentável, em que se prega sobre o uso do transporte coletivo ou uso da bicicleta; porém, a estrutura de mobilidade urbana não atende a demanda da sociedade. Sobre o discurso para uma alimentação saudável e o costume que se passa quase com naturalidade no desperdício dos alimentos, e descarte das partes com maior percentual de nutrientes.

Ainda em referência à sustentabilidade e como ela vem sendo tratada na atualidade, a entrevistada E1 afirma que:

está longe de ser o que a gente precisa. A gente vai falando de sustentabilidade e as pessoas ficam muito no campo do aquecimento global, e se a gente não trazer isso numa linguagem pras pessoas mais leigas, a gente não vai conseguir atingir a grande massa, a grande população, porque quando a gente fala em aquecimento global, a gente tá falando de algo que parece muito intangível pro Zézinho que tá lá na comunidade, pra alguém que não tem muita instrução. Sabe o que que o cara pensa? ‘Isso aí não é responsabilidade minha, eu não estudei pra isso, eu não entendo nada de aquecimento global’. Ele pensa que quando dá a notícia lá da Antártida, ele fala: ‘Ah, o negócio tá lá do outro lado do mundo, que que eu tenho com isso?’

A fala da E1 exemplifica a afirmativa de Giddens (1991) sobre inatividade das pessoas frente a riscos que demonstre a impossibilidade de controle individual e a incompreensão sobre

a conexão de fatores distantes, complementando sua exposição a entrevistada E1 traz a questão da atualidade, pandemia COVID-19, ilustrando a replicação do comportamento da sociedade:

[...] Eu acho que o Corona vírus foi um grande exemplo disso [...] que a gente começa a pensar pra natureza né, o Corona vírus começou lá em Wuhan, no interiorzão da China, e, de repente, a coisa tomou uma proporção mundial. [...] você for fazer uma pesquisa com aquela comunidade, o que que mais tem no... dentro de uma comunidade? Tem muito lixo né, esgoto a céu aberto. A falta de informação é tão grande que se você for falar com eles assim: ‘Olha, poxa, mas você tá com esse esgoto aqui tão perto, vocês não têm ficado doentes?’ ‘Não, não, a gente já tá acostumado, não adoce não’. Aí você vai ver, aquela criança vive com diarreia, aquela criança tá cheia de verminose, e ele não consegue associar que aquele saneamento que ele tem, precário, é o resultado de todas essas doenças que as crianças têm, porque parece que aquilo já virou, aquilo se naturalizou. E aí, a gente fica em, a gente fica trabalhando com as questões de sustentabilidade de forma compartimentada, [...] quando a gente conseguir entender essa conexão do universo e de que tá conectado, a gente [...] é morador da mesma casa, o planeta Terra é um só.

A sustentabilidade também vem sendo manuseada como um slogan para uma boa imagem, empregada como um rótulo de amigo do meio ambiente, ou sinônimo de instituição correta. Contudo, as pessoas estão começando a notar as falhas do belo cenário pintado para o superficial impacto positivo. É o que revela a fala da entrevistada E2 sobre o município em que mora:

Ninguém faz nada, fala que é sustentável daqui sustentável de lá, vai entrar aí, na página da minha cidade, e vai lá ver a coisa muito linda, aí você vai tentar ligar pra fazer coleta seletiva, eu já fiz isso em 2018 e tô esperando até hoje. [...] Aí, já pergunto [...] onde que vai, pra que lugar que vai isso, pra qual cooperadora que vai isso, aí tem alguns que são cadastrados, outros que não são, a maioria não vai ser, porque a maioria não tem inscrição, não sabe nem como fazer, como eu falei pobre é sustentável, mas nem sabe, cadê essa divulgação né, isso não tem.

[...] gente vê muitas iniciativas, com certeza, mas eu acho que o poder público, comparando com outros países que já são muito mais avançados sobre diferentes vertentes, a educação, a conscientização, basicamente em muitos países desenvolvidos, tudo é reciclado né, o índice de reciclagem, ele é altíssimo, e a gente ainda continua jogando lixo nos aterros né, infelizmente continua contaminando o solo, contaminando pessoas né. [...] Por exemplo, a gente percebe, é um contrassenso muito grande se fazer campanha com aquelas sacolinhas do supermercado, [...] mudaram o material, não tenho certeza o quanto aquele, essas sacolinhas plásticas que paga, ela é biodegradável, eu não tenho certeza disso, [...] mas aí vem o meu grande questionamento: Ninguém faz nenhuma campanha, pras grandes empresas? E aí, por isso que eu acho que é meio um contrassenso. Vou comprar uma embalagem de arroz, é plástico, vou comprar uma de feijão, é plástico, farinha, é plástico. Todos os itens que a gente consome, basicamente, tem o plástico no meio do caminho, então, crucificar a sacolinha né, e não fazer nenhuma referência a esses outros produtos, desde a caixinha de leite e tal, etc. que vai muito plástico também né, a composição vai alumínio, enfim, um monte de coisa, é um negócio que não me cai na cabeça, eu não vejo campanhas educativas, ou melhor campanhas, decisão, regulação: ‘Oh, o arroz agora vai

ter que ser em caixa de papelão e realmente no plástico não vai ser mais possível.’ Eu não vejo isso. Dá uma certa angústia quando você vê propagandas né, de todos os níveis, da questão da sacolinha daqui sacolinha de lá, e tal, não sei o que, e aí com relação aos outros itens, que são centenas e centenas de unidades maior, de poluição no meio ambiente [...]. Então, tem empresa que tem essa conscientização, tão fazendo e tal, mas a grande maioria, o grosso mesmo, é só lá no relatório social que ela vai dizer que faz, aí tem lá uma ISO¹⁵ não sei das quantas, e não sei o que, mas e na prática, na própria produção dela, ela faz mesmo? [...] Porque hoje a tecnologia ‘tá’ aí, existe, mas não são aplicados, né, na prática (E3).

Há um sentimento comum sobre a união entre governo e a sociedade para uma mudança urgente na forma em que a sustentabilidade vem sendo tratada, pois “é algo que, realmente, vai impactar sobre as nossas futuras gerações, e não são futuras muito longe, são futuras imediatas” (E2).

No entendimento da E1, a sociedade deveria tratar as questões ambientais com mais aproximação, buscar mais conhecimento sobre a realidade, entendendo em profundidade a conexão das reais causas dos problemas que estamos expostos como a falta de saneamento básico que afeta saúde e qualidade de vida da população exposta ao esgoto a céu aberto, ou o resíduo destinado em local inadequado, propiciando a proliferação de vetores e doenças para a comunidade.

Esse comportamento precisa acontecer porque, se essa mudança de comportamento não acontecer, a gente vai ver aí, um lugar é tsunami, aqui em Niterói foi o morro do Bumba desabando, é uma encosta aqui e acolá que cai, então se a sociedade civil não acordar pra isso, pra mudar essa triste realidade. Os governantes não fazem muito, fazem pra sair bonito na foto, mas efetivamente isso não acontece. Se a gente ficar nessa retórica, ‘Ah, eu vou ficar pensando no que o outro vai fazer, isso não é papel meu, é papel do governo’. Não, não é, é papel da sociedade civil, quem vive aqui somos nós. Tem que ser essa parceria, se não fizer essa parceria, não vai rolar, se a gente não buscar conhecer, se a gente não mudar esse hábito, não vai rolar (E2).

A entrevistada E2 retrata a realidade do local em que reside:

[...] eu moro num bairro isolado, que não é permitido ter construção de prédio grande, por exemplo, menos ainda condomínio, mas conseguiram fazer burlando, aqui, uma regra [...] daqui a pouco você vê uma família catando lixo. Por que que você não separa o que tem e já não coloca lá fora, paga a taxa de condomínio, sei lá, R\$1.500,00. [...] todo dia são seis sacos, daquele gigante, de lixo, isso é um absurdo, isso não dá [...] é um condomínio caro, é um lugar que pessoas são, supostamente, instruídas, mas por que que não fazem nada? Então, assim, isso é papel de a gente fazer, não é esperar o governante, é da gente, tem que partir da gente, do individual. Esperar que o outro realmente faça, já era. ‘Ah, vou jogar meu lixo porque tem quem varra’, isso é o pensamento mais mesquinho que eu já ouvi falar na minha vida, mas é o ser humano.

¹⁵ ISO - Organização Internacional para Padronização, que desenvolve e publica Normas Internacionais.

Embora a entrevistada E2 tenha ressaltado a importância de se realizar práticas sustentáveis, independente das ações de esferas governamentais e comportamentos coletivos. O entrevistado E3 contextualiza as instituições empresariais como primordiais para uma mudança intensa e significativa:

partir da própria iniciativa empresarial né, eu diria até regulatória, sobre ser uma política, talvez, mais rígida né, pra que fosse dado prazo, evidentemente, pra se adaptar a essa modernidade e necessidade né, voltada a sustentabilidade, mas teria que ser uma coisa bem intensa e muito rápida, porque o nível de poluição que a gente percebe aí. Você vai à Baía da Guanabara, você vê, é algo assim, surreal [...]. Então eu acho que em medida que, desde o micro né, empresário, a indústria produtiva de embalagem, e tal, etc. Todos os patamares do seguimento econômico pudessem ter essa consciência, é transformador, isso vem, não é de baixo pra cima, é de cima pra baixo. Então eu acho que isso poderia ser uma forma de dar uma contribuição sobre essa questão da sustentabilidade, especificamente, não poluente né. E aí, tem as outras vertentes, os 17 princípios do ODS, que tem muitas empresas praticando, mas a grande maioria tão totalmente desenquadradas.

Apesar dos desafios versados pelos participantes e entrevistados, a respeito da superação dos problemas ambientais e sociais, é possível identificar em seus discursos, esperança para um futuro próximo e expectativas sobre as mudanças que estão ocorrendo nesse período de pandemia, ainda que tenebroso por suas incertezas futuras e a constante remodelagem do convívio social.

[...] se a gente não estiver pensando em como vai ser nossa vida amanhã, é, no mínimo, de espantar, porque a gente precisa repensar, parece que o planeta né, parou pra pediu pra gente dar uma parada, pra respirar. Porque, já vi reportagens de menos emissão de gás carbônico em São Paulo, que a água de Niterói, aqui da Baía da Guanabara está mais clarinha, ou seja, essa parada parcial, da gente dentro de casa, trancado, olha o quanto de benefícios que quantas pessoas não podem usufruir dessa informação pra refletir, pensar e mudar o comportamento a partir de agora (E2).

O pronunciamento dos entrevistados, colhido no encerramento da entrevista soou como um sopro de vitalidade e um chamado imperativo para ação. A entrevistada E1 afirma sua esperança e certeza em que há um caminho, porém alerta que:

[...] o que falta ao Brasil é a falta de coragem e de vontade e de interesse de alguns governantes [...] não é falta de recurso, o que falta no Brasil é falta de coragem, é falta de vontade das pessoas tomarem a rédea e a gente, verdadeiramente, usufruir do que a gente tem [...] a gente vai conseguir vencer essa guerra [...] quando a gente levar conscientização, não existe nenhuma ferramenta mais transformadora do que a informação, só ela vai levar as pessoas, verdadeiramente, para ação. Porque quando você entende, daí você consegue executar [...]. Mas é preciso que alguém vá lá e diga isso pra eles, porque eles só aprenderam a produzir lixo, eles não aprenderam a reciclar. Os maiores recicladores, os que catam são esses usuários de crack, todo mundo que tem um ponto de coleta fala: 'Essa galera, eles catam pet e latinha porque é a maneira mais rápida de conseguirem dinheiro'. [...] Quando eles

conseguem ver o benefício, atrelado a essa informação que você deu, aí você consegue ter uma ação transformadora (E1).

Alinhado à fala da E1, o entrevistado E3 alega que:

[...] no fundo, olhando lá no detalhe, falta muita responsabilidade social, com as pessoas mesmo, elas com elas mesmas, e aí, essa ecologia, que eu estava comentando antes, é a ecologia da pessoa também [...]. Eu sou uma ecologia, cada um de nós temos um ambiente ecológico individual, que fatalmente impacta em todo o planeta. Então, quando a gente começa a ter essa consciência, da nossa ecologia [...] isso é transformador, mas isso é um processo, não tem jeito.

Os entrevistados E2 e E3 acreditam que a sociedade está no caminho, buscando formas de melhorias contínuas, ainda que não na velocidade desejada. Não obstante, concordam em que há um fenômeno de mudança de paradigma social em que a atenção da humanidade está se voltando para a valorização da vida, o fomento de ideologias como o minimalismo, a redução do consumismo, o surgimento da criticidade em consumir produtos de empresas que não poluem o ambiente, ou que buscam ao máximo a redução de seu impacto operacional, a busca por uma alimentação saudável, que fortaleça o imunológico, este também reforçado pelo advento da pandemia.

Para o tratamento das informações coletadas durante a observação e as entrevistas realizadas, foram consideradas para a análise dos discursos apresentados com a identificação da unidade mínima ideológica, constatando as categorias que apareceram com maior frequência, ou consideradas relevantes, acerca do universo estudado e suas representações sobre a sustentabilidade. As categorias de pensamento analisadas e apresentadas nas considerações seguintes estão destacadas em *itálico* (VELHO, 1973).

A fim de proporcionar melhor compreensão sobre universo pesquisado, o Quadro 4 ilustra as compreensões e formas de representações da categoria da sustentabilidade, apresentadas durante os encontros presenciais realizados em 2019 e as entrevistas realizadas em 2020, apoiado na metodologia das unidades mínimas ideológicas, preconizadas por Velho (1973).

Quadro 4 – Categorias de pensamento da pesquisa.

Unidade mínima ideológica	Característica	Frase típica
Linguagem clara / Multiplicar / Informação	Comunicação com informações simples e de fácil entendimento para o máximo de pessoas.	Eu acho que a gente precisa ter uma linguagem clara, a gente precisa levar para as pessoas o que elas precisam e hoje eu vejo que as pessoas precisam de informação. (C1)

Continuação

		<p>Eu acho que multiplicar essa informação, pra que isso chegue a mais pessoas, que a gente consiga atingir mais pessoas (E2).</p> <p>a gente vai conseguir vencer essa guerra [...] quando a gente levar conscientização, não existe nenhuma ferramenta mais transformadora do que a informação, só ela vai levar as pessoas, verdadeiramente, para ação. Porque quando você entende, daí você consegue executar [...] (E1).</p>
Mudança / Comportamento	Modificação das atividades e reações de um indivíduo ao ambiente em que está inserido.	<p>Eu estou procurando fazer o máximo que eu posso, para mudar essa situação do meu bairro (P2).</p> <p>[...] se essa mudança de comportamento não acontecer, a gente vai ver aí, um lugar é tsunami, aqui em Niterói foi o morro do Bumba desabando, é uma encosta aqui e acolá que cai, então se a sociedade civil não acordar pra isso, pra mudar essa triste realidade [...]. Se a gente ficar nessa retórica, 'Ah, eu vou ficar pensando no que o outro vai fazer, isso não é papel meu, é papel do governo'. Não, não é. É papel da sociedade civil, quem vive aqui somos nós. Tem que ser essa parceria, se não fizer essa parceria, não funcionará, se a gente não buscar conhecer, se a gente não mudar esse hábito, nada acontecerá (E2).</p> <p>Teria que ser uma coisa bem intensa e muito rápida, porque o nível de poluição que a gente percebe aí. Você vai à Baía da Guanabara, você vê, é algo assim, surrealista [...] (E3).</p> <p>É algo que, realmente, vai impactar sobre as nossas futuras gerações, e não são futuras muito longe, são futuras imediatas (E2).</p>
Governo / Conexão	Interligar organizações e pessoas para um conhecimento nivelado e proposição de ações convergentes.	<p>[...] o governo, politicamente, assim, não faz nada e a gente vê coisas bem pequenas, movimentos e pessoas fazendo a partir da sua casa, coisas que realmente somam e agregam muito a vida das pessoas (E2).</p> <p>[...] fatalmente, tem ações da prefeitura que cuida do saneamento básico, da educação, já existe isso naturalmente, dentro do macro incluído, mas assim, um direcionamento do núcleo ODS, pra que possa impulsionar determinadas ações mais objetivas, eu não percebo, sinceramente [...] eu não percebo algo do ODS sendo feito alinhado com o governo municipal [...] (E3).</p> <p>[...] fazer com que o governo entenda que o lema dos ODS é: Ninguém fica pra trás. E conseguir com que governo, a sociedade civil e as empresas façam uma única conexão pra que a gente trabalhe juntos, e que, com certeza, quando a gente conseguir fazer essa</p>

Continuação

		tríade, a gente vai conseguir fazer com que essa Agenda se torne algo muito mais factível (E1).
Ser ODS / Fazer ODS	Desempenho de atividades de voluntariado ou de geração de renda alinhadas aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável.	[...] eu não deixo de ser ODS, de ser amigo da C1. Porque é um trabalho que a gente vê, que ele tem sua excelência em funcionar [...]. Hoje eu não preciso levar mais nada disso aqui para mostrar para as pessoas que eu sou ODS, que eu faço trabalho voluntário (P6). Eu faço ODS com esse meu trabalho [...] faço cocada caseira (P13).
Ajudar / Ter benefício	Realizar algo benéfico para alguém e para si próprio.	[...] eu preciso fazer alguma coisa, eu preciso me ajudar e ajudar (P15). [...] qualquer grupo social que você participa, onde você também possa ter um benefício, no sentido de ajudar o próximo né, buscar conhecimento, se aperfeiçoar, ter outros pontos de vista, sobre a questão social [...] poder estar participando, conhecendo pessoas com pensamentos diferentes [...] cada pessoa ou organizações que participem do ODS desenvolvem, em todos os sentidos sociais, nas diversas, diferentes vertentes que o ODS se ampara (E3). [...] eu fiquei ociosa, [...] então eu passei a me dedicar a essas pessoas que precisam de mim (P2). [...] minha vida tava muito ociosa, eu não sou de ficar parada [...] eu gosto muito de tá fazendo alguma coisa, e essa coisa tem que ser algo que gere algum impacto, alguma produtividade e gere um reflexo na vida do outro (E2).
Mulheres	Indivíduo em condição de vulnerabilidade social que pode promover a igualdade de gênero.	Quando a gente fala de sustentabilidade, a gente também fala das questões de mulheres que são vitimadas todos os dias, de empoderar essas mulheres, de fazer com que essas mulheres, verdadeiramente, possam sair desse ciclo (E1).
Verde	Cor associada a ambientes naturais, à vegetação, como as florestas e ambiente de campo.	Quando você fala sustentável parece que é verde, o mundo fala em árvore [...] não consigo pensar muito no verde da floresta, não é uma coisa que, não é, assim, uma coisa que me encante tanto. Acho importante, óbvio, é natureza, amo, mas acho que não me empolgaria por esse caminho, não, o que me empolga é realmente poder tratar do lixo (E2).
Afetiva / Pouco recurso	Fatores motivadores de comportamento produzido por memórias e emoções abstratas e físicas.	[...] tem muito a ver com a questão, minha, afetiva, a questão de ter um olhar diferente pra essas coisas, do âmbito de respeitar o que é sustentável, e tal. Porque quando você tem pouco, eu de uma família de origem muito humilde, a gente não tinha muito recurso, porém o que tinha, não tinha desperdício [...]. Isso é uma ação de, já sustentável desde 1950 porque não tinha dinheiro (E2).
Pobre / Pobreza	A população com um pouco ou nenhum	Acho que pobre é sustentável a vida inteira, sabe? Pobre é a melhor raça pra qualificar e falar sobre

Continuação

	recurso desempenha atividade consideradas sustentáveis mediante sua necessidade de subsistência e não possivelmente considerando-as como práticas sustentáveis, mas sim como uma tentativa de prover seus recursos para atender as suas necessidades.	sustentabilidade, é que ele nem sabe que esse é o nome, mas ele é muito sustentável porque ele recria muita coisa (E2). Eu vejo hoje que as pessoas, de alguma forma, consciente ou inconsciente, que são os recicladores, que vão pegar os resíduos, onde há, na frente das casas, dos prédios e tal, eles, inconsciente ou conscientemente, eles são um agente patrocinador de preocupação, com relação a sustentabilidade. Na verdade, ele faz aquilo por uma necessidade, de poder vender e ganhar, e gerar alguma renda, mas talvez no fundo, no fundo, ele faz por causa dessa necessidade, não com a consciência [...] (E3). [...] porque eles só aprenderam a produzir lixo, eles não aprenderam a reciclar [...]. Os maiores recicladores, os que catam são esses usuários de crack, todo mundo que tem um ponto de coleta fala: 'Essa galera, eles catam pet e latinha porque é a maneira mais rápida de conseguirem dinheiro (E1).
Reciclagem	Processo de transformação dos resíduos para um novo uso, como matéria-prima ou produto.	[...] basicamente em muitos países desenvolvidos, tudo é reciclado, o índice de reciclagem, ele é altíssimo, e a gente ainda continua jogando lixo nos aterros, infelizmente continua contaminando o solo, contaminando pessoas. (E3)
Consumismo / Desperdício	Aquisição de bens ou serviços além da necessidade, reduzindo os recursos naturais e aumentando a geração e o descarte inadequado dos resíduos.	[...] hoje, pra sustentar 7.5, 7.6 bilhões de pessoas já se consome recursos naturais, superior a 50% da capacidade de regeneração do planeta. Agora tá recuperando um pouquinho com essa parada global, mas se assim continuar acontecendo né, vamos dizer, esse exagero, esse desperdício, do consumismo exagerado e tal, a gente vai ter uma escassez ali na frente, eu não tenho a menor dúvida disso né. Ou, os bens de serviço que dependem de recursos naturais, vão se tornar escasso, vai se tornar mais caro (E3). [...] projetos que possam orientar as pessoas a não ter desperdício, a ter essa preocupação um pouco mais no micro, que é a separação do lixo, essas coisas todas, pra poder facilitar as pessoas, que são os catadores (E3).
Contrassenso / Plástico	Ação ou comportamento que se opõe à razão ou a lógica.	[...] é um contrassenso muito grande se fazer campanha com aquelas sacolinhas do supermercado, [...] mudaram o material, não tenho certeza o quanto [...] ela é biodegradável [...] eu acho que é meio um contrassenso. Vou comprar uma embalagem de arroz, é plástico, vou comprar uma de feijão, é plástico, farinha, é plástico. Todos os itens que a gente consome, basicamente, tem o plástico no meio do caminho, então, crucificar a sacolinha né, e não fazer nenhuma referência a esses outros produtos, [...] (E3).
Relatório Social	Documentos de consolidação de dados referentes as atividades	tem empresa que tem essa conscientização, tão fazendo e tal, mas a grande maioria, o grosso mesmo,

	empresariais que contribuem para a redução dos impactos ambientais.	é só lá no relatório social que ela vai dizer que faz [...] (E3).
Ecológico / Holístico	A interação de todas as partes de um ser ou sistema, cada uma com sua importância, e juntas compõem um todo.	A minha preocupação em relação à sustentabilidade, ela envolve um aspecto muito mais amplo [...] não é só da ecologia local, é uma questão da ecologia global, é uma coisa muito mais holística [...] do que não jogar papel na rua, não usar, fazer reciclagem, não, ela transcende esse pensamento. Então, o pouco que eu posso contribuir no dia a dia, no meu trabalho de orientação, porque eu acabo associando o planejamento financeiro a questão da sustentabilidade do planeta [...]. Eu sou uma ecologia, cada um de nós temos um ambiente ecológico individual, que fatalmente impacta em todo o planeta. Então, quando a gente começa a ter essa consciência, da nossa ecologia [...] isso é transformador, mas isso é um processo, não tem jeito (E3).

Elaboração: Autora

O discurso sobre o Desenvolvimento Sustentável, como já expresso no capítulo 1 desta pesquisa, possui inúmeras variações e formas de entendimento. O que impede uma definição única e determinante. Relativo a esta complexidade está a compreensão da população para a temática da sustentabilidade, pois o dialeto utilizado pelos especialistas e estudiosos não alcança a sociedade em sua realidade cotidiana. Nesse sentido, trago a primeira categoria de análise abordada de forma recorrente em todo o período da pesquisa - *linguagem clara / informação*. Há uma necessidade em esclarecer as informações sobre a sustentabilidade em uma linguagem simples e clara que possibilite sua compreensão pelo maior número de pessoas, independente de sua escolaridade, classe social, faixa etária e qualquer outro fator compositor de suas características. Conforme a fala apresentada pela E1, a tomada de ações necessárias em prol da sustentabilidade se dá através do entendimento de cada indivíduo sobre a importância e responsabilidade de suas ações para a redução dos impactos ambientais e avanço para um cenário sustentável local e global.

A entrevistada reforça que a *mudança de comportamento*, ocorre somente após a compreensão e o pertencimento do que está sendo comunicado, ou proposto – segunda categoria de análise. Atribuída à urgência de modificações no cenário social e ambiental, como expresso na colocação da E2, exemplificando alguns desastres ambientais e a possibilidade de novas ocorrências que impactarão as futuras gerações, ratificando que é um futuro muito próximo, caso não haja uma transformação das práticas rotineiras de toda a população.

A perseverança no intento de modificações externas, além da esfera individual, como na fala da P2 em que ressalta seu esforço para a modificação da realidade do seu bairro, que em seu entendimento “é um buraco negro”, sendo um dos motivos a ausência de apoio do governo e a dificuldade em adquirir assistência das instituições públicas e privadas.

Nesse sentido, a terceira categoria de análise discorre sobre a importância da *conexão* entre o indivíduo e o coletivo para um nivelamento entre suas compreensões e representações a respeito da sustentabilidade, que se torna essencial para a efetividade das decisões e ações tomadas, tanto no coletivo da sociedade civil quanto nas esferas *governamentais*. Entretanto, as divergências entre os reais interesses desses grupos caracterizam um grande desafio a ser desvendado.

A narrativa do entrevistado E3 afirma que o Governo municipal realiza regularmente ações direcionadas ao desenvolvimento sustentável, como atividades de saneamento, educação, entre outras, que carecem de uma orientação e divulgação sobre o alinhamento destas aos ODS.

A ausência da conectividade entre as ações implementadas nas esferas governamentais, empresariais e da sociedade civil, retarda o avanço do desenvolvimento sustentável estruturado em atividades alinhadas e realmente efetivas.

No tocante às atividades em pequena escala, ou até individual, podemos evidenciar o discurso do participante P6 que menciona a expressão *ser ODS* e o participante P13 com a afirmativa *faço ODS* – quarta categoria de análise. Nesta categoria, os discursos apresentados retratam um entendimento sobre as atividades de voluntariado e de geração de renda desempenhadas e relacionadas ao que preconiza algum dos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030. O interessante de tais considerações é que mesmo que as atividades desempenhadas não envolvam ou referenciem o Movimento ODS do Rio de Janeiro, é possível evidenciar o entendimento sobre a existência da sustentabilidade.

Referente às falas apresentadas pelos participantes P2, P15 e os entrevistados E2 e E3, situadas na quinta categoria de análise – *ajudar/ter benefício* –, é possível perceber a representatividade da sustentabilidade na decisão e ação de doar seu tempo e conhecimento, para ajudar alguém, obtendo como benefício o sentimento de serventia. Nesta linha, podemos correlacionar os discursos apresentados com a insatisfação na sensação de comodidade e ociosidade, contrapondo o aprazimento em realizar atividades que tenham relevância e impactem positivamente na vida do outro.

Dentre os discursos referenciados acima, três deles foram pronunciados por *mulheres* – sexta categoria de análise escolhida; reproduzidos de forma assídua pela coordenadora do Movimento ODS do Rio de Janeiro, também ativista e feminista. Esta categoria foi reproduzida

em todos os eventos ocorridos em 2019 e explicitamente durante a entrevista em 2020. Sendo uma das representações mais fortes para a coordenadora, que nesta pesquisa apregoa a necessidade de empoderamento e fortalecimento da população feminina para o combate à desigualdade de gênero, a promoção de direitos igualitários e a garantia de segurança e respeito.

Ainda sobre a significação da sustentabilidade, para cada entrevistado é possível verificar uma percepção ajustada à trajetória de vida de cada um.

A participante E2 relata a associação da identidade visual da sustentabilidade à cor *verde* – sétima categoria de análise, como uma memória coletiva condicionada subjetivamente ao ambiente ecológico, natural, caracterizado pelos verdes das florestas e vegetação em geral, por vezes excluindo o ambiente urbano e suas mazelas, como todo o lixo gerado e não tratado.

Para E2, sustentabilidade está mais relacionada à questão do resíduo que é gerado de forma desenfreada e destinado inadequadamente, impactando em grande escala o ambiente natural e a qualidade de vida da população. Salienta que sua interpretação sobre a sustentabilidade é uma questão mais *afetiva*, por sua memória e estrutura familiar, visto que desde pequena acompanha seus pais no recolhimento de embalagens e resíduos para reaproveitamento, confecção de artesanato e reciclagem. Ponderou também a questão do *pouco recurso* provindo de sua família – oitava categoria de análise. E2 considera que as práticas sustentáveis desenvolvidas desde 1950, não são necessariamente pela consciência sobre a importância da sustentabilidade, mas pelo pouco recurso financeiro que sua família arrecadava.

Complementar a esta narrativa, E2 afirma que *pobre* – nona categoria de análise, “é sustentável a vida inteira”, devido sua necessidade de recriar as coisas que possui, utilizando ao máximo seu recurso e reaproveitando as coisas que já possui.

A população pobre é classificada pelo entrevistado E3 como “recicladores” e “a gente patrocinador de preocupação, com relação à sustentabilidade”. Não obstante, todos os entrevistados consideram que devido ao pouco ou nenhum recurso que assegure sua sobrevivência, essa parcela da população desempenha tais ações como catação de resíduos em locais variados e vende para pontos de coleta e reciclagem muito provavelmente na tentativa de prover seus recursos a fim de atender suas necessidades de gerar alguma renda, e não por motivo de atenção à importância de práticas que promovam a sustentabilidade.

A entrevistada E1 exemplifica esta narrativa confirmando que a sociedade foi instruída apenas a produzir lixo e não para reciclar. Ressaltou ainda, baseada em informações recebidas por pessoas que possuem ponto de coleta de materiais de PET e latinha de alumínio, que os maiores recicladores são os usuários de crack, pois eles catam os materiais que garantem aquisição de dinheiro de forma mais rápida para atender suas necessidades.

Congruente a esta questão sobre os resíduos, o entrevistado E3 ressalta que em países mais desenvolvidos, as preocupações com problemas oriundos dos resíduos refletem no alto índice de *reciclagem* – décima categoria de análise, para tratamento e reinserção deste resíduo como matéria-prima ou produto no mercado. Em contrapartida, lamenta a realidade brasileira na qual se mantém com a alta geração de resíduos e destinação inadequada para aterros ou locais ilegais, resultando na contaminação do solo e em consequência afetando a saúde da sociedade. Esta categoria é representada em momentos distintos nas falas de todos os entrevistados como um grande fator contributivo para a sustentabilidade, devendo ser mais fomentado no Brasil.

Contribuindo ao baixo índice de reciclagem, mencionado pelos entrevistados, está o alto índice de *consumismo* e *desperdício* irrefletido, pela população abastada – décima primeira categoria de análise. O entrevistado E3 ressalta que o consumo da população supera 50% da capacidade de regeneração do planeta e que o exagero na aquisição de recursos naturais, bens e serviços, caracterizado pela dissociação da real necessidade e da proporção adequada do consumo, resultará em uma escassez num futuro próximo ou no encarecimento dos bens consumíveis. Esta categoria elucida a necessidade de alerta à população para repensarem seus estilos de vida e de consumo, a fim de evitarem gastos com itens desnecessários, que serão desperdiçados e descartados. Ainda sobre a geração de resíduos, o entrevistado E3 ressalta sobre a importância na orientação da população em segregar os resíduos, a fim de facilitar o trabalho dos catadores.

Entre as divergências e questionamentos no universo da sustentabilidade, o entrevistado E3 relata sobre o *contrassenso* no apelo do uso do plástico – décima segunda categoria de análise. Com discurso direcionado às sacolas plásticas que eram disponibilizadas de forma gratuita nos mercados, E3 questiona se o material das novas sacolas plásticas, agora taxadas, são realmente biodegradáveis e que há uma infinidade de embalagens plásticas, tão vilões quanto a sacola, sem nenhuma restrição ou determinação legal para as empresas que mantêm o uso do plástico nas embalagens de seus produtos.

Esta categoria elucida uma prática muito recorrente, que é o emprego da categoria sustentabilidade, como um slogan, utilizado de forma direcionada ao objetivo que se pretende atingir, desconsiderando os demais fatores existentes que podem impactar de forma mais significativa.

Durante suas falas, o entrevistado E3 referencia em muitos momentos a importância do papel da empresa para o avanço do desenvolvimento sustentável. Alinhada a sua narrativa, ele afirma que muitas empresas já realizam práticas sustentáveis, transformando suas formas

técnicas e operações. Entretanto, ressalta que a maioria das empresas apresenta seus resultados em seu *relatório social* – décima terceira categoria de análise, onde consolidação e divulgação de dados referentes às atividades administrativas, operacionais e sociais que a empresa julga estão a favor da redução dos impactos ambientais e em benefício da população.

Apesar disso, é válido resgatar o conhecimento sobre o chamado marketing verde utilizado como estratégia de aproximação da empresa a uma imagem de amiga do meio ambiente ou ecologicamente correta, que é fortemente utilizado por algumas empresas.

Por fim, é resgatado o termo da *ecologia*, ainda na fala do entrevistado E3 em que assinala que sua preocupação com a temática da sustentabilidade envolve um olhar *holístico* – décima quarta categoria de análise. Sua compreensão e preocupação sobre a sustentabilidade vai além de atitudes isoladas como reciclar ou não jogar lixo no chão. Ele alerta que cada ser humano compõem uma ecologia individual, constituída por diversos fatores como cultura, opiniões, preferências em vestimentas e alimentação, conhecimentos em múltiplas áreas, estilos de vida, valores, crenças, significados entre outros. Cada fator possui sua relevância para o ambiente exterior, configurando uma ecologia coletiva, podendo ser local, regional e global. Essa interação entre o individual e o coletivo se retroalimenta e se remodela constantemente, baseado nas informações que absorve e nas experiências que vivencia.

Podemos representar a ecologia individual como um conhecimento de si próprio de seu sistema corporal, seu funcionamento e suas interações, identificando as escolhas e ações que impactam positiva e negativamente no seu individual corporal ecológico e, a partir do conhecimento adquirido, identificar também os impactos benéficos e maléficos com a interação com o externo, com o meio ambiente em que estamos inseridos (DOMINGUES, 2001).

CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

A conexão entre os termos *desenvolvimento* e *sustentabilidade* originam discursos variados e caracterizados pela província de significados dos atores que os produzem. Sua complexidade transborda as dimensões ambiental, econômica e social, formalmente narradas historicamente. Apoiado em um olhar investigativo e questionador, enraizado nos conceitos sociológico e antropológico é possível afirmar que fatores como características regionais, significados, crenças e sistemas simbólicos de cada sociedade, demanda a compreensão dos valores e comportamentos construídos ao longo do tempo, afetando sua tradicionalidade e estilo de vida. Tais fatores apresentam grande importância para análise do contexto da sustentabilidade, pois são essenciais para um diagnóstico mais realista ao ambiente em que se delinea. Além disso, é possível identificar uma sobreposição estruturada nas importâncias que cada dimensão traz para sociedade, com as importâncias atribuídas aos tratamentos do dia a dia, sendo a dimensão econômica sobreposta à ambiental dentre as quais divergem hoje economistas e os ecologistas, atores sociais ativos e responsáveis pelo debate em torno da sustentabilidade e das ações desenvolvidas em prol dessa temática. Estando a dimensão social em terceira posição representando um complemento à necessidade de se manter desenvolvendo economicamente, conservando os recursos naturais do ambiente, restando em consequência a preocupação com a sociedade para a promoção de qualidade de vida e justiça social, após manutenção dos recursos básicos para a sobrevivência considerados como financeiros e ecológicos.

Nesse sentido, esta pesquisa buscou compreender as significações atribuídas à temática da sustentabilidade pelos participantes do Movimento ODS do Rio de Janeiro, contemplando a complexidade de seus contextos sociais. Objetivou ainda compreender a interação entre os potenciais fatores que motivaram o ingresso e a permanência deles nesta organização da sociedade civil que propõe o desenvolvimento de atividades a favor dos objetivos do desenvolvimento sustentável determinados pela Agenda 2030, conduzida pela ONU.

A partir do conteúdo abordado nesta pesquisa, apoiada nos autores que embasaram o referencial teórico e nas análises aprofundadas das falas, expressões corporais, emoções manifestadas e momentos de silêncio, vivenciadas presencialmente nos eventos realizados em 2019 e virtualmente nas entrevistas realizadas em 2020, podemos concluir que o termo sustentabilidade traz consigo uma subjetividade traduzida nas significações atribuídas pelos atores sociais, representados pelos indivíduos, coletivos formais e informais, sociedade civil,

empresas e governo, na esfera municipal, estadual e federal (BERNSTEIN 1987 apud LE BRETON, 2019).

Após a colheita e análise das falas e narrativas apresentadas nas atividades de observação e nas entrevistas, foram identificadas 14 categorias de pensamento nos discursos apresentados pelos participantes da pesquisa, ancorada na metodologia de análise de categorias de pensamento proposta por Velho (1973).

As compreensões referentes às categorias analisadas possibilitaram a identificação de assimetria entre as definições existentes sobre a temática de sustentabilidade e a representação desses significados na participação de cada indivíduo. Sendo evidenciada a complexidade da vida cultural de cada participante e ressaltados os desafios das causas enfrentadas regionalmente, estrutural e politicamente, todos atrelados a motivações de cunho pessoal em parte pelo sentimento de altruísmo na necessidade de modificar a realidade em que estão inseridos, gerando benefícios para as pessoas envolvidas ou afetadas, e em parte pelo desejo de compartilhar e trocar conhecimentos e percepções diversificadas que contribuem para o aprendizado e amadurecimento de si próprio e do outro.

Nesta continuidade, ressalvo que a mensagem transmitida em todos os eventos que destaca a importância de as pessoas aproveitarem as oportunidades proporcionadas pelo Movimento ODS do Rio de Janeiro, para realizar ações que sejam benéficas para as outras pessoas. Dentre as falas dos participantes é possível traduzir sentimentos profundos relativos à esperança, suporte, força, encorajamento e empoderamento, revelados em expressões corporais, falas atenuantes e choros incontidos. O conhecimento e a experiência proporcionada pelo Movimento ODS do Rio de Janeiro impactou e transformou muitas realidades, resgatando motivos e sentidos de companheirismo para permanência na busca incessante pelos direitos igualitários, melhoria na saúde, na educação, na estrutura familiar e diversos fatores importantes articulados entre a bagagem do passado e a expectativa do futuro, retratando as negociações entre memória e projeto abordados por Velho (1973) e Schütz (1979).

Apesar da nobre intenção em causar um impacto positivo no universo individual e coletivo, também foi possível identificar conflitos oriundos de interesses individuais por algumas pessoas que não permaneceram no Movimento ODS do Rio de Janeiro. Visto que, a atuação desta pesquisa ocorreu em momento posterior a alguns eventos, ainda foi possível resgatar em algumas falas o melindre em reportar sobre a desvinculação do núcleo de Mesquita, e a tentativa de aproveitamento de divulgação e exposição do Movimento ODS do Rio de Janeiro como um trampolim para aquisição de benefícios.

Indagações foram levantadas a respeito da preocupação entre os entrevistados, assinalando a redução de atividades que o Movimento ODS do Rio de Janeiro realizava anualmente. Concomitante a tais preocupações, foi apontada a ausência de delegação de tarefas para os participantes do movimento, embora o mesmo seja composto por um comitê com titulares e adjuntos. Assim, durante a pesquisa não foi possível evidenciar a efetiva atividade de tais cargos, assim como se mantém um questionamento sobre a autenticidade na escolha dos homenageados do prêmio parceiros que ocorre anualmente. Foi perceptível o desejo dos participantes em desempenhar atividades mais comprometedoras e para os eventos do movimento, em contrapartida também foi sentido o receio da coordenadora em designar tarefas de cunho estratégico para os participantes e resultar em algum prejuízo à imagem do Movimento ODS do Rio de Janeiro.

Foi perceptível ainda o sentimento de frustração transcrito pelas falas de alguns entrevistados, relativos às expectativas criadas em algumas reuniões sobre ações que estavam sendo idealizadas para acontecerem se concretizar e na reunião seguinte evidenciava-se que nada havia sido concretizado, nem compartilhado durante esse período com partes interessadas que pudessem contribuir dentro do seu alcance com ações que fortaleçam a efetivação de tais ideias. Convergente a esta expressão exposta por alguns participantes, foi notado durante a última reunião do ano de 2019 a exposição por parte da coordenação do movimento ideias interessantes para o ano de 2020; contudo, apesar do reforço feito durante toda a reunião com a reincidência da fala sobre novas modalidades de evento, não foi evidenciado também por parte dos participantes a proatividade em oferecer seus serviços ou conhecimento para composição de tais eventos.

Acredito que um dos agentes causadores da redução das atividades do Movimento ODS para os anos de 2019 e 2020, seja a falta de integração entre a intenção dos participantes em contribuir com as ações desempenhadas pelo movimento, a abertura realizada pela coordenação para maior envolvimento dos membros e a iniciativa dos participantes em tomar a frente como uma modalidade de voluntariado mais propositivo, diminuindo a sobrecarga de responsabilidades e tarefas desempenhadas pela coordenação, além da atual pandemia que estamos enfrentando.

Concluo considerando que sustentabilidade é uma ideia subjetiva composta por representações coletivas instituída por indivíduos que negociam suas compreensões e visões do mundo a cada momento, em velocidades ainda maiores na sociedade moderna. A noção de responsabilidade sobre esta categoria de pensamento se reproduziu na conciliação das falas de todos os entrevistados, distribuíram importância sobre todos os atores sociais e institucionais

da sociedade. Apesar do discurso amplo e alinhado ao discurso formal difundido de forma padronizada, busquei ir além das fachadas como Peter Berger e Luckmann (2004) retratam, no intento de uma compreensão mais aprofundada acerca dos discursos apresentados. Com isso, foi possível identificar as províncias de significados oriundas dos contextos profissionais, pessoais, religiosos e familiares, que tendenciam uma maior importância para as classes estruturais nas quais cada entrevistado se contextualiza.

Nesta perspectiva trago a compreensão da entrevistada E1 sobre a importância dada à estrutura governamental no seu dever e obrigação de se envolver em projetos com as demais instituições sociais, em práticas em prol dos objetivos do desenvolvimento sustentável. Enquanto a entrevistada E2 ressalta a importância nas práticas individuais, independente do comportamento dos demais indivíduos ou instituições as quais eles possam interagir. Em contrapartida, o entrevistado E3 apresenta a relevância da atuação das empresas no papel de alavancagem para um desenvolvimento sustentável, visto que possuem maiores estruturas e condições de realizarem modificações grandiosas em significação e escala que promovam o avanço para a sustentabilidade.

É importante ressaltar que os indivíduos abordados nesta pesquisa interagem e modificam sua realidade social cotidianamente, reconstituindo seus sistemas simbólicos e remodelando seu entendimento, suas significações e sua visão de mundo, abarcando também os temas abordados nesta pesquisa. Neste sentido, os resultados apresentados oriundos da pesquisa etnográfica, configuram um olhar provisório, pois representam um recorte espacial e temporal, visto que em pesquisas futuras, os discursos e compreensões sobre o objeto pesquisado poderão manifestar significações e categorias culturais díspares (GOLDENBERG, 1997).

Considerando as diversas vertentes da sustentabilidade, podemos interpretá-la como uma busca utópica na qual, apesar dos avanços, sempre haverá uma variação e um passo seguinte a ser dado, pertinente aos interesses divergentes impostos pelos atores sociais em posições de poder diferenciadas, que contribuem para adição infindável de requisitos para o alcance conceitual e da almejada sustentabilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALIER, J. M. Justiça ambiental e decrescimento econômico: a aliança dos dois movimentos. *In: LÉNA, Phillip (Dir.). **Enfrentando os limites do crescimento**: sustentabilidade, decrescimento e prosperidade.* Rio de Janeiro: Garamond, 2012.
- BECK, U. **Risikogesellschaft**: Auf dem Weg in eine andere Moderne. Frankfurt: Suhrkamp, 1986.
- BECKER, H. De que lado estamos? *In: BECKER, H. **Uma teoria da ação coletiva**.* Rio de Janeiro: Zahar, 1977. p. 122-136.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BOM JESUS recebe palestra sobre os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio. **O diário do Noroeste**. Bom Jesus, ano 14, 25 jan. 2016.
- BURSZTYN, M. A. A.; BURSZTYN, M. Desenvolvimento sustentável: biografia de um conceito. *In: NASCIMENTO, E. P. do; VIANNA, J. N. de S. **Economia, meio ambiente e comunicação**.* Rio de Janeiro: Garamond, 2006. p. 54-67.
- CASTELLS, M. **A era da informação**: a sociedade em rede. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999. V. 2.
- CONCURSO dos Objetivos do Desenvolvimento do Milênio é lançado em VR. **Diário do Vale**. Volta Redonda, 27 jun. 2012.
- DA MATA, R. O ofício de Etnólogo, ou como Ter “*Anthropological Blues*”. *In: NUNES, E. de O. (Org.) **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social.* Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- DIAS, G. F. História da Educação Ambiental. *In: DIAS, G. F. **Educação Ambiental Princípios e Práticas**.* 9. ed. São Paulo: Gaia, 2004. p.75-92.
- DOMINGUES, J. M. **Teorias sociológicas no século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2001.
- DURKHEIM, É. **As formas elementares da vida religiosa**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- DURKHEIM, Émile. **As Regras de Método Sociológico**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- FERREIRA, A. **Italva recebe prêmio da ODM no Palácio Itamaraty/RJ**. Blog. Rio de Janeiro, 16 dez. 2014.
- FLIPO, Fabrice. Introdução à história do conceito de decrescimento na França. *In: NASCIMENTO, E. P.; LENA, P. **Enfrentando os limites do crescimento***:

sustentabilidade, decrescimento e prosperidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 253-268.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GEERTZ, C. **Clifford Geertz by his colleagues.** University of Chicago Press, 2005.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade.** São Paulo: UNESP, 1991.

GOHN, M. da G. **História dos movimentos e lutas sociais.** São Paulo: Edições Loyola, 1995.

GOHN, M. da G. 500 anos de lutas sociais no Brasil: movimentos sociais, ONGs e terceiro setor. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, v. 5, n. 1, p. 11-40, 2000.

GOHN, M. da G. **Movimentos Sociais e Redes de Mobilizações Cívicas no Brasil Contemporâneo.** Petrópolis: Vozes, 2010.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.** Rio de Janeiro: Record, 1997.

GOMEZ, J. M. Crítica ao conceito de desenvolvimento. **Revista da Geografia e Trabalho.** São Paulo, v. 3, n. 1, 2002.

GUIMARÃES, M. Armadilha pragmática na educação ambiental. *In*: LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. (Org.). **Pensamento complexo, dialética e educação ambiental.** São Paulo: Cortez, 2006.

IPEA, PNUD. Relatório sobre o desenvolvimento humano no Brasil. **Rio de Janeiro**, 1996.

LATOUCHE, S. O decrescimento. Por que e como? *In*: NASCIMENTO, E. P.; LENA, P. **Enfrentando os limites do crescimento: sustentabilidade, decrescimento e prosperidade.** Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

LE BRETON, D. **As paixões ordinárias.** Petrópolis: Vozes, 2009.

LE BRETON, D. O paradoxo do autor - Esboço de uma antropologia do corpo em cena. *In*: LE BRETON, D. **Antropologia das Emoções.** Petrópolis: Vozes, 2019. p. 318-319.

MENDES, G. **Conleste:** com foco nos objetivos de desenvolvimento do milênio. “Oito jeitos de mudar o mundo”, estabelecido pela ONU em 2000, no foco das discussões. 1340AM. Itaboraí, 21 jul. 2013.

MUNICIPALIZAÇÃO dos Objetivos do Desenvolvimento do Milênio na cidade de Mesquita (RJ). ODM Brasil. **Barra GovBr**, Rio de Janeiro, 20 jun. 2012.

NASCIMENTO, E. P. do. Trajetória da sustentabilidade: do ambiental ao social, do social ao econômico. **Estudos avançados**, v. 26, n. 74, p. 51-64, 2012.

NILÓPOLIS é representada em prêmio Parceiros Objetivos do Milênio. **Uma nova Nilópolis**. Nilópolis, 11 dez. 2014.

NOVELINO, R. SEADSH e o Núcleo de ODM realizam seminário sobre o lado positivo da Copa. Assistência Social e Direitos Humanos. **Notícias**. Rio de Janeiro, 16 abr. 2014.

OFICINA de Elaboração de Projetos de ODM é realizada no RJ. Planejamento estratégico. **Portal Brasil**, Mesquita, 12 mar. 2014.

O FUTURO QUE QUEREMOS. Rio de Janeiro: Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável, 2012. 55 p.

OLIVEIRA, G. B. Uma discussão sobre o conceito de desenvolvimento. **Revista da FAE**, v. 5, n. 2, 2002.

O MOVIMENTO NACIONAL E OS ODS. **Histórico**. Movimento Nacional ODS. Nós Podemos. Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, 2016 [3] p.

PAOLI, Maria Célia. Movimentos sociais no Brasil: em busca de um estatuto político. In: HELLMANN, Michaela (Org.). **Movimentos sociais no Brasil**. “Sem a gente, não tem jeito”. São Paulo: Marco Zero/Ildesfes/Labor, 1995.

RELATÓRIO narrativo das atividades. Atividade estadual. Rio de Janeiro, 2015. Pen drive.

REPRESENTANTE do Núcleo ODM do Rio de Janeiro recebe homenagem do Ministério da Saúde por atuação em prol dos ODM. ODM Brasil. **Barra GovBr**, Rio de Janeiro, 25 jun. 2012.

RIST, G. O decrescimento para todos? In: NASCIMENTO, E. P.; LENA, P. **Enfrentando os limites do crescimento**: sustentabilidade, decrescimento e prosperidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

SANTOS, E. L.; BRAGA, V.; SANTOS, R. S.; BRAGA, A. M. S.; Desenvolvimento: um conceito multidimensional. **Desenvolvimento Regional em debate**. Santa Catarina. Ano 2, n. 1, jul. 2012.

SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: SIMMEL, Georg. **O fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SIMMEL, G. **The philosophy of money**. Tradução: Tom Bottomore and David Frisby. New York: Routledge, 1978.

SCHÜTZ, A. O cenário cognitivo do mundo da vida. In: WAGNER, H. R. (Org.). **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

VEIGA, J. E.; ISSBERNER, L.-R. Decrescer crescendo. In: NASCIMENTO, E. P.; LENA, P. **Enfrentando os limites do crescimento**: sustentabilidade, decrescimento e prosperidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

VEIGA, J. E. da. **Para entender o desenvolvimento sustentável**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2015.

VELHO, G. Ideologia e imagem da sociedade. *In*: VELHO, G. **A utopia urbana**: um estudo de antropologia social. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

VELHO, G. Observando o familiar. *In*: VELHO, G. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VELHO, G. Unidades e fragmentação em sociedades complexas. *In*: VELHO, G. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

VELHO, G. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Portal institucional. **Agenda 21**. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental/agenda-21>. Acesso em: 03 mar. 2019.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Portal institucional. Fortalecimento do Papel das Organizações Não-Governamentais: Parceiros para um Desenvolvimento Sustentável. **Agenda 21**. Cap. 27. Disponível em: https://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/cap27.pdf. Acesso em: 03 mar. 2019.

BRUNDTLAND, G. H. **Development and international economic co-operation: environment. General Assembly A/42/427**. United Nations, 1987. p. 54-57. Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=12&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjopqjZob7pAhXBIbkGHeuUAsQQFjALegQIBBAB&url=https%3A%2F%2Fapambiente.pt%2F_cms%2Fview%2Fpage_doc.php%3Fid%3D530&usg=AOvVaw2SC-84DWbiOXH-RvnyzWQv. Acesso em: 27 mar. 2019.

GADELHA, Marina. Seminário na UFRN compartilha boas práticas para Prêmio ODS Brasil. **Agência de Comunicação - AGECOM/UFRN**. Rio Grande do Norte, 11 de maio de 2018. Disponível em: <https://ufrn.br/imprensa/noticias/16245/seminario-na-ufrn-compartilha-boas-praticas-para-premio-ods-brasil>. Acesso em: 02 ago. 2019.

INSTITUTO ARCADIA. PORTAL INSTITUCIONAL. **Arcádia**. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://institutoarcadia.com.br/arcadia/>. Acesso em: 28 mar. 2019.

INSTITUTO ETHOS. PORTAL INSTITUCIONAL. **Sobre o Instituto**. São Paulo, 2016a. Disponível em: <https://www.ethos.org.br/conteudo/sobre-o-instituto/#.XW-zAG5Fz4g>. Acesso em: 03 abr. 2019.

INSTITUTO ETHOS. PORTAL INSTITUCIONAL. **Gestão**. São Paulo, 2016b. Disponível em: <https://www.ethos.org.br/conteudo/gestao/#.XXAKc25Fz4g>. Acesso em: 03 abr. 2019.

MAGALHÃES, C. **5º Encontro do Movimento Nacional ODS Nós Podemos define estratégias para disseminar Agenda 2030**. Fundação Assis Chateaubriand. Brasília. 14 ago. 2017. Disponível em: <http://www.facbrasil.org.br/noticias/5-encontro-do-movimento-nacional-ods-nos-podemos-define-estrategias-para-disseminar-agenda-2030?fbclid=IwAR3yclXNn9GxBU1fZibGCFU5H0v4AyIcZVQhebAGdqImlimXKb7Nj5NB7W8>. Acesso em: 02 ago. 2019.

MEADOWS, D. H.; MEADOWS, D. L.; RANDERS, J.; BEHRENS III, W.W. **The Limits to Growth**. Nova York: Universe Books, 1972. Disponível em: <http://www.donellameadows.org/wp-content/userfiles/Limits-to-Growth-digital-scan-version.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2019.

MOVIMENTO ODS. PORTAL INSTITUCIONAL. **Histórico e resultados**, 2019. Disponível em: <https://movimentoods.org.br/historico-e-resultados/>. Acesso em: 03 maio 2019.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. Portal institucional. **ONU firma acordo com Espírito Santo para melhorar sistema estadual de saúde**. 01 nov. 2018. Disponível em: https://nacoesunidas.org/onu-firma-acordo-com-espírito-santo-para-melhorar-sistema-estadual-de-saude/?fbclid=IwAR1dGGGbHc8PX8iHPYSsC0m4i4sTgUrmP2S0UFVMPpDoFRJ4_pG_2P4fIJo. Acesso em: 02 ago. 2019.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. Portal institucional. **Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. 13 out. 2015. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>. Acesso em: 05 abr. 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. 2015. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>. Acesso em 05 mar. 2019.

C1. [Parcerias realizadas]. WhatsApp: [Grupo Núcleo ODS RJ]. 2 set. 2019. 14:28. 1 mensagem de WhatsApp.

PIRES, M. Vitalis Promoção de Desenvolvimento Social. **Trajetória do Movimento ODS**. Disponível em: <https://www.vitalis.org.br/movimento-ods/>. Acesso em: 02 mar. 2019.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em: <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/sustainable-development-goals.html>. Acesso em: 02 mar. 2019.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Transcrição de roteiro da entrevista

--

Legenda:

(inint) – Trecho sem compreensão.

(palavra 1 / palavra 2) ≈ incerteza da palavra / hipótese alternativa.

((palavra)) ≈ comentários da transcrição.

[...] Demonstração de corte em trechos não relevantes.

Entrevistado: E1**Duração: 00:00:00**

(Início)

(...Nome...)

P: Qual a sua idade?

R:

P: Qual o bairro onde você mora?

R:

P: Em quais instituições você estudou?

R:

P: Qual o seu nível de escolaridade?

R:

P: Qual sua profissão, cargo ou função?

R:

P: Você se importa em falar sobre sua faixa de renda?

R:

P: Como você conheceu o Movimento ODS do Rio de Janeiro?

R:

P: Você pode me falar como foi sua entrada ou adesão ao Movimento ODS do Rio de Janeiro?

R:

P: Em que ano ocorreu seu ingresso no Movimento ODS do Rio de Janeiro?

R:

P: Que representa para você participar do Movimento ODS do Rio de Janeiro?

R:

P: Como é o seu dia a dia fora do Movimento ODS? E como você concilia sua rotina para participar do Movimento ODS do Rio de Janeiro? Não deve ser nada fácil?

R:

P: De maneira geral, você poderia me falar sobre como é sua atuação no Movimento ODS do Rio de Janeiro?

R:

P: Na sua opinião, quais são as principais preocupações que norteiam as atividades realizadas pelo Movimento ODS do Rio de Janeiro?

R:

P: Você já participou de alguma atividade ou movimento que abordasse a questão da sustentabilidade, além das do Movimento ODS do Rio de Janeiro?

R:

P: Como a sustentabilidade aparece para você no dia a dia?

R:

P: Não deve ser fácil conciliar as práticas sustentáveis no âmbito empresarial e domiciliar? Como você enxerga isso?

R:

P: Em relação à sustentabilidade, como que você percebe que esse assunto vem sendo tratado na atualidade?

R:

P: E como você pensa que deveria ser tratado?

R:

P: Você tem esperança de que vamos superar alguns desses grandes desafios ligados à sustentabilidade e ao meio ambiente?

R:

ANEXOS

ANEXO A – Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE FLORESTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PRÁTICAS EM DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(De acordo com a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde).

Título do Estudo: Sustentabilidade, cultura e significado: Um estudo de caso no movimento ODS do Rio de Janeiro.

Pesquisador Responsável: Nathali Vieira da Silva (Mestranda do Programa de Pós-graduação em Práticas em Desenvolvimento Sustentável / UFRRJ);

Orientador: Euler David de Siqueira (UFRRJ).

Instituição Responsável pela Realização do Estudo: Programa de Pós-Graduação em Práticas em Desenvolvimento Sustentável da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, do projeto de pesquisa “**Sustentabilidade, cultura e significado: Um estudo de caso no movimento ODS do Rio de Janeiro.**”, de responsabilidade da pesquisadora Nathali Vieira da Silva.

Leia cuidadosamente o que segue e me pergunte sobre qualquer dúvida que você tiver. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, caso aceite fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que consta em duas vias. Uma via pertence a você e a outra ao pesquisador responsável. Em caso de recusa você não sofrerá nenhuma penalidade.

Eu, _____ livremente participo da pesquisa: **SUSTENTABILIDADE, CULTURA E SIGNIFICADO: UM ESTUDO DE CASO NO MOVIMENTO ODS DO RIO DE JANEIRO**, do trabalho de mestrado de Nathali Vieira da Silva, sob a responsabilidade do Prof. Dr. Euler David de Siqueira, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ e da mestranda Nathali Vieira da Silva.

Estou ciente do que se segue:

A pesquisa tem por objetivo analisar através da oralidade a contribuição da construção social para o contexto da sustentabilidade e identificar os possíveis fatores que contribuem o para meu engajamento em causas sustentáveis, que busquem contribuir com ações para o alcance de melhorias no âmbito econômico, social e ambiental, como o Movimento ODS do Rio de Janeiro.

A minha participação nesta pesquisa consistirá em responder às perguntas formuladas durante a entrevista. Que será conduzida pela pesquisadora, registrada em áudio e ocorrerá em local de minha preferência, com duração variável de acordo com minha disponibilidade.

Riscos: Há riscos mínimos como cansaço, desconforto pelo tempo gasto ao responder as questões propostas. Se isto ocorrer você poderá interromper a entrevista e retomá-la posteriormente, se assim o desejar.

Benefícios: Os benefícios para os integrantes desta pesquisa serão indiretos, pois as informações coletadas fornecerão subsídios para a construção de conhecimento na área, bem como para novas pesquisas a serem desenvolvidas sobre essa temática.

Privacidade: Os nomes dos entrevistados, assim como os demais dados serão confidenciais. Os resultados coletivos serão codificados e divulgados em relatórios e publicações científicas. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma.

Garantia: Os entrevistados possuem plena liberdade de participação na pesquisa. Mesmo que o entrevistado decida participar da pesquisa ele ainda tem a liberdade de se retirar das atividades a qualquer momento, sem qualquer justificativa e sem que isso lhe cause nenhum prejuízo.

Devido à pandemia do SARS-CoV-2, existem riscos à saúde inerentes a interações copresenciais necessárias à realização de entrevistas. Conforme as "Orientações para condução de pesquisas e atividade dos CEPs durante a pandemia provocada pelo coronavírus SARS-CoV-2" (de 01/04/2020), do Ministério da Saúde: "[a]conselha-se a adoção de medidas para a prevenção e gerenciamento de todas as atividades de pesquisa, garantindo-se as ações primordiais à saúde, minimizando prejuízos e potenciais riscos, além de prover cuidado e preservar a integridade e assistência dos participantes e da equipe de pesquisa." E ainda: "[e]m observância às dificuldades operacionais decorrentes de todas as medidas impostas pela pandemia do SARS-CoV-2, é necessário zelar pelo melhor interesse do participante da pesquisa, mantendo-o informado sobre as modificações do protocolo de pesquisa que possam afetá-lo, principalmente se houver ajuste na condução do estudo, cronograma ou plano de trabalho." Neste sentido, as entrevistas serão realizadas por meio de videoconferências.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um colegiado interdisciplinar e independente, com função pública, que deve existir nas instituições que realizam pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil, criado para defender os interesses dos sujeitos da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Para esta pesquisa o CEP validador é do CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, localizada na Av Pasteur, 250 - Praia Vermelha - Prédio CFCH - 3º andar - Sala 30 - Bairro: URCA - UF: RJ - Município: Rio de Janeiro - CEP: 22.290-240. Contato para esclarecimentos, Telefone: (21)3938-5167 - E-mail: cep.cfch@gmail.com.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu (NOME) _____, estou de acordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Rio de Janeiro, ___de___de 2020

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito de pesquisa para a participação neste estudo.

Nathali Vieira da Silva

Mestranda no Programa em Práticas em Desenvolvimento Sustentável da UFRRJ

Telefone: (21) 99787-4927

Rua Anfilóbio de Carvalho, 29 sala 901, centro – CEP 20030-060

TELEFONE (21) 2220-4568 – ENDEREÇO ELETRÔNICO: ppgpds@ufrj.br

ANEXO B – Aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa

UFRJ - CENTRO DE FILOSOFIA
E CIÊNCIAS HUMANAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Sustentabilidade, cultura e significado: Um estudo de caso no movimento ODS do Rio de Janeiro.

Pesquisador: Nathall Vieira da Silva

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 28233519.0.0000.5582

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.973.869

Apresentação do Projeto:

O trabalho submetido consiste numa dissertação de mestrado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PRÁTICAS EM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL vinculado ao INSTITUTO DE FLORESTAS da UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO. Trata-se de um estudo sobre as condições de engajamento dos atores sociais em causas ligadas ao desenvolvimento sustentável dentro de uma perspectiva de construção social. O presente trabalho envolve entrevistas com 28 participantes do "Movimento ODS" (Objetivos do Desenvolvimento Sustentável) do Estado do Rio de Janeiro. Este movimento se alinha à Agenda 2030 aprovada pelos 193 países membros das Nações Unidas em setembro de 2015.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo primário é: "Compreender a contribuição da construção social para o contexto da sustentabilidade";

O objetivo secundário é: "Identificar os potenciais fatores que estimulem o engajamento dos atores sociais em causas sustentáveis e em movimentos sociais que buscam contribuir com ações para o alcance de melhorias no âmbito econômico, social e ambiental".

Endereço: Av Pasteur, 250-Prata Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30

Bairro: URCA

CEP: 22.290-240

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)3938-5167

E-mail: cep.cfch@gmail.com

Continuação do Parecer: 0.070.000

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O PB de Informações Básicas do Projeto menciona riscos e benefícios.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa possui caráter etnográfico e qualitativo.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A pesquisadora revisou o RCLE de acordo com as orientações deste CEP.

Recomendações:

No RCLE, explicitar que, devido à pandemia do SARS-CoV-2, existem riscos à saúde inerentes a interações copresenciais necessárias à realização de entrevistas. Conforme as "Orientações para condução de pesquisas e atividade dos CEPs durante a pandemia provocada pelo coronavírus SARS-CoV-2" (de 01/04/2020), do Ministério da Saúde: "[a]conselha-se a adoção de medidas para a prevenção e gerenciamento de todas as atividades de pesquisa, garantindo-se as ações primordiais à saúde, minimizando prejuízos e potenciais riscos, além de prover cuidado e preservar a integridade e assistência dos participantes e da equipe de pesquisa." E ainda: "[e]m observância às dificuldades operacionais decorrentes de todas as medidas impostas pela pandemia do SARS-CoV-2, é necessário zelar pelo melhor interesse do participante da pesquisa, mantendo-o informado sobre as modificações do protocolo de pesquisa que possam afetá-lo, principalmente se houver ajuste na condução do estudo, cronograma ou plano de trabalho."

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto está aprovado, e reforça-se o cumprimento da recomendação acima.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_1424092.pdf	18/03/2020 22:34:17		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	RCLE.docx	18/03/2020 22:33:15	Nathali Vieira da Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	TCLE.pdf	17/02/2020 19:53:13	Nathali Vieira da Silva	Aceito

Endereço: Av Pasteur, 250-Prata Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30
 Bairro: URCA CEP: 22.290-240
 UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
 Telefone: (21)3038-5167 E-mail: cep.cfch@gmail.com